



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**TERRITÓRIOS E AFETOS: DECOLONIALIDADE EM *VASTO*  
*MAR DE SARGAÇOS*, DE JEAN RHYS**

**ANA PAULA HERCULANO BARBOSA**  
ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> LIANE SCHNEIDER

JOÃO PESSOA-PB  
JULHO/2024

ANA PAULA HERCULANO BARBOSA

**TERRITÓRIOS E AFETOS: DECOLONIALIDADE EM *VASTO*  
*MAR DE SARGAÇOS*, DE JEAN RHYS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Literatura, Teoria e Crítica

**Linha de pesquisa:** Estudos Decoloniais e Feministas

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liane Schneider.

JOÃO PESSOA-PB

JULHO/2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS,  
LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)  
ANA PAULA HERCULANO BARBOSA

Aos dezenove dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro, às dez horas e trinta minutos, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada: “**TERRITÓRIOS E AFETOS: DECOLONIALIDADE EM VASTO MAR DE SARGAÇOS, DE JEAN RHYS**”, apresentada pelo(a) aluno(a) Ana Paula Herculano Barbosa, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O (A) professor(a) Doutor(a) Liane Schneider (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora, da qual fizeram parte os professores doutores Ana Cristina Marinho Lucio (PPGL/UFPB) e Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao (à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Liane Schneider (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 19 de junho de 2024.

**Parecer:**

A banca considera o trabalho apresentado como de alta qualidade, com boa organização e desenvolvimento, trazendo importantes contribuições à linha de pesquisa específica em que a discente está inserida, bem como aos estudos literários em geral. É um trabalho bem redigido, com reflexões crítico-literárias de profundidade e que, aos olhos da banca, merece indicação para publicação.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** LIANE SCHNEIDER  
Data: 30/07/2024 16:26:53-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Liane  
Schneider (Presidente da  
Banca)

Profa. Dra. Josilene Pinheiro-  
Mariz (Examinadora)

Profa. Dra. Ana Cristina Marinho  
Lucio (Examinadora)

Ana Paula Herculano  
Barbosa (Mestranda)

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

B238t Barbosa, Ana Paula Herculano.  
Territórios e afetos: decolonialidade em vasto mar  
de sargaços, de Jean Rhys / Ana Paula Herculano  
Barbosa. - João Pessoa, 2024.  
124 f.

Orientação: Liane Schneider.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Vasto mar de sargaços. 2. Jean Rhys. 3.  
Decolonialidade. 4. Território. 5. Afeto. 6. Corpo. 7.  
Violência. I. Schneider, Liane. II. Título.

UFPB/BC

CDU 821(043)

*A todas as mulheres que conheci nessa longa caminhada que é a vida e que me inspiraram a questionar o sistema e a erguer minha voz em nossas lutas, vocês são a minha força e esperança de que dias 'mulheres' virão.*

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Ana Maria Herculano, pelo amor que sempre me dedicou e pela sua confiança em minhas escolhas que me incentivou a me tornar a mulher que sou.

A minha avó materna, Josefa Herculano Marinho, pela sabedoria que tanto me ajuda a seguir em frente e aos afetos que sempre envolveram a nossa relação.

A minha orientadora, Liane, pela felicidade de nosso encontro e trabalho juntas, pelo respeito às minhas escolhas e pela orientação banhada em afetos, bem como por acreditar e apoiar as minhas ideias.

Ao meu avô materno, Antônio Herculano Neto, que me ensinou o valor da vida, *in memoriam*.

As minhas companheiras caninas, Amora e Ameixa, que estavam sempre ao meu lado durante a redação desta pesquisa.

As minhas tias e tios que sempre zelam pelo meu bem-estar.

As minhas irmãs, Anna Cláudia e Maria Yasmin, por existirem na minha vida e serem sempre uma fonte de transformação.

As minhas afilhadas, Ana Clara e Ana Karolina, por banharem a minha existência em afetos e esperança.

A minha prima Ana Taís pela escuta sensível e o compartilhamento de nossos planos e sonhos.

Ao meu amigo Jorge pelo apoio constante em todos os meus novos projetos e sonhos, sem as suas palavras esse caminho teria sido imensamente tortuoso e solitário.

As minhas amigas, Cintia, Kerolainy, Gabriela e Eduarda, por acreditarem em mim de maneira constante nesses mais de dez anos de amizade.

A Karenina pelo incentivo constante às minhas ideias e pelas palavras de apoio nos momentos difíceis.

Ao grupo de estudos Literatrama pelas longas conversas e leituras que tanto me ajudaram nessa caminhada que foi o mestrado.

A professora Danielle Marques que viu essa pesquisa nascer e sempre acreditou no meu potencial, seu incentivo me fez acreditar que estou no caminho certo.

A professora Ana Cristina Marinho Lúcio que vem acompanhando essa pesquisa desde os meus primeiros passos no PPGL e aceitou compor esta banca, dedicando o seu tempo para colaborar com o encerramento de uma jornada tão sonhada.

A professora Josilene Pinheiro-Mariz que é uma pessoa tão especial nessa minha jornada acadêmica, obrigada pelos seus conselhos e palavras motivadoras. Grata pela sua participação nesse momento tão aguardado por mim.

A professora Elizabeth Souto Maior por aceitar compor esta banca como suplente e pela sua leitura cuidadosa deste texto ainda durante a qualificação.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras e a CAPES pelo incentivo à pesquisa em nosso país.

*“Pois as ferramentas do senhor nunca derrubaram a casa-grande. Elas podem possibilitar que os vençamos em seu próprio jogo durante certo tempo, mas nunca permitirão que provoquemos uma mudança autêntica. E isso só é ameaçador para aquelas mulheres que ainda consideram a casa-grande como sua única fonte de apoio.”*

Audre Lorde

## RESUMO

Os estudos decoloniais surgem como um movimento de reelaboração de perspectivas na produção do conhecimento, possibilitando o reposicionamento e revisão dos processos colonizatórios nas Américas. Partindo desse viés decolonial, analisamos o nosso *corpus* de pesquisa, o romance *Vasto mar de sargaços* ([1966]2012) da escritora caribenha Jean Rhys. Através da narrativa rhyiana passamos a conhecer Antoinette, protagonista do romance, que é acompanhada da infância até a vida adulta em seus trânsitos por diferentes territórios; ela, uma mulher crioula vinda da elite local, cresce na Jamaica colonial após o Ato de Emancipação de 1833 (Freitas, 2017; Silva, 2021), sob a forte influência do sistema moderno-colonial. Ao casar-se com um homem inglês aristocrata, Antoinette passa a sofrer de maneira mais direta com práticas violentas disseminadas pelo regime colonial. Com o intuito de empreendermos a análise do romance rhyiano partindo do giro decolonial (Segato, 2021;2022), tratamos dos conceitos de território, corpo, afeto e violência a partir dessa perspectiva. Dessa forma, discutimos as violências perpetradas contra a protagonista e outras duas mulheres - sua mãe Annette e sua antiga babá Christophine, a partir da leitura dos corpos delas como territórios. Também pensamos as reações desses corpos-territórios frente às violências que sofrem, sendo esses atos violentos apoiados pelas políticas do sistema moderno-colonial. Ainda tratando do conceito de território, agora vinculado aos afetos, pensando estes como potência, analisamos o poder da territorialidade em afetar o sujeito, direcionando nosso olhar para a maneira pela qual os territórios influenciam Antoinette. Para alcançarmos tais objetivos, tratamos, inicialmente, da obra rhyiana e a produção acadêmica brasileira sobre as narrativas de Rhys. Para adentrarmos a discussão sobre decolonialidade recorreremos a autoras/es como: Quijano (1992), Maldonado-Torres (2018), Mignolo e Walsh (2018), Segato (2012;2021;2022), Mendoza (2010), Ballestrin (2013), Dussel (2000) e Lugones (2014;2020). Tratando de terminologias que envolvem o giro decolonial e que possibilitaram o desenvolvimento das seções seguintes, nas quais discutimos os atos violentos dos quais as personagens foram vítimas e suas reações frente a essas violências. Ao tratar da relação entre territórios e afetos, realizamos discussões sobre o termo afeto e o viés que optamos seguir ao utilizá-lo em nossa pesquisa, trabalhando com autoras/es como: Ahmed (2014), Almeida (2015a;2015b), Deleuze (2019), Haesbaert (2020;2021), hooks (2021), Lara (2020;2021), Solana e Vaccarezza (2020a;2020b), entre outras/os. Ao tratar dos territórios de afetos enfatizamos a influência da territorialidade sobre as subjetividades. O percurso empreendido nos permitiu estabelecermos conexões entre a decolonialidade e a releitura da figura da vítima passiva, lugar esse que não é ocupado pelas personagens Antoinette, Annette e Christophine, além de podermos averiguar a importância da territorialidade e dos afetos para as práticas de resistência da protagonista Antoinette.

**Palavras-chaves:** *Vasto mar de sargaços*; Jean Rhys; Decolonialidade; Território; Afeto; Corpo; Violência.

## ABSTRACT

Decolonial studies have emerged as a movement to re-elaborate perspectives in the production of knowledge, making it possible to reposition and review colonizing processes in the Americas. From this decolonial perspective, we analyzed our research corpus, the novel *Wide Sargasso Sea* ([1966]2016) by Caribbean writer Jean Rhys. Through the Rhysian narrative we get to know Antoinette, the novel's protagonist, who is followed from childhood to adulthood in her transits through different territories; she, a Creole woman from the local elite, grows up in colonial Jamaica after the Emancipation Act of 1833 (Freitas, 2017; Silva, 2021), under the strong influence of the modern-colonial system. By marrying an aristocratic English man, Antoinette began to suffer more directly from the violent practices disseminated by the colonial regime. In order to analyze the Rhysian novel on the basis of the decolonial turn (Segato, 2021;2022), we dealt with the concepts of territory, body, affection and violence on the basis of this perspective. In this way, we discuss the violence perpetrated against the protagonist and two other women - her mother Annette and her former nanny Christophine - by reading their bodies as territories. We also consider the reactions of these bodies-territories to the violence they suffer, with these violent acts being supported by the policies of the modern-colonial system. Still dealing with the concept of territory, now linked to affections, thinking of these as potency, we analyze the power of territoriality to affect the subject, directing our gaze to the way in which territories influence Antoinette. In order to achieve these objectives, we will begin by analyzing Rhysian work and the Brazilian academic production on Rhys's narratives. In order to enter the discussion on decoloniality, we turned to authors such as: Quijano (1992), Maldonado-Torres (2018), Mignolo and Walsh (2018), Segato (2012;2021;2022), Mendoza (2010), Ballestrin (2013), Dussel (2000) and Lugones (2014;2020). We deal with terminologies that involve the decolonial turn and that have enabled the development of the following sections, in which we discuss the violent acts that Antoinette, Annette and Christophine were victims and their reactions to this violence. When dealing with the relationship between territories and affections, we discussed the term affection and the bias we chose to follow when using it in our research, working with authors such as Ahmed (2014), Almeida (2015a;2015b), Deleuze (2019), Haesbaert (2020;2021), hooks (2021), Lara (2020;2021), Solana and Vaccarezza (2020a;2020b), among others. When dealing with territories of affections, we emphasize the influence of territoriality on subjectivities. Our analysis has allowed us to establish connections between decoloniality and the re-reading of the figure of the passive victim, a place that is not occupied by the characters Antoinette, Annette and Christophine; as well as being able to ascertain the importance of territoriality and affections for the protagonist Antoinette's practices of resistance.

**Keywords:** *Wide Sargasso Sea*; Jean Rhys; Decoloniality; Territory; Affection; Body; Violence.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1: JEAN RHYS E O FAZER TERRITORIAL NO CARIBE.....</b>	<b>16</b>
1.1 Jean Rhys: Vida e obra.....	16
1.2 Das escolhas de pesquisa à fortuna crítica de uma vizinha tão distante.....	25
<b>CAPÍTULO 2: CORPOS COLONIAIS EM CENA - VIOLÊNCIA E</b>	
<b>INSUBMISSÃO.....</b>	<b>33</b>
2.1 Decolonialidade e a reescritura de existências.....	33
2.2 Annette e Christophine: Resistência às colonialidades.....	40
2.3 Antoniette: A luta pelo território.....	56
<b>CAPÍTULO 3: TERRITÓRIOS E AFETOS EM VASTO MAR DE SARGAÇOS,</b>	
<b>DE JEAN RHYS.....</b>	<b>68</b>
3.1 Os afetos nas Américas: Leituras das relações e dos territórios afetivos.....	68
3.2 Coulibri e as sensibilidades de uma criança.....	78
3.3 Entre perspectivas: O vivenciar dos territórios caribenhos em Vasto mar de sargaços.....	91
3.4 Aprisionamento do ser: Diminuição da potência de agir a partir da desterritorialização.....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

Em 1966, Jean Rhys publica *Wide Sargasso Sea* [Vasto mar de sargaços] na Inglaterra. Em sua narrativa, criada ao longo de vários anos, ela nos apresenta Antoinette, mulher caribenha filha da elite local jamaicana nascida durante o período colonial inglês, por volta das primeiras décadas do século XIX. Acompanhamos as vivências de Antoinette pelos territórios caribenhos e estrangeiros, da infância à vida adulta, as suas alegrias e as tragédias que marcam a personagem. Ao nos apresentar essa mulher que foi criada nutrindo vínculos extremamente fortes com o Caribe, Rhys em sua criação artística permite que estabeleçamos relações entre as opressões vividas pelas personagens do romance e o sistema moderno-colonial.

Nos posicionando enquanto pesquisadoras decoloniais e feministas, objetivamos em nossa pesquisa trazer a decolonialidade como enfoque pelo qual enveredamos para tratar os conceitos de território, corpo, afeto e violência. Partindo desse viés decolonial discutimos as violências perpetradas contra as personagens Antoinette, Annette e Christophine, a partir da leitura dos corpos dessas como territórios e, também, pensamos as reações desses corpos-territórios frente às violências que sofrem, sendo esses atos violentos apoiados pelas políticas do sistema moderno-colonial. E dando continuidade ao trabalho com o conceito de território, agora vinculado aos afetos, pensando esses como potência, analisamos o poder da territorialidade em afetar o sujeito, com interesse de averiguar como os territórios influenciam Antoinette.

No primeiro capítulo desta pesquisa, tratamos da vida e obra da autora de *Vasto mar de sargaços* (2012), nosso *corpus*, a dominicana Jean Rhys; a escritora viveu à margem na sociedade europeia enquanto publicava seus escritos. Escrevendo desse lugar, Rhys nos presenteia com mulheres que compartilham entre si o *status* de estrangeiridade em relação ao meio social no qual estão inseridas, seja por questões de nacionalidade ou classe social. Apontada por Lopoukhine (2021) como uma escritora difícil de categorizar, se atribui essa dificuldade à identidade diversa de Rhys. A apreciação estética da obra rhyssiana pode surgir justamente do não enquadramento da escritora em nenhum dos rótulos que tentam lhe atribuir, de escritora modernista, feminista, pós-colonial, entre outros; discutimos a inovação de sua escrita durante décadas e o seu reconhecimento tardio. O grande retorno de Rhys

ao cenário literário internacional ocorreu com *Vasto mar de sargaços* (2012), de acordo com Savory (2004;2009).

Ao pensar em uma escritora que encabeça a grande maioria das antologias de escritores/as caribenhos/as do século XX nos Estados Unidos e em países europeus, foi de nosso interesse realizar um levantamento das pesquisas relacionadas a Jean Rhys em território nacional. Então, em nossa segunda seção, “Das escolhas de pesquisa à fortuna crítica de uma vizinha tão distante”, para emprendermos tal objetivo elencamos dois parâmetros para seleção de pesquisas acadêmicas que utilizassem a obra de Rhys como *corpus*: 1) as pesquisas deveriam ter sido desenvolvidas no Brasil; e 2) deveriam ser trabalhos de pesquisas de pós-graduação, no grau de mestrado ou doutorado. O local escolhido para a procura por tais trabalhos foi o *Catálogo de Teses e Dissertações* da Capes. Procedemos, então, às discussões das quatro pesquisas encontradas que possuíam como *corpus* o romance *Vasto mar de sargaços*. Além disso, ao longo de nossa pesquisa, voltamos a alguns pontos discutidos pelos/as pesquisadores/as que convergem para nossas discussões.

O nosso segundo capítulo, “Corpos coloniais em cena: Insubmissão e violência”, foi dividido em três seções: “Decolonialidade e reescritura de existências”, “Annette e Christophine: Resistência às colonialidades” e, por fim, “Antoinette: A luta pelo território”. Em nossa primeira seção, realizamos a discussão sobre o giro decolonial e os conceitos de decolonialidade, colonização, colonialismo, colonialidade e raça, a partir dos/as autores/as: Quijano (1992), Maldonado-Torres (2018), Mignolo e Walsh (2018), Segato (2012; 2021; 2022), Mendonza (2010), Ballestrin (2013) e Dussel (2000). Tais discussões foram empreendidas para elucidarmos mais sobre a decolonialidade, que é o caminho pelo qual todos os nossos conceitos e posicionamentos políticos e sociais partem. Na segunda seção, “Annette e Christophine: Resistência às colonialidades”, tratamos das “mães” de Antoinette, amparadas pelos referidos/as autores/as, além de Lugones (2014;2020) para tratarmos de questões de interseccionalidade na análise das violências empreendidas contra esses corpos-territórios. Tratando dos conceitos de território, corpo, violência e das possíveis reações dessas mulheres ao sistema moderno-colonial, discussão que continua na seção seguinte, “Antoinette: A luta pelo território”, quando analisamos como o corpo-território de Antoinette é atacado pelas violências coloniais e quais as suas reações frente a elas.

Em nosso terceiro e último capítulo, “Territórios e afetos em *Vasto mar de sargaços*, de Jean Rhys”, temos as seguintes seções: “Os afetos nas Américas: Leituras das relações e dos territórios afetivos”, “Coulibri e as sensibilidades de uma criança”, “Entre perspectivas: O vivenciar os territórios caribenhos em *Vasto mar de sargaços*” e “Aprisionamento do ser: Diminuição da potência de agir a partir da desterritorialização”. Na primeira seção do referido capítulo, optamos por realizar uma discussão acerca do termo “afetos”, para que melhor pudéssemos elucidar a quais “afetos” estávamos nos referindo. Inicialmente, tratamos dos afetos a partir do viés spinozano, seguindo as discussões de Deleuze (2019) e dialogando com o filósofo sobre algumas distinções terminológicas para tratarmos dos afetos como potência, que podem aumentar ou diminuir a capacidade de agir do sujeito a depender da maneira que ele seja afetado.

Ao pensar os afetos lidos como potências foi possível vincular o campo das sensibilidades em nossa discussão, envolvendo as questões afetivas que convergem para aumento ou diminuição da capacidade de agir do sujeito. Contamos com algumas discussões de Solana e Vaccarezza (2020a;2020b), para elaborarmos a produção de pesquisas sobre os afetos a partir de um viés feminista e decolonial. Ao seguir para a segunda seção, propomos a articulação dos termos território e afeto, refletindo sobre a maneira como a territorialidade afeta as existências; pensando na primeira parte do romance de Rhys, a infância da personagem Antoinette e seu forte vínculo afetivo com a propriedade de Coulibri e com Christophine. Analisando como a vida da personagem é influenciada pelas suas vivências naquele território que a atravessa. Os ecos dessa importância territorial podem ser também vistos na terceira seção, “Entre perspectivas: O vivenciar os espaços caribenhos em *Vasto mar de sargaços*”, quando ao casar a personagem consegue regressar para outro lugar muito amado por ela, Granbois, lhe trazendo memórias de Coulibri.

O casamento de Antoinette e a lua de mel em Granbois permitem contrastar as diferentes formas que um território pode afetar os sujeitos, ao compararmos a maneira como Antoinette reage aquele espaço e como o seu marido europeu está se sentindo. Ao pensar no relacionamento deles, voltamos a algumas discussões realizadas no capítulo anterior, o interesse do marido em obter controle sobre a esposa e a maneira como o corpo dela aparece como a última fronteira do ser, quando ela luta para defender-se da dominação patriarcal e colonialista, representada nas ações do marido. Assim chegamos a última seção, na qual tratamos da prática da desterritorialização

(Haesbaert;Bruce, 2002) de Antoinette como mais uma violência perpetrada pelo marido para tentar assumir o controle sobre a personagem. Pensando na maneira como o processo de desterritorialização afetou aquela existência chegamos ao ponto em que podemos averiguar a importância da relação sujeito e território na luta pela sobrevivência frente às violências coloniais.

Após esses capítulos, apresentamos nossas considerações finais, pretendendo ter conseguido colaborar com o aprofundamento de pesquisas sobre Jean Rhys, bem como com aquelas desenvolvidas no âmbito da linha “Estudos decoloniais e feministas”, do PPGL/UFPB.

## CAPÍTULO 1: JEAN RHYS E O FAZER TERRITORIAL NO CARIBE

*Living in a state of psychic unrest, in a Borderland, is what makes  
poets write and artists create.<sup>1</sup>*

Gloria Anzaldúa

### 1.1 Jean Rhys: Vida e obra

O não pertencer, não se identificar com o novo território, estando muito longe da sua pátria, e o desconforto da solidão da sua condição são alguns dos sentimentos com que a escritora dominicana Jean Rhys aprendeu a conviver assim que migrou para a Inglaterra em 1907, aos 17 anos de idade. Nascida na ex-colônia inglesa, o país insular caribenho, Dominica, em 24 de agosto de 1890, Jean Rhys, pertencia à elite branca da ilha. Seu país de origem foi marcado pela escravidão e hegemonia branca inglesa; sua família era dona de propriedades havia gerações, o que proporcionou à escritora uma boa educação, principalmente nas escolas católicas da localidade. Contudo, ao migrar para a Inglaterra o seu *status* de mulher crioula<sup>2</sup>, uma imigrante na sociedade inglesa, fez com que vivesse à margem naquele país (Savory, 2009). Após quase um século da publicação do seu primeiro livro, a coletânea de contos *The Left Bank* (1927), o trabalho de Jean Rhys figurava como uma escrita caribenha que passou a ganhar visibilidade no meio literário entre as décadas de 1960 e 1980, sendo sempre mencionada nas coletâneas e trabalhos acadêmicos. Contudo, nem sempre foi assim, a escritora passou muitas décadas negligenciada e esquecida.

Para a organização eficaz e ambientação do romance *Vasto mar de sargaços*, que é o nosso *corpus* de análise nesta pesquisa, nos propomos a tratar da vida da escritora Jean Rhys e o período no qual a mesma realizou suas publicações, destacando algumas características de sua escrita e da possível relação entre essa e o modernismo, feminismo e pós-colonialismo (Lopoukhine, 2021). A escritora que nasceu como Ella Gwendoline Rees Williams teve muitos nomes e pseudônimos

---

<sup>1</sup> Todas as traduções de citações em língua estrangeira são traduções livres de minha autoria, com revisão da minha orientadora.

Segue a tradução da epígrafe: Viver em estado de inquietude psíquica, em Fronteira, é o que faz os poetas escreverem e os artistas criarem. (Anzaldúa, 1987, p. 73)

<sup>2</sup> “Crioulo/crioula é um termo usado nas Índias Ocidentais para se referir tanto aos descendentes de Africanos quanto aos descendentes de Europeus que nasceram no Caribe e se naturalizaram caribenhos. “Crioulo/crioula” é um substantivo que se refere tanto às pessoas, quanto à língua, e é também um adjetivo. Rhys e sua mãe eram crioulas, mas seu pai não. Os descendentes de escravos são crioulos, mas os povos indígenas remanescentes, arauaques e caribes, não.” (Freitas, 2018, p. 141)

diferentes durante a sua vida. Quando migrou para a Inglaterra tentou trabalhar no teatro e adotou o nome de Ella Gray; a carreira nas artes cênicas não durou muito e foi motivo de frustração para Rhys, creditando a falta de prosperidade nos palcos ao preconceito do público para com imigrantes (Savory, 2009). Depois adotou o sobrenome do marido no primeiro casamento, Ella Lenglet; utilizou o pseudônimo Jean Rhys a primeira vez ao se divorciar de Lenglet e quando iniciou a carreira como escritora, entre 1927 e 1945, e, ao casar-se novamente, passou a se chamar Ella Hamer (Savory, 2009). Após alguns anos tentando estabelecer carreira no meio artístico-literário inglês, acaba desistindo e indo para a França. Lá mantém contato com o crítico e escritor Ford Madox Ford e o relacionamento entre eles acaba sendo vantajoso para Rhys. A escritora, que foi contemporânea de autores modernistas aclamados como: Virginia Woolf, James Joyce, Ezra Pound, Ernest Hemingway e Gertrude Stein, acaba tendo um dos seus contos, *Vienne*, resenhado por Ford em uma publicação respeitada na época, que já havia veiculado trabalhos de alguns desses escritores e escritoras bem conhecidos do período. Essa publicação proporcionou notoriedade a Jean Rhys, uma jovem e desconhecida escritora cujo trabalho passa a figurar entre o de escritoras e escritores de reputação e talento consolidados.

Ao publicar o seu primeiro livro, em 1927, a escritora deu início a um longo período produtivo, optando por viver na França durante boa parte desse período. De acordo com Savory (2009) em sua autobiografia inacabada, *Smile Please* (1979), Rhys deixa claro que não gostava da Inglaterra: “este país frio e escuro” era tão perturbador que ela descobriu que “meu amor e desejo por livros me deixou completamente” (Rhys, 1979 *apud* Savory, 2009, p. 12)<sup>3</sup> e sempre que possível se instalava em solo francês. Fosse pela forte conexão entre o idioma e a cultura com a sua terra natal - a Dominica foi colônia francesa até 1763, localizando-se próximo das ilhas de Santa Lúcia, Martinica e Guadalupe, localidades francófonas, fosse por nutrir amor pela literatura e cultura do país, essa era sua localização preferida na Europa.

Nesse período escritores e escritoras usufruíram do espaço criativo e inovador que Paris propiciava para aqueles que apreciavam as artes; com Rhys não foi diferente. Contudo, ao compararmos o reconhecimento que os seus contemporâneos obtiveram e o que lhe foi dado no mesmo período, é perceptível a diferença de atenção dedicada a suas publicações. Mesmo publicando algumas de suas obras no

---

<sup>3</sup> “this cold, dark country” was so unsettling that she found “my love and longing for books completely left me” (Rhys, 1979 *apud* Savory, 2009, p. 12)

período modernista e circulando pelos cafés e salões de reunião da época, que eram frequentados pelos apreciadores das artes e as/os escritoras/es, Rhys nunca se vinculou oficialmente a nenhum grupo de escritoras/es modernistas e também não participou de círculos literários; conservou seu trajeto na literatura de forma solitária. Talvez sua condição de imigrante, quando não era tão comum encontrar mulheres caribenhas nessa situação, e a sua difícil relação com a sua própria identidade, possam ser apontadas como motivos desse isolamento.

Referida como uma “estrangeira entre estrangeiros<sup>4</sup>” (Benstock, 1988, p. 448 *apud* Lopoukhine, 2021, p. 1), Jean Rhys é apontada ao longo dos estudos sobre a sua obra como uma escritora difícil de categorizar. Essa dificuldade de categorizá-la e rotulá-la como uma escritora modernista, ou feminista, ou pós-colonial nasce da sua identidade diversa e dos temas que ela trazia à tona em suas publicações. Rhys era dominicana de nascimento, com pai galês e mãe crioula, identidade da qual toma consciência quando migra para a Europa, o que deixa marcas na sua escrita. Emigrar de um país tão diverso, cultural e geograficamente, que vivenciava um processo de construção identitária nacional ao passar a ser uma ex-colônia inglesa, além do fato de mudar-se para a Inglaterra, provavelmente, fez com que ela questionasse muito de si e do que a rodeava, diante de diferenças culturais e sociais tão latentes. Como Savory (2009, p. 15) argumenta: "o desenvolvimento de uma estética modernista em Rhys é profundamente informado por sua complicada identidade cultural."<sup>5</sup> E ela leva para suas publicações no período modernista europeu pontos que futuramente seriam tratados pelas teorias feminista e pós-colonial como, por exemplo, a condição das mulheres vindas de territórios colonizados pelo imperialismo europeu e o espaço reservado a esses corpos nas antigas metrópoles. Como pontua Lopoukhine, (2021, p. 1-2),

A sua oscilação entre posturas de inclusão e exclusão em campos críticos, o seu gênero e a sua identidade de sujeito das Índias Ocidentais, são ainda mais complicados pela sua própria ambivalência em relação a qualquer grupo ou movimento que a forçasse a algum tipo de pertença. Se, indiscutivelmente, todas/os as/os escritoras/es experimentais escapam às categorias, enquanto mulher crioula branca obrigada a viver no coração do Império, Jean Rhys o fez de uma forma singular.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> (...) outsider among outsiders (Benstock, 1988, p. 448 *apud* Lopoukhine, 2021, p. 1)

<sup>5</sup> Rhys's development of a modernist aesthetic is deeply informed by her complicated cultural identity. (SAVORY, 2009, p. 15)

<sup>6</sup> Her oscillation between postures of inclusion and exclusion within critical fields, her gender and West Indian identity, are further complicated by her own ambivalence towards any establishment or group that might force her into some kind of belonging. If, arguably, all experimental writers escape

Então essa estrangeiridade intrínseca a Jean Rhys fez com que a autora não integrasse o cânone do movimento modernista europeu; como coloca Lopoukhine (2021, p. 3), seus trabalhos “não eram lidos ou reconhecidos nos círculos europeus modernistas<sup>7</sup>”, é um dos pontos que fez com que, décadas depois, sua obra fosse reeditada, é um traço singular do trabalho da caribenha. Sua existência às margens do movimento modernista e da sociedade europeia, seu isolamento e a dificuldade de enquadrá-la em categorias fez com a escritora vivesse neste *status* perpétuo de exceção (Lopoukhine, 2021), que começou a ser alterado após o sucesso de *Vasto mar de sargaços* na década de 1960. Após essa volta ao cenário literário, alguns críticos a colocaram em um “cânone marginal” (Johnson; Moran, 2015, p. 4 *apud* Lopoukhine, 2021, p. 4), como se fosse necessário inseri-la em um movimento literário europeu para reconhecer, após décadas, a qualidade e inovação de sua produção literária.

A escritora é um sujeito que navegou nesse entre-lugar marginal durante sua existência, acreditamos que seja pertinente ao percurso de Rhys utilizarmos a elaboração de um “cânone marginal” para reconhecer o valor de sua obra. Tendo em vista que em suas obras a autora, enquanto sujeito vindo das ditas Índias Ocidentais, critica esse sujeito cartesiano europeu. Da mesma forma que a identidade da escritora é múltipla, a sua escrita também o é, e essa não ganharia valor analítico enquadrando sua produção literária em “caixas” de categorização; é a diversidade da sua escrita que atraiu nosso olhar para analisarmos um dos seus romances nesta pesquisa.

De acordo com Freitas (2017, p. 29), Rhys não traz em sua escrita a perspectiva do viajante ou exilado semelhante a seus contemporâneos do sexo masculino do período modernista, mas “sua ficção está mais próxima do silêncio incomensurável do exílio vivido como solidão, desamparo, marginalização.” Dessa forma, observar as publicações literárias da autora a partir das lentes modernistas é também lançar-se ao estudo de uma literatura que não se encontra no cânone do movimento e que traz características que excedem as publicações escritas neste período. Em suas narrativas podemos encontrar traços do que se passou a chamar de pós-moderno e pós-colonial. Ao tutelar Rhys, por um curto espaço de tempo, Ford reconhece na mesma uma certa sensibilidade para uma escrita diferente e não europeia.

---

categories, as a white creole woman compelled to live in the heart of the Empire, Jean Rhys did so in a singular manner. (Lopoukhine, 2021, p. 1-2)

<sup>7</sup> (...)were not read or acknowledged in modernist European circles. (Lopoukhine, 2021, p. 3)

Como observa Freitas (2017, p. 30), no que concerne ao modernismo na obra da escritora

São exemplos dessa influência o emprego de estratégias modernistas familiares, como a colagem modernista, a narrativa interrompida através de pausas, omissões e pontuações com reticências, o uso de fluxo de consciência para representar a maneira desarticulada e fragmentada da apreensão da experiência, a composição do personagem literário como potencialmente contraditório e multifacetado. Os aspectos formais e estilísticos da sua escrita inovadora impressionaram críticos e leitores desde o início da sua carreira.

Além dessa estética modernista vinculada às suas publicações pela crítica, a partir da década de 1960 a sua obra passa a ser analisada sob a luz do movimento feminista e dos escritos pós-coloniais, teorias que ganhavam força a partir da segunda metade do século XX. A escritora propriamente nunca se vinculou diretamente a nenhum desses dois movimentos, contudo, conforme seus trabalhos foram ganhando notoriedade, as produções críticas relacionadas a eles passaram, de fato, a serem analisadas a partir de perspectivas feministas e pós-coloniais. Ao todo, Jean Rhys publicou dez obras ao longo da sua vida. Como já foi mencionado, sua primeira publicação foi a coletânea de contos *The Left Bank* (1927) no qual a autora utiliza os espaços do Caribe e de Paris nos seus enredos; em boa parte dos contos ela se utiliza de tipos parisienses que estavam envoltos no seu dia a dia na capital francesa, enfocando principalmente a história das mulheres que não pertenciam à burguesia do país, como artistas e garçonetes.

O seu primeiro romance *Quartet* (1929), como o nome sugere, tem o seu enredo dividido entre quatro personagens principais: Marya, Stephan, Heidler e Lois, sendo dividido em 23 capítulos, estes sendo compostos em subseções, divisão que voltará em algumas obras da autora; o enredo traz a interação entre os casais, Marya e Stephan e Heidler e Lois, interação essa que é motivada por Marya. Em 1931, Rhys publica *After Leaving Mr. MacKenzie* romance que, de acordo com Savory (2009), tem a organização similar a de uma peça, pois seus treze capítulos, que são divididos em subseções, estão separados em três atos. No romance temos as personagens: Julia, MacKenzie, Horsfield, James e Norah, o enredo transcorrendo entre as cidades de Londres e Paris. No seu terceiro romance, *Voyage in the Dark* (1934), acompanhamos a história de Anna Morgan e os percalços da sua vida amorosa que levam a personagem à degradação moral, sendo esse romance rhysiano concebido como

pertencente ao gênero *bildungsroman*. Seu último romance, antes do hiato que estaria por vir em sua carreira, é *Good Morning, Midnight* (1939); nele temos Sasha, narradora e protagonista de história, vivendo suas crises etárias enquanto o/a leitor/a acompanha o seu dia a dia; Rhys repete nesse romance a estrutura de subseções dentro dos capítulos que já havia utilizado anteriormente.

A escritora desapareceu do cenário literário por quase três décadas, possivelmente em consequência da Segunda Guerra Mundial, quando finalmente volta a campo com a publicação de *Vasto mar de sargaços* (1966), sua obra mais aclamada e nosso *corpus* de análise. Não entraremos em detalhes com relação ao enredo dessa narrativa nesse momento, pois a mesma será abordada detalhadamente a seguir. Em 1968, Rhys ainda publica *Tigers Are Better-Looking* uma coleção de contos, alguns novos e outros que já haviam sido publicados em *The Left Bank*. Publicou mais uma coleção de contos, alguns novos e outros reeditados, com o título de *Sleep It Off Lady* em 1976, três anos antes de falecer. São publicados postumamente a sua autobiografia *Smile Please* (1979) e *The Collected Short Stories* (1987).

A despeito do desconforto e ressentimento que nutria em relação ao solo inglês, foi lá que suas obras foram publicadas pela primeira vez, no final da década de 1920. De acordo com Savory (2009), suas obras só começaram a ser publicadas na França a partir da década de 1970. Antes da publicação de *Vasto mar de sargaços*, originalmente publicado como *Wide Sargasso Sea*, suas obras e a relevância do seu estilo foram deixadas de lado, negligenciadas pela crítica e público leitor. Com a publicação desse romance em 1966, ela volta ao cenário literário e cria-se o mito, pois a escritora foi tida como alguém que voltou dos mortos com uma obra-prima. Houve um aumento da produção de trabalhos críticos sobre o seu trabalho, sendo Jean Rhys então “adotada” enquanto romancista inglesa, tentando-se apagar o seu pertencimento ao Caribe. Essa questão rendeu à escritora o apelido de “Helena de Tróia<sup>8</sup>” (Savory, 2009, p. 113), nomeação cunhada pelo escritor e crítico caribenho Edward Brathwaite (Savory, 2009), problematizando esse “rapto” intelectual cometido por alguns críticos europeus e também essa posição dúbia que a escritora ocupava, nascida e criada na Dominica e vivendo boa parte da sua vida na Europa. Pois se antes a desconhecida Jean Rhys nunca havia sido vista como inglesa, o que, de fato, não era, após aclamação de seu trabalho pela qualidade e inovação, que a mesma já apresentara em

---

<sup>8</sup> Helen of our Wars (Savory, 2009, p. 113)

suas primeiras publicações, foi referenciada como tal. E mesmo tendo vivido boa parte de sua vida em solo europeu, em suas narrativas estão presentes tanto a questão da construção do espaço caribenho, como em *Vasto mar de sargaço*, como também as problemáticas de identificação do estrangeiro (Savory, 2004;2009).

Em *Vasto mar de sargaços*, Jean Rhys traz uma prequela do clássico vitoriano *Jane Eyre*<sup>9</sup> (1847), da escritora inglesa Charlotte Brontë. Dessa forma, os eventos que transcorrem no enredo do romance rhyiano, de 1966, ocorreram antes daqueles eventos ficcionais criados por Brontë em seu famoso romance de formação. O romance *Jane Eyre* é dividido em três volumes, algo comum no período vitoriano, os chamados *three deckers*<sup>10</sup>; *Vasto mar de sargaços* é dividido em três partes com alternância entre narradores. A primeira parte é narrada por Antoinette ainda criança e a maioria da segunda parte é narrada pelo seu marido, que na narrativa rhyiana não é nomeado; na terceira e última parte, também a menor, a narração é alternada entre Antoinette e Grace Poole. É possível encontrar ressonâncias entre os dois protagonistas do romance rhyiano, Antoinette e seu marido, e as personagens Bertha Mason e Edward Rochester do romance vitoriano *Jane Eyre*.

Podemos identificar referências do segundo narrador de Rhys com Mr. Rochester de Brontë. Temos algumas indicações no texto da dominicana que nos levam a essa relação; a primeira é que o marido de Antoinette é um segundo filho de uma família de posses da Inglaterra que viaja a Jamaica para casar-se com uma herdeira caribenha que poderia lhe fornecer um dote muito vantajoso de 30 mil libras. A segunda é a existência de duas personagens do romance de Brontë que estão presentes em *Vasto mar de sargaços*, a personagem Grace Poole, então cuidadora e vigia de Antoinette na Inglaterra, que inicia narrando a terceira parte do romance de Rhys, e Leah, empregada que é mencionada por Poole algumas vezes. Além do nome da primeira esposa de Edward Rochester, Bertha Mason, que dentro da narrativa de

---

<sup>9</sup> O romance *Jane Eyre* foi publicado em 1847 pela escritora inglesa Charlotte Brontë, sob o pseudônimo de Currer Bell. O romance de Brontë tornou-se um canônico *bildungsroman*, lembrado sempre que se fala em literatura inglesa. Em seu enredo podemos acompanhar a trajetória da personagem Jane Eyre, da sua infância até a vida adulta, a conduta de Jane frente às adversidades da sua vida e seu tórrido amor por Mr. Rochester, que tornaram a narrativa de Brontë extremamente popular. Contudo, ao pensar em *Jane Eyre* o que devo destacar é a existência da personagem secundária Bertha Mason, a primeira esposa de Mr. Rochester, pois é esta personagem que no romance rhyiano se chamará Antoinette e é a ela que a atenção desta pesquisa estará direcionada.

<sup>10</sup> No período vitoriano (1830-1901), os romances eram publicados em três volumes, ou os *three deckers*. De acordo com Greenblatt (2006, p. 994, tradução minha), "o romance era uma forma dominante na literatura vitoriana. Inicialmente publicados em sua maior parte, em forma de série, os romances apareceram posteriormente em edições de três volumes, ou "três andares".

Rhys pode ser explicado a partir da renomeação de Antoinette pelo marido, ele passa a chamá-la de Bertha, e o sobrenome vem do padrasto de Antoinette, o Sr. Mason. Esses são alguns pontos de conexão entre as narrativas Brontë e de Rhys.

Em sua narrativa, Rhys irá nos contar a história de Antoinette, personagem que no romance de Brontë é apresentada de forma exótica e animalizada, a esposa louca de Rochester, que, a partir da caneta de Rhys, passa a ser escutada, proporcionando ao/a leitor/a conhecê-la e, assim, o seu lado da história. Ecoam as perguntas – quem era aquela mulher presa no sótão de Thornfield Hall? E como ela acabou em tal condição?

Na narrativa rhysiana temos como espaço inicial a Jamaica logo após o Ato de Emancipação inglês de 1833 (Freitas, 2017; Fonseca, 2016; Nunes, 2022), que proíbia a comercialização e a exploração do trabalho de pessoas escravizadas na metrópole e nas colônias britânicas. Nos deparamos com Antoinette ainda criança na propriedade de Coulibri, que pertencia a sua família, e passamos a conhecer a partir do seu olhar os conflitos que cercam aquele lugar. Órfã de pai, ela vive com a mãe, Annette, o irmão, Pierre, e Christophine, ex-escrava que ocupa o papel de babá ou segunda mãe de Antoinette, – esse é o núcleo principal da primeira parte da narrativa, além de alguns outros ex-escravos que prestavam serviço na decadente propriedade da família. Antoinette e sua família passam por um processo de isolamento social após a morte do pai da personagem, pois, dos três grupos sociais que compunham a sociedade local, nenhum nutria sentimentos de receptividade e solidariedade para com elas. Esses grupos sociais são, por um lado, os europeus que estavam na Jamaica para administrar terras e explorá-las, que dificilmente estabeleceriam relações com uma família local decadente; os crioulos pertencentes a elite local, que não simpatizavam com a mãe de Antoinette, Annette, que também era uma crioula de pele clara, mas da Martinica, e por fim o grupo dos ex-escravos que, obviamente, sentiam raiva daquela família que conquistara seu poder a partir da exploração do trabalho de pessoas escravizadas.

É nesse espaço confuso, caótico e tenso instaurado na propriedade de Coulibri que Antoinette passa sua infância, brincando para além das cercas da propriedade e longe do olhar de Annette, que deixava para Christophine a responsabilidade de cuidar da menina. Essa dinâmica permanece até sua mãe se casar com o inglês Sr. Mason que tenta restabelecer o *status* da família; contudo, os dias da família na propriedade chegam ao fim após a casa ser atacada e incendiada por um grupo de

ex-escravos. Em seguida, Pierre morre e Annette acaba diagnosticada como louca, sendo isolada do convívio social. Antoinette fica sob a tutela do padrasto até a maioridade; esses acontecimentos trágicos encerram a primeira parte do romance. A segunda parte já se inicia com Antoinette casada, sendo o seu marido o narrador principal. Eles estão a caminho da propriedade de Granbois, que pertenceu a Annette, para a lua de mel. Lá Antoinette reencontra-se com Christophine e sente-se realizada por estar de volta ao lugar e reencontrar pessoas pelas quais ela nutre tanto afeto. Nos primeiros dias em que o casal ainda está se conhecendo tudo parece bem, até que o marido de Antoinette descobre a condição da mãe da personagem, que havia sido diagnosticada como louca e afastada do convívio social. A partir dessa informação sobre a condição da mãe da personagem, ele começa a atribuir à filha o mesmo diagnóstico da mãe, passando a desprezar a esposa. Após alguns acontecimentos, ele decide que é melhor o casal regressar a Spanish Town e afastar a esposa de Christophine, vista por ele como uma ameaça a sua intenção de controlar Antoinette.

Após a mudança do casal para Spanish Town e o início do isolamento de Antoinette, a terceira parte se inicia com a personagem narrando sobre um espaço que ela não reconhece e não se recorda bem sobre como chegou ali. Ela sabe que não está na Jamaica, pois o lugar é frio e escuro, diferente da sua terra natal e o romance termina com a personagem em um raro momento de lucidez, tomando consciência do que deve fazer para sair daquela situação. O final do romance rhyiano dialoga, até certo ponto, com o romance de Charlotte Brontë, pois Antoinette decide que atitude tomará para escapar daquele espaço, que lhe é desconhecido e opressor, o que analisaremos mais adiante.

Com *Vasto mar de sargaços*, Jean Rhys retorna ao cenário literário, sendo o processo de escrita do romance definido em sua autobiografia *Smile Please* como doloroso. Escrever sobre uma relação tão tórrida como a de Antoinette e seu marido, que espelha a relação colonizador e colonizado, envolvendo problemáticas de gênero e identificação, lhe foi tarefa custosa. De acordo com Savory (2009, p. 15) “A literatura não está separada das hegemonias raciais e de gênero na cultura colonial britânica nesta história – ela é seu veículo.<sup>11</sup>” A escrita rhyiana é atravessada por essas problemáticas de gênero e identitárias que, nas décadas seguintes, viriam a atrair o olhar dos/as estudiosos/as das teorias pós-coloniais e feministas.

---

<sup>11</sup> Literature is not separated from racial and gender hegemonies in British colonial culture in this story – it is their vehicle. (Savory, 2009, p. 15)

Mesmo sendo considerada uma escritora pertencente a um “cânone marginal”, o trabalho de Jean Rhys possui uma maior divulgação no meio acadêmico estadunidense e europeu. Aqui no Brasil os romances *Bom dia, Meia-noite e Vasto mar de sargaços* foram traduzidos. A tradução brasileira mais recente de *Vasto mar de sargaços* é de 2012, pela editora Rocco, que já se encontra esgotada e será a utilizada nesta pesquisa. No que concerne a produção de trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) sobre o romance rhyiano *Vasto mar de sargaços* iremos realizar a revisão de algumas pesquisas selecionadas entre o pouco material localizado, buscando, assim, ilustrar a fortuna crítica produzida em português brasileiro sobre essa narrativa.

## **1.2 Das escolhas de pesquisa à fortuna crítica de uma vizinha tão distante**

Jean Rhys teve uma vasta produção literária mesmo após o seu hiato literário de quase três décadas. Com o desenvolvimento e, conseqüentemente, crescimento no número de acadêmicos que pesquisam na área dos estudos culturais, a sua obra começou a receber atenção nos últimos anos da década de 1960, após a publicação do romance *Vasto mar de sargaços*, em 1966. Na primeira metade do séc. XX, momento em que Jean Rhys inicia suas publicações, revistas literárias como *Focus*, *Bim* e *Kyk-Over-Al* ganham espaço no Caribe em círculos sociais de maior poder, delineando uma possível literatura caribenha em língua inglesa (Donnell, 2006). Rhys pode ser apontada como pioneira ao pensarmos em escritores/as diaspóricas caribenhos/as, pois, ao migrar para Inglaterra em 1907 e publicar o primeiro livro em 1927, torna-se uma figura única no cenário europeu. Fazemos essa afirmação tendo em vista o que Donnell (2006) considera como o *boom* dos escritores caribenhos que migram para a Inglaterra, primeiro em 1950, ocasionando um óbvio crescimento de escritores caribenhos vivendo em solo inglês, e nas décadas de 1970 e 1980, momento em que as escritoras caribenhas começam a ganhar notoriedade pelas suas obras.

Nas primeiras décadas do séc. XX, enquanto muitos escritores caribenhos se sentiam isolados vivendo em seus países, tanto intelectualmente (a *University College of West Indies* foi inaugurada apenas em 1948) quanto geograficamente, Rhys já havia iniciado a sua carreira como escritora e, provavelmente, por ser tão raro encontrar outros/as antilhanos/as nos círculos artísticos-literários do modernismo, ela se sentia isolada em terras europeias. O fato de ser uma escritora caribenha de língua inglesa pioneira em um momento em que a própria literatura caribenha ainda procura se

configurar, coloca Jean Rhys muitas vezes em uma posição dúbia (Savory, 2009; Freitas, 2021; Donnell, 2006) como já discutido.

A publicação de *Vasto mar de sargaços* em 1966, durante o aumento gradual de pesquisas na área dos estudos culturais, foi providencial para que a escritora e sua obra recebessem notoriedade. O romance rhyiano, sendo uma prequela de *Jane Eyre*, de 1847, foi apontado como uma possível resposta ao romance de Brontë, no modelo “writing back to the empire”, trazendo então um tom pós-colonial em resposta ao colonizador imperialista. Mesmo tendo a sua obra sido reconhecida na Europa e, depois de algumas décadas, sendo apontada como pertencente a um cânone caribenho, ainda temos poucos trabalhos acadêmicos que tem como objeto de análise a obra da escritora aqui no Brasil. Talvez a língua atue como uma barreira para tal, pois é difícil encontrar tradução de obras em inglês que não são *best-sellers* e não possuem um lugar fixo no cânone ocidental.

Ao revisarmos a fortuna crítica sobre *Vasto mar de sargaços*, o romance de Jean Rhys que é apontada por críticos como o mais conhecido, sendo assim, o que possuiria uma maior divulgação (Savory, 2009; Donnell, 2006), elencamos dois parâmetros e conforme anunciamos anteriormente, abordaremos pesquisas de pós-graduação desenvolvidas o Brasil para averiguarmos a fortuna crítica da autora em solo brasileiro, podendo, assim, ilustrar as pesquisas sobre o romance. Ao realizar tal levantamento, entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023, foi possível selecionar apenas quatro pesquisas de pós-graduação que possuíam relevância ao pensar no trabalho que estamos desenvolvendo. Dessa forma, para tratarmos da fortuna crítica de *Vasto mar de sargaços* irei mencionar três pesquisas de mestrado, dissertações, e uma pesquisa de doutorado, tese. Além desses quatro trabalhos, constava apenas mais um, que tratava de uma análise da tradução da obra, uma dissertação produzida na Universidade Federal de Santa Catarina<sup>12</sup>. Dessa forma, é possível perceber que mesmo sendo uma produção que é reconhecida no campo dos estudos pós-coloniais, ela não possui um amplo espectro de divulgação em território nacional.

A partir de agora irei tratar das pesquisas que constituem a fortuna crítica do romance. Na dissertação de Maria Eduarda Rodrigues da Fonseca, “*There is always the other side*”: *Displacement and resistance in Jean Rhys’s Good Morning, Midnight*

---

<sup>12</sup> A pesquisa foi desenvolvida por Naylane Araújo Matos, intitulada: *A representação da personagem Antoinette em Wide Sargasso Sea (Jean Rhys – 1966) e na sua tradução brasileira (Léa Viveiros de Castro – 2012): uma crítica feminista pós-colonial*.

*and Wide Sargasso Sea*<sup>13</sup> (2016), defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, a pesquisadora trabalha com as categorias de deslocamento e resistência ao realizar uma análise comparativa entre as protagonistas dos romances de Rhys, Sasha de *Good Morning, Midnight* (1939) e Antoinette de *Vasto mar de sargaços* (1966). A pesquisadora argumenta como a temática de deslocamento e identidade enquanto forma de resistência caminham juntas nos estudos pós-coloniais, levando em consideração o diálogo existente entre a questão do espaço e movimento, que resultará em questões de deslocamento físico, social e cultural. Tendo em vista que o nosso *corpus* de pesquisa é apenas o romance *Vasto mar de sargaços*, irei direcionar meu olhar para o que Fonseca (2016) escreveu sobre o romance, prioritariamente. Ao relacionar espaço, deslocamento e resistência, Fonseca (2016) pretende comprovar que o deslocamento surge como um espaço de resistência ao poder patriarcal. Ao problematizar a questão da identidade enquanto algo fixo e completo, a pesquisadora aponta como Jean Rhys problematizou a questão identitária nessas suas duas narrativas

Rhys parece ver a identidade da mesma maneira: porque suas protagonistas se recusam a ter suas identidades fixadas por discursos totalizantes, de forma que reconhecem suas identidades como intrincadas, como Antoinette, que **nem pertence** exatamente ao Caribe, mas tampouco pode se considerar inglesa.<sup>14</sup>(Fonseca, 2016, p. 21, grifo nosso)

Sendo filha de pai inglês e mãe crioula da Martinica, Antoinette, mesmo tendo a pele branca, é uma mulher crioula, como sua mãe. Tendo nascido e crescido na Jamaica, ela deveria participar da sociedade local. Contudo, após a morte do pai inglês e o empobrecimento, a família se viu triplamente excluída. Os europeus não tinham interesse em manter relações com crioulos empobrecidos e os crioulos jamaicanos nutriam certo desprezo pela mãe da personagem, que era da Martinica. Quanto ao terceiro grupo, os ex-escravizados, não tinham nenhum interesse em manter relações com seus ex-exploradores.

Dessa forma, a personagem e sua família encontram-se isolados física e psicologicamente. A personagem então se constitui enquanto sujeito em lugar de

---

<sup>13</sup> “Há sempre o outro lado”: deslocamento e resistência em *Good Morning, Midnight* and *Vasto mar de sargaços*, de Jean Rhys

<sup>14</sup> Rhys seems to view identity in the same manner: because her protagonists refuse having their identities pinned down by totalizing discourses, in a way they acknowledge their identity as intricate, such as when Antoinette does not quite belong in the Caribbean but can't consider herself English either. (Fonseca, 2016, p. 21)

margem e fronteira, como afirma Fonseca (2016, p. 46) “por Antoinette ter nascido e crescido em um lugar com complexas estruturas sociais e culturais, sua experiência é outra, desvinculada dos significados estáveis ou fixos, cristalizados pelo poder das sociedades hegemônicas.”<sup>15</sup> Ao tratar do deslocamento que a personagem Antoinette sofre, a pesquisadora direciona seu olhar para a relação entre essa e seu marido, uma relação que espelha as figuras do colonizado e colonizador, representando a relação existente entre as potências imperialistas e as suas colônias de exploração.

A pesquisadora questiona a pertença da protagonista ao território caribenho no qual Antoinette nasceu, e esse seu posicionamento não coaduna com o nosso, como será perceptível no segundo capítulo de nossa pesquisa; pois, é esse território, a partir da nossa análise, que está enraizado na formação identitária da personagem e que permeia suas relações sociais.

Em sua pesquisa de mestrado “*O que estou fazendo neste lugar e quem sou eu?*”: a loucura e o desejo feminino em *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys (2022), realizada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, João Lucas Nunes se propõe a investigar a relação entre a construção da loucura da personagem Antoinette a partir do desejo feminino e como o julgamento de tal desejo encontra-se atravessado pelo olhar do patriarcado. O pesquisador reforça que

embora *Wide Sargasso Sea* seja um marco nos estudos pós-coloniais, feministas e de literatura inglesa e caribenha, no Brasil, o nome e a obra de Jean Rhys ainda permanecem desconhecidos pela maioria dos leitores, talvez pela complexa veiculação de discursos não hegemônicos nos centros dos principais debates em nossa sociedade, apesar de tópicos como o feminismo e o movimento negro estarem ganhando cada vez mais destaque em nossa sociedade. (Nunes, 2022, p. 27)

Antes de seguir para as seções analíticas da pesquisa, Nunes (2022) se propõe a tratar da vida e obra de Jean Rhys. Nunes (2022) realiza a revisão de dois trabalhos biográficos e críticos sobre Jean Rhys, o primeiro é de Thomas F. Staley, *Jean Rhys A Critical Study* (1979), e o segundo, que também consta nas referências desta pesquisa, é de Elaine Savory, *Cambridge Studies in African and Caribbean Literature - Jean Rhys* (1999). Staley (1979) direciona um olhar para os acontecimentos da vida de Rhys; o crítico, que teve a oportunidade de entrar em contato com a escritora, se detém mais em fatos da vida dela e forma como as vivências de Rhys estão

---

<sup>15</sup> Because Antoinette was born and raised in a place with complex social and cultural formations, her experience is a different one, detached from the stable or fixed meanings, crystallized by the power of hegemonic societies. (Fonseca, 2016, p. 46)

conectadas com a sua escrita. A forma que Staley (1979) estruturou as suas falas acerca da obra de Rhys fazem o/a leitor/a entender que as narrativas rhybianas são espelhos da vida da escritora. No trecho a seguir temos o perfil que Nunes (2022, p. 39) traçou das personagens femininas de Rhys,

O termo *passivity*, no português, passividade, é empregado por Staley para ilustrar ao leitor uma das características mais marcantes de Jean Rhys e de suas personagens femininas, sempre se apresentando aos homens e apresentando suas personagens ao leitor como vítimas da sociedade.

Nunes (2022) traz essa importante contribuição que é a revisão de um dos primeiros estudos críticos sobre a vida e obra de Rhys, que é o de Staley (1979); tão importante quanto essa revisão, é o fato do pesquisador se posicionar com relação às afirmações do crítico. Tendo em vista que, mesmo com a contribuição que Staley forneceu para as pesquisas relacionadas a Jean Rhys, é empobrecedor relacionar ou condicionar a análise da obra da escritora apenas aos acontecimentos da sua vida. Para validar seu ponto de vista com relação à crítica tecida ao trabalho de Staley (1979), Nunes recorre a *O desafio biográfico: escrever uma vida* de François Dosse (2015)

Contudo, ao nos debruçarmos sobre os estudos de Dosse, somos surpreendidos ao nos depararmos com o argumento de que a biografia, por si só, não seria suficiente para abarcar todas as questões pessoais de uma pessoa, ainda que ela fornecesse ao leitor o conhecimento histórico da vida do biografado, pois esses fatos, mesmo registrados com o máximo de exatidão possível, não são capazes de se resumirem como o princípio ou a razão de absolutamente tudo que o autor ou autora colocasse em sua obra. (...). Dessa maneira, afirmar que a obra literária de Jean Rhys é autobiográfica se coloca como uma máxima muito complexa de se declarar. (Nunes, 2022, p. 59)

Ainda relacionado a revisão de obras críticas sobre Jean Rhys, Nunes (2022) traz o trabalho de Savory (1999); o pesquisador pontua em sua revisão que diferentemente de Staley (1979), a crítica, ao comentar a vida e obra de Rhys, aborda suas narrativas de forma mais detida e traça os panoramas de publicação das narrativas e a recepção das mesmas, tanto pelo público leitor quanto pelos críticos e acadêmicos, estabelecendo relações entre a obra rhybiana e os movimentos pós-colonial e feminista; mesmo tratando da vida da autora, ela não traz essa questão no cerne de seu trabalho crítico. O que realmente se sobressai em sua pesquisa é a análise crítica às narrativas rhybianas, sem grandes relações com a vida da escritora.

Finalizando essa parte de revisão de obras críticas sobre Jean Rhys, Nunes (2022, p. 66) irá tratar da questão da loucura em *Vasto mar de sargaços*, “como loucura, entendo que o termo seja empregado não somente como o mal-estar psicológico na obra, mas também como incompreensão, aflição, reação e pretexto para apropriação do corpo feminino e, portanto, da(s) personagem(ns) feminina(s)”. Ao tratar da loucura da personagem, Nunes (2022) relaciona o diagnóstico da mesma com a necessidade do poder patriarcal em criar o Outro que seja oposto ao que é aceito socialmente e ao tratar do desejo no romance, o pesquisador ressalta como esse, a partir da sua análise, é visto como uma ameaça ao marido da personagem.

O terceiro trabalho selecionado para a revisão da fortuna crítica do *corpus* desta pesquisa é a dissertação de Karoline dos Santos Silva de 2021, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, “*Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer*”: opressão e violência contra mulheres caribenhas nos romances *Vasto mar de sargaços*, de Jean Rhys e *La mulâtresse Solitude* de André Schwarz-Bart. A pesquisadora se propõe a realizar um estudo comparativo entre o romance de Jean Rhys e o de André Schwarz-Bart. Mantendo nosso foco sobre o romance em tela e o propósito de nossa revisão, irei tratar do dito por Silva (2021) no que concerne a narrativa de Rhys e pouco mencionarei o romance *La mulâtresse Solitude*, apenas quando necessário para ilustrar algum apontamento feito por Silva (2021) ao estabelecer a comparação com o romance rhyiano. Para estabelecer a análise comparativa entre os romances, Silva (2021) utilizará as seguintes categorias: infância das personagens, figuras maternas, formação identitária e loucura. No início de sua pesquisa, Silva (2021, p. 11) destaca, assim como Nunes (2022), que “os pesquisadores latinoamericanos tendem a se voltar para a Europa, esquecendo dessa área tão próxima a nós que tem bastante a nos acrescentar.” Dessa forma, de acordo com a pesquisadora, lidamos com o déficit de pesquisas que voltem o seu olhar para publicações de escritores/as e artistas latinoamericanos/as, essa é uma das suas motivações para escolher como *corpus* da sua dissertação dois romances caribenhos. Em seus capítulos de análise, Silva (2021) trata da relação conturbada entre Antoinette e sua mãe, e como essa relação irá ecoar em futuros problemas de identificação da personagem e o agravamento desses após o seu casamento.

Para finalizar a revisão de literatura relacionada à fortuna crítica do romance *Vasto mar de sargaços*, destacamos a tese de Viviane Ramos de Freitas defendida na Universidade Federal da Bahia, *Cartografias do exílio: Errâncias e espacialidade na*

*ficção da escritora caribenha Jean Rhys (2017)*. As pesquisas anteriores se tratavam de dissertações; sendo assim, eram menos robustas do que a tese que mencionaremos a partir de agora. Tendo isso em vista, os pontos que destacamos a seguir são aqueles que, após a leitura cuidadosa da pesquisa de Freitas (2017), se relacionam mais diretamente com a nossa pesquisa. Como o próprio título da tese deixa claro, em sua pesquisa Freitas não tratou apenas do romance rhyiano *Vasto mar de sargaços*, ela já havia trabalhado com o outro romance de Rhys, *Good morning, Midnight* (1939), em uma pesquisa a nível de mestrado. Em sua tese, além de utilizar este romance, ela também seleciona alguns contos da autora dominicana; o romance vitoriano, *Jane Eyre* (1847), será utilizado para estabelecer algumas análises suplementares do enredo, cruzando o texto de Brontë com o de Rhys, estabelecendo comparações entre as personagens Bertha Mason e Antoinette e o Edward Rochester e o marido de Antoinette.

Freitas (2017, p. 12) argumenta que existe uma potência criadora na condição de exílio, e de que os silêncios criados por essa condição levarão a uma subalternidade e mesmo nesta situação de subalterno existe um poder que não pode ser apropriado “pelos epistemologias e ontologias hegemônicas ocidentais.” Dessa forma, em sua tese ela defende que

Se os silêncios que caracterizam a ficção de Rhys aludem à sua tentativa de cartografar, no sentido de fazer existir, tornar visíveis, territórios da experiência que se situam para além daqueles já mapeados, defendo neste trabalho a ideia de que uma das principais estratégias encontradas por Rhys para cartografar essas experiências foi o tratamento dado à espacialidade nos seus textos. (Freitas, 2017, p. 37)

De acordo com os levantamentos de pesquisas desenvolvidas sobre Rhys, comprovamos que essas ainda são raras na academia brasileira. Ao finalizar a revisão da fortuna crítica do romance, é possível constatar a existência de poucos trabalhos no nível de pós-graduação que trazem essa narrativa como objeto de análise de pesquisa. A revisão realizada levou em consideração os objetivos desta pesquisa, que pretende analisar a partir do viés da decolonialidade as violências perpetradas contra as personagens Antoinette, Annette e Christophine, a partir da leitura dos corpos delas como territórios e, também, pensar as reações desses corpos-territórios frente às violências que lhes são perpetradas, sendo esses atos violentos apoiados pelas políticas do sistema moderno-colonial. E dando continuidade ao trabalho com o conceito de território, agora vinculado aos afetos, pensando estes como potência, para

analisarmos o poder da territorialidade em afetar o sujeito, nosso olhar se volta à maneira pela qual os territórios influenciam Antoinette.

Após a exposição dos nossos objetivos ao desenvolver esta pesquisa, fica claro a necessidade da revisão da fortuna crítica sobre *Vasto mar de sargaços*, pois, como foi possível averiguar, os trabalhos aqui citados ilustram a importância da obra de Rhys para literatura caribenha anglófona e para os estudos pós-coloniais. Esses estudos já desenvolvidos entrarão em diálogo com as análises que desenvolvemos nos próximos capítulos. Nosso objetivo geral com essa pesquisa é contribuir com a fortuna crítica do romance *Vasto mar de sargaços* ao trazer o estudo dos territórios de afeto, dos corpos das personagens femininas enquanto territórios e da violência imperialista no romance rhyiano.

## **CAPÍTULO 2: CORPOS COLONIAIS EM CENA - VIOLÊNCIA E INSUBMISSÃO**

### **2.1 Decolonialidade e a reescritura de existências**

Tratar do território americano no contexto pré-invasão europeia e dos acontecimentos que o acometeram nesse percurso histórico, é uma tentativa de recuperarmos a história dos territórios e das pessoas que habitavam esse continente antes do processo de colonização. Direcionar nosso olhar para a dinâmica imposta às relações nesses espaços é objeto de análise da nossa pesquisa, afinada com os estudos decoloniais. O que chamamos de “giro decolonial” nasce, enquanto movimento epistêmico, quando o intelectual peruano Aníbal Quijano propõe lermos o mundo a partir do que ele chama de “evento americano”, analisando não apenas as Américas, mas o mundo a partir do que foi gerado após o encontro entre os europeus e as populações originárias de Abya Yala<sup>16</sup> e sua ocupação e exploração. A terminologia “giro decolonial”, foi elaborada por Nelson Maldonado-Torres em 2005 e se refere ao “movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade.” (Ballestrin, 2013, p. 105)

Essa proposta dos estudos decoloniais é formulada a partir das movimentações e questionamentos gerados inicialmente pelos estudos pós-coloniais. Esses se referiam, basicamente, ao período após a independência e emancipação das colônias africanas e asiáticas do neocolonialismo e das políticas imperialistas de países europeus; e, também, às contribuições teóricas do meio literário e cultural a partir da década de 1980, em espaços acadêmicos nos Estados Unidos e Inglaterra (Ballestrin, 2013). Em 1992, com a reimpressão do texto “Colonialidad y modernidad-racionalidad”, de Aníbal Quijano, agora um clássico dos estudos decoloniais, e inspirados pelo Grupo Sul-Asiático dos Estudos Subalternos, acadêmicos latinoamericanos criam o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos. Como afirma Ballestrin (2013), essa foi a forma de inserir a América Latina nos debates pós-coloniais. O grupo dissolveu-se precocemente, em menos de uma década, pois, através dos diálogos entre os integrantes, questionava-se a base dos estudos subalternos. Alguns pesquisadores do grupo afirmavam que não seria possível

---

<sup>16</sup> Forma como o povo Kuna se refere ao continente americano. (Cabnal, 2018)

realizar uma crítica radical ao eurocentrismo<sup>17</sup> a partir de uma epistemologia que não atendia a uma demanda da crítica à colonização europeia nas Américas, inclusive por não levar em consideração as diferenças entre os processos de colonização do continente americano e dos continentes asiático e africano.

Ao tratar da formação do grupo que em suas discussões, eventos e publicações deu forma ao que chamamos de estudos decoloniais; Ballestrin (2013, p. 97) diz que

O Grupo Modernidade/Colonialidade foi sendo paulatinamente estruturado por vários seminários, diálogos paralelos e publicações. Ainda no ano de 1998, um importante encontro apoiado pela CLACSO e realizado na Universidad Central de Venezuela, reuniu pela primeira vez Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter Dignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Fernando Coronil. A partir deste, foi lançada em 2000 uma das publicações coletivas mais importantes do M/C: *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*.

Foram as inquietações com relação aos estudos subalternos, vinculados ao pós-colonialismo, que possibilitaram diálogos para a criação dos estudos decoloniais, sendo Aníbal Quijano um dos nomes de destaque ao tratarmos desse giro. De acordo com Rita Segato (2022, p. 210), o sociólogo peruano optou por se referir ao seu modelo não como uma teoria, por delegar a essa nomenclatura um caráter fechado e conclusivo, pois desejava imbuir sua formulação de uma amplitude e movimento que em sua concepção uma teoria não abarcaria. Como coloca a antropóloga argentina: “(...) sua formulação passou a ser chamada de “giro”, para indicar que se trata de uma mudança ou virada na maneira como vemos a realidade, um giro epistêmico, como o copernicano.”

Ao voltarmos nosso olhar em direção ao território americano, nos deparamos com o que podemos chamar de “laboratório” das políticas de controle e dominação desenvolvidas e aprimoradas pelos países europeus para exploração imperialista de recursos. Até então, na história ocidental, não se havia desenvolvido um projeto colonizatório tão amplo e articulado. Como coloca Quijano (1992, p. 12) ao se referir às políticas de controle do colonialismo:

A repressão recaiu, sobretudo, sobre as formas de saber, de produzir conhecimento e perspectivas, imagens e sistemas de imagens, símbolos, modos de significação; sobre os recursos, padrões e

---

<sup>17</sup> A pesquisadora e professora Breny Mendonza (2010, p. 22) defini o eurocentrismo como “la construcción del conocimiento del mundo en base a la invención de Europa y de los europeos como la versión más completa de la evolución humana en la historia del planeta.”

instrumentos de expressão formalizada e objetivada, intelectual ou visual.<sup>18</sup>

A “descoberta”<sup>19</sup> do chamado “Novo Mundo” ocasionou uma ruptura profunda na ordem ocidental, foi o “evento americano” que possibilitou a “modernidade europeia” (Segato, 2022, p. 217). O reconhecimento de tal fato se dá, oficialmente, com a publicação da Unesco em 1992 de um artigo de autoria de Quijano e Immanuel Wallerstein, em ocasião dos 500 anos das invasões, no qual os autores argumentam que a colonização do território americano foi a condição para o surgimento do que chamam de “sistema mundo colonial-moderno” (Segato, 2022, p. 217).

Ao pensarmos a decolonialidade faz-se necessário, ao nosso ver, discutirmos alguns conceitos que estão no cerne desse movimento. Dentre esses conceitos, primeiramente, trataremos dos conceitos de colonialismo, colonialismo moderno, colonialidade e colonização. Dentre as suas dez teses sobre a decolonialidade, o filósofo porto-riquenho, Nelson Maldonado-Torres (2018), destaca a importância de realizarmos distinções claras sobre alguns dos conceitos que compõem os estudos decoloniais, para que de tal forma não se perca a importância e a especificidade do colonialismo moderno ao torná-lo um conceito atemporal. Como o estudioso coloca:

**Colonialismo** pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o **colonialismo moderno** pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”; e **colonialidade** pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. (Maldonado-Torres, 2018, p. 41, grifos nossos)

Ao utilizar o termo colonialismo, pode-se estar fazendo referência à dominação de territórios que assumem o status de colônia, como, por exemplo, as práticas de invasão e subjugação do Império Romano na antiguidade. Ao pensar no colonialismo moderno, estamos nos referindo ao regime colonial iniciado no ocidente a partir da invasão das Américas e que se estendeu aos continentes africano e asiático

---

<sup>18</sup> La represión recayó, ante todo, sobre los modos de conocer, de producir conocimiento, de producir perspectivas, imágenes y sistemas de imágenes, símbolos, modos de significación; sobre los recursos, patrones e instrumentos de expresión formalizada y objetivada, intelectual o visual. (Quijano, 1992, p. 12)

<sup>19</sup> Utilizamos aspas duplas nas palavras “descoberta” e “Novo Mundo” para indicar que essas palavras não estão sendo usadas em seu sentido literal. Tendo em vista, que nos referimos à chegada dos europeus em território americano como invasões e não como uma descoberta, e o que o então “Novo Mundo” é uma construção que parte do ponto de vista do colonizador.

com o avançar dos séculos. Esse colonialismo moderno então nasce com o “evento americano”, é formador do sistema colonial-moderno, é a ele que nos referimos neste trabalho ao falar de colonialismo. Este termo é algumas vezes utilizado como sinônimo de colonialidade, entretanto, como foi colocado, os termos possuem nuances de diferenças. De acordo com Maldonado-Torres (2018), a colonialidade pode ser vista como uma teia de influência sobre um território que não necessariamente articula uma presença física colonizatória para manifestar a sua dominação. Por fim, temos o conceito de colonização, que para Françoise Vêrges (2020) se refere ao período de ocupação física de um território, por exemplo, o período no qual o Brasil era referido, oficialmente, como colônia de Portugal, antes de ser declarado como um Estado independente da metrópole.

Pensamos a colonialidade como essa manifestação da influência que não necessariamente envolve a presença do colonizador no território para impor o domínio do Estado. Temos o conceito de colonialidade do poder, desenvolvido por Quijano em 1989 (Ballestrin, 2013, p. 99-100) e usado amplamente pelo Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), que “(...) exprime uma constatação simples, isto é, de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo.” Ainda de acordo com a pesquisadora, o conceito de Quijano possui uma dupla pretensão, a já mencionada, de tratar dessa perpetuação da dominação colonial a partir da reprodução das políticas de dominação no meio social e, também, “possui uma capacidade explicativa que atualiza e contemporiza processos que supostamente teriam sido apagados, assimilados ou superados pela modernidade.”

O conceito de colonialidade do poder de Quijano foi fundamental para pensarmos o sistema mundo-moderno, elaborado e aprofundado por integrantes do Grupo M/C. Não existiria a modernidade sem a colonialidade, ou seja, sem o processo de colonização das Américas; dessa forma, também não seria possível elaborar o regime econômico capitalista, nos moldes que se encontra, sem a exploração dos recursos americanos e o genocídio de seus povos originários a partir do século XVI. Para tornar a colonialidade uma forma de dominação tão efetiva e difícil de transpor, a empreitada colonial desenvolveu um conceito até então novo, nos moldes que irá assumir nas colônias americanas: a raça.

No continente europeu, previamente, existia uma distinção entre povos que habitavam determinados espaços, mesmo antes desses espaços se configurarem como

Estados-nações. Entretanto, a distinção feita entre esses povos não existia nos moldes da classificação racial implantada nas colônias americanas. Foi necessário para a empreitada colonial criar o conceito de raça para vincular a este uma biologização dos colonizados, atribuindo a eles a natureza de inferiores e vencidos, para justificar, por meio da lógica perversa colonial, o lugar que esses sujeitos deveriam ocupar naquela sociedade (Segato, 2022). Sendo imbuído aos sujeitos colonizados uma inferioridade em relação ao sujeito branco europeu, tal dinâmica de pensamento justificava naquele contexto social o porquê desses povos, ditos inferiores, estarem subjugados aos comandos do colonizador.

Para o regime colonial toda diferença é percebida como anomalia e deve ser aniquilada para se conformar ao papel que deve desempenhar no processo de colonização. Como Segato (2022, p. 88, grifo nosso) coloca:

O ambiente comunal das civilizações não ocidentais, não monoteístas, conseguiu recepcionar e incorporar a Europa, mas ela foi incapaz de se abrir a fim de receber o outro em seu núcleo. Em vez de incluí-lo com a dimensão de sua diferença radical, ela o **canibalizou**. O ambiente comunal opera numa lógica paraconsistente que permite aceitar, acolher e aderir a crenças e a estruturas cosmológicas incompatíveis. A Europa, com sua neurose monoteísta, uma neurose da coerência e do controle, é incapaz de agir assim e expulsa a diferença como se fosse uma anomalia.

O verbo utilizado por Rita Segato, “canibalizou”, é destacável para pensarmos a violência ferrenha que os colonizadores europeus empregaram para buscar aniquilar os povos dos territórios americanos e dominar os que sobreviveram, juntamente, com os sujeitos escravizados trazidos do continente africano. A lógica binarista europeia não permite a alteridade, essa é enxergada como ameaça; para sustentar a colonialidade é necessário conformar o diferente à norma ditada pelo sistema colonial-moderno. Como Segato (2022, p. 16) elucida sobre essa lógica binarista,

A estrutura binária se desdobra em uma variedade de binarismos nos quais o segundo termo se torna uma função - e, também, uma invenção - do primeiro: desenvolvido/subdesenvolvido, branco/não-branco, moderno/primitivo, civilizado/bárbaro, sujeito universal (Homem)/minorias. (...) Dessa forma, apenas um termo é ontologicamente completo, ao passo que os outros são anômalos.

Sendo assim, o conceito de raça nasce junto com o processo de colonização das Américas; é nele que se apoia diretamente a empreitada colonial, pois, partindo dele, os colonizadores se afirmam na posição de superioridade racial e trazem para si,

em sua ótica distorcida, o dever de levar a esses povos ditos inferiores a civilidade europeia. Civilizar é o dever do Homem, aparece como um devir de ordem divina, é o que a crítica chama de *the white's man burden* (Greenblatt, 2006); esse “fardo do Homem branco” faz com que esses sujeitos, que se auto-intitulavam a epítome da humanidade se considerassem responsáveis por levar o advento da modernidade, até então creditado como um evento de ordem europeia e de responsabilidade apenas dos mesmos, para o restante do mundo. Se colocando como padrão universal de todas as coisas, caberia então a esse Homem, aqui tratamos desse arquétipo para se referir a toda uma raça, civilizar todos os povos ao modo europeu de ser. Aniquilar as diferenças, que no sistema colonial são sinônimo de anomalias, e trazer esses povos o mais próximo possível do que determinam enquanto normalidade.

Esse discurso foi utilizado para justificar toda e qualquer violência que os invasores acreditavam como necessária para efetivar a colonização e a colonialidade moderna nos territórios invadidos. Dessa forma, no âmbito do pensamento do sujeito colonizador todas as barbáries cometidas contra os povos originários e os sujeitos escravizados são apenas parte necessária do processo de levar a esses sujeitos o advento da modernidade e, conseqüentemente, a civilidade europeia a seres, considerados por eles, como inferiores. O filósofo argentino Enrique Dussel (2000, p. 29-30), trata de uma “práxis irracional da violência” que está envolta na colonialidade que a modernidade tenta ocultar com o discurso do progresso absoluto vinculado à ideia que se procura transmitir ao tratar do moderno; como o filósofo coloca, a organização dessa práxis se dá da seguinte forma:

1. A civilização moderna autodescreve-se como mais desenvolvida e superior (o que significa sustentar inconscientemente uma posição eurocêntrica).
2. A superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral.
3. O caminho de tal processo educativo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa (é, de fato, um desenvolvimento unilinear e à europeia, o que determina, novamente de modo inconsciente, a “falácia desenvolvimentista”).
4. Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização (a guerra justa colonial).
5. Esta dominação produz vítimas (de muitas e variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase-ritual de sacrifício; o herói civilizador reveste a suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica, etc).

6. Para o moderno, o bárbaro tem uma “culpa” (por opor-se ao processo civilizador) que permite à “Modernidade” apresentar-se não apenas como inocente, mas como “emancipadora” dessa “culpa” de suas próprias vítimas.

7. Por último, e pelo caráter “civilizatório” da “Modernidade”, interpretam-se como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da “modernização” dos outros povos “atrasados” (imatuross), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser frágil, etc. (Dussel, p. 29-30, 2000)<sup>20</sup>

A modernidade é transvestida pelos europeus de uma falácia progressista civilizatória para tornar válida toda e qualquer atrocidade que permita e viabilize a empreitada colonial. Se perpetua através de diferentes formas de colonialidade o discurso de superioridade europeia. Frente a essa lógica perversa que surge com o processo de colonização, temos a decolonialidade como uma reação possível às colonialidades disseminadas durante a ocupação territorial e que pairam no meio social até hoje. Ao tratar da decolonialidade é oportuno discutirmos também a descolonização, em algumas ocasiões utiliza-se essas terminologias como sinônimos, entretanto, elas guardam algumas diferenças entre si, como traz Maldonado-Torres (2018, p. 41),

(...) se a descolonização se refere a momentos históricos em que os sujeitos coloniais se insurgiram contra os ex-impérios e reivindicaram a independência, a decolonialidade refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos. Às vezes o termo descolonização é usado no sentido de decolonialidade. Em tais casos, a descolonização é tipicamente concebida não como uma realização ou um objetivo pontual, mas sim como um projeto inacabado.

A decolonialidade nos permite pensar as formas que a colonização assumiu ao longo do tempo e torna possível lembrarmos o legado do colonialismo de maneira

---

<sup>20</sup>1) La civilización moderna se autocomprende como más desarrollada, superior (lo que significará sostener sin conciencia una posición ideológicamente eurocéntrica). 2) La superioridad obliga a desarrollar a los más primitivos, rudos, bárbaros, como exigencia moral. 3) El camino de dicho proceso educativo de desarrollo debe ser el seguido por Europa (es, de hecho, un desarrollo unilineal y a la europea, lo que determina, nuevamente sin conciencia alguna, la "falacia desarrollista"). 4) Como el bárbaro se opone al proceso civilizador, la praxis moderna debe ejercer en último caso la violencia si fuera necesario, para destruir los obstáculos de la tal modernización (la guerra justa colonial). 5) Esta dominación produce víctimas (de muy variadas maneras), violencia que es interpretada como un acto inevitable, y con el sentido cuasi-ritual de sacrificio; el héroe civilizador inviste a sus mismas víctimas del carácter de ser holocaustos de un sacrificio salvador (el indio colonizado, el esclavo africano, la mujer, la destrucción ecológica de la tierra, etcétera). 6) Para el moderno, el bárbaro tiene una "culpa"<sup>18</sup> (el oponerse al proceso civilizador) que permite a la "Modernidad" presentarse no sólo como inocente sino como "emancipadora" de esa "culpa" de sus propias víctimas. 7) Por último, y por el carácter "civilizatorio" de la "Modernidad", se interpretan como inevitables los sufrimientos o sacrificios (los costos) de la "modernización" de los otros pueblos "atrasados" (inmaduros), de las otras razas esclavizables, del otro sexo por débil, etcétera. (Dussel, p. 29-30, 2000)

constante e tecermos críticas a ele, tendo em vista que a independência desses territórios não implica, como consequência direta, a descolonização dos mesmos. Ao abordarmos o giro decolonial nesta seção pretendemos vincular a visão da empreitada colonial a partir do giro com as violências perpetradas contra as personagens Christophine, Annette e Antoinette na narrativa rhyiana nas seções seguintes. Levamos em consideração os postulados do grupo M/C para que a nossa análise de tais violências parta da sua relação com as colonialidades, a forma como a máquina colonial criou, difundiu e normalizou práticas violentas contra subjetividades dissidentes da lógica europeia. Sendo assim, averiguando como o sistema colonial de exploração britânico colaborou para que a prática de tais ações fosse concebida como natural, forjadas por uma lógica perversa que estabelecia hierarquias entre os sujeitos baseadas em critérios raciais criados pelo próprio sistema.

Como foi abordado no capítulo introdutório desta pesquisa, o romance de Jean Rhys, *Vasto mar de sargaços*, foi amplamente estudado pela crítica pós-colonial e os estudos feministas. A fortuna crítica do romance aparece, majoritariamente, vinculada a essas duas áreas. Enxergamos na decolonialidade uma possibilidade de analisarmos as personagens de Rhys sob outra luz, como mulheres que não podem ser, unicamente, rotuladas como vítimas e demonstram em suas (re)ações perante o sistema moderno-colonial, que tenta moldar essas subjetividades, que a posição de vítimas não lhes define. Nos perguntamos: Como esses corpos de mulheres, de Annette, Christophine e Antoinette, foram capazes de articular (re)ações frente às violências que lhes foram infligidas?

## 2.2 Annette e Christophine: Resistência às colonialidades

*Levanta, menina, e se veste. Uma mulher tem que ter coragem para viver neste mundo cruel.*<sup>21</sup>

Ao pensar em discutir as violências presentes em *Vasto mar de sargaços* nos propomos a fazê-lo apontando como essas foram um elemento basilar do sistema moderno-colonial. Pois, foi a partir da utilização de violências sistematizadas que se articularam formas de subjugação de corpos dissidentes ao sistema. Entretanto, em nossa análise não pretendemos realizar a leitura desses corpos apenas enquanto

---

<sup>21</sup> Fala de Christophine para Antoinette. (Rhys, 2012, p. 98)

vítimas desse processo de “rapinagem” (Segato, 2012, p.108) sobre os sujeitos femininos ou feminizados, nos interessa entender as formas como Christophine, Annette e Antoinette empenharam-se em ir contra esse poder colonial e patriarcal, que tentou de diversas maneiras moldar essas mulheres a partir da perpetração da violência.

O conceito de corpo-território surge como uma forma de reivindicar a leitura das violências sobre esses corpos como sistêmica, fugindo de uma leitura individual. Como coloca Oliva (2022, p. 149) o “corpo-território transborda as experiências individuais”, não podendo ser alienado do território que habita e da relação com os outros, “cada corpo nunca é só um, mas o é sempre com outros e com outras formas não humanas” (Gago, 2019, p. 107). O corpo-território vincula-se ao giro decolonial, pois ao pensar que “(...) nós somos sempre em relação com os outros e com o meio. É exatamente nesta provocação que mora a crítica ao corpo-espaço e promove o “giro decolonial” até o corpo-território.” (Oliva, 2022, p. 149)

Em *Vasto mar de sargaços* temos duas figuras maternas importantes para Antoinette, sua mãe biológica, Annette, e Christophine, sua babá, que cuida maternalmente da personagem durante a narrativa. Essas são duas mulheres centrais na vida da protagonista, por influenciarem o desenvolvimento dela, desde as suas percepções de mundo e valores, nos levando a perceber como a ausência delas coloca Antoinette em uma situação de fragilidade. É a Christophine que cabe grande parcela dos cuidados e afetos que são dados a Antoinette criança e após o seu casamento. Annette acaba se dedicando mais a Pierre, filho caçula que sofre de uma doença não nomeada no enredo; ela morre prematuramente e deixa de conviver com a filha ainda na primeira parte do romance.

O que conhecemos dessas mulheres é narrado a partir do olhar de Antoinette e, em alguns trechos, temos comentários do marido dela sobre Christophine; optamos por direcionar nosso olhar a vida dessas mulheres pela importância que ambas possuem no desenvolvimento do enredo. Mesmo não sendo essas as personagens centrais desta narrativa, as suas existências podem proporcionar reflexões acerca das subjetividades que compõem o cenário colonial jamaicano nas primeiras décadas do século XIX. Em Christophine temos uma mulher negra liberta, que, nas palavras de Annette, é apresentada como segue: “Ela [Christophine] foi o presente de casamento do seu pai para mim; um dos presentes dele. Ele achou que eu ficaria feliz com uma moça da Martinica.”(Rhys, 2012, p. 15) Dessa forma, ela é uma mulher que sofreu as

violências ocasionadas pela situação de cativo na qual o seu corpo foi colocado. Após o Ato de emancipação inglês, que confere àquela existência a condição legal de liberta, ela decide permanecer com a família Cosway.

Em Annette e Christophine temos subjetividades que são oprimidas pelo sistema moderno-colonial, as opressões e violências que elas sofrem devem ser lidas a partir do lugar que esses corpos ocupam nesse sistema. Em Annette, temos uma mulher que usufruiu dos bens que a exploração do trabalho escravo lhe propiciou até certo ponto da vida; e em Christophine, encontramos uma mulher que nasceu na condição de sujeito escravizado. O feminismo decolonial da filósofa argentina María Lugones nos ajuda a refletir sobre essas diferenças nas opressões sofridas pelas personagens e a importância do recorte de gênero ao pensarmos as colonialidades, pois nos possibilita pensar as opressões e violências de maneira interseccionada (Lugones, 2014; Carvalho, 2023), possibilitando a reflexão sobre o complexo meio social caribenho. Como Lugones (2020, p. 78) coloca: “A interseccionalidade revela o que não se vê quando categorias como gênero e raça se conceptualizam como separadas uma da outra.” Ao pensarmos na situação dessas duas mulheres, Annette e Christophine, destacamos, os recortes raciais que influenciam diretamente no tratamento que é dado a cada uma, para então tratarmos das violências que incidem sobre esses corpos-territórios.

De acordo com Curiel (2014 apud Carvalho, 2023) ao propor o feminismo decolonial Lugones evidencia a interseccionalidade entre as opressões, ao cruzar raça, classe, sexualidade e gênero. Assim, desenvolve o seu conceito de colonialidade de gênero, suprimindo o que considera uma falta nas colonialidades propostas pelo grupo M/C e ao pensamento de Quijano, para tratar da concepção de gênero para além dos parâmetros estabelecidos pela colonização; ela, “realiza um giro epistemológico, tomando como referência a concepção de interseccionalidade para tratar da colonialidade de gênero e das relações de poder.” (Carvalho, 2023, p. 11) Como Karolina dos Santos Silva (2021, p. 49) coloca, na situação da mulher negra escravizada e na de mulher branca, temos nuances diferentes de manifestação do controle sobre esses corpos, na questão reprodutiva, pois

A capacidade reprodutiva da mulher branca era desejada de modo a possibilitar que uma linhagem fosse estabelecida e que houvesse a perpetuação da família. Diferentemente das escravas que eram exploradas sexualmente como uma forma de aumentar a quantidade de escravos, portanto como mão-de-obra, a mulher branca deveria desempenhar o papel de mãe e de produtora de herdeiros para os

senhores. O senhor detém o direito sobre as duas categorias de mulheres: detém o direito de propriedade sobre a escrava e seu filho, e detém o direito de chefe e autoridade máxima sobre sua esposa e seu lar.

A autora faz referência à mulher branca nessa discussão, todavia, tanto ela quanto Viviane Ramos de Freitas (2017) afirmam em seus trabalhos que o estereótipo da mulher inglesa é transposto sobre as mulheres crioulas filhas da elite colonial; dessa forma, também foi esperado que Annette ocupa-se esse local de geradora de herdeiros do Sr. Cosway, tarefa que ela desempenhou, entretanto, de maneira “falha”, pois ao ter um casal de crianças, Antoinette e Pierre, a primeira sendo mulher não poderia cuidar dos assuntos da família e o segundo nasceu doente e faleceu prematuramente; mesmo que a *plantation* da família não houvesse colapsado, o velho Sr. Cosway não teria herdeiros que pudessem passar o nome da família adiante, o que coloca Annette em uma situação delicada, tendo em vista, que neste período, essa era uma das obrigações das mulheres de sua classe. Ao pensar em Christophine e nesse controle da esfera reprodutiva, temos esse trecho no qual a personagem ao aconselhar Antoinette a deixar o marido e procurar sua felicidade em outro lugar e receber uma resposta negativa da protagonista, expressa sua opinião com relação a forma como vê as mulheres

Ela [Christophine] cuspiu por cima do ombro.

- **Todas as mulheres, de todas as cores, não passam de idiotas.** Eu tenho três filhos. Um deles vivendo neste mundo, cada um de um pai diferente, **mas nenhum marido, graças a Deus.** Eu **guardo meu dinheiro.** Não dou para nenhum **vagabundo.** (Rhys, 2021, p. 106, grifos nossos)

Nessa fala de Christophine temos uma mulher que valoriza a sua independência de figuras masculinas, aparentemente nunca se casou e não sabemos se ela engravidou a partir de intercursos forçados ou de sua escolha. O que podemos afirmar a partir da fala dela é que mesmo sendo uma mulher que esteve sob o regime da escravidão, ela resistiu a este e tentou preservar sua integridade física, sendo conhecida nas redondezas de Coulibri como uma mulher imponente e que demandava o respeito daqueles que a conheciam. Elas, Christophine e Annette, são mulheres nascidas na Martinica, território de colonização francesa, que se mudam para a Jamaica após o casamento de Annette com o Sr. Cosway. Não é tratado no romance de nenhuma vivência delas na Martinica, o lugar só é citado para destacar a estrangeiridade de Annette naquela sociedade jamaicana, por vir de uma localidade

francófona. Este é um ponto considerado importante, é com ele que Rhys (2012, p. 11) começa o romance, com Antoinette falando do isolamento da família e como aquela comunidade rural na qual a família de Coulibri estava inserida enxergava Annette

Dizem que quando o tempo fecha o melhor é cerrar fileiras, e foi isso que os brancos fizeram. Mas nós não estávamos nas fileiras deles. As damas jamaicanas jamais aceitaram minha mãe, “porque ela é muito cheia de si”, Christophine dizia. Ela era a segunda mulher do meu pai, jovem demais para ele, na opinião delas, uma moça da Martinica.

Primeiramente, destacamos que no texto fonte, em língua inglesa, esse trecho no qual Christophine diz “porque ela é muito cheia de si”, encontra-se da seguinte forma: ‘because she pretty like pretty self’ (Rhys, 2016, p. 15), a expressão “cheia de si” em português pode significar uma pessoa que é convencida, no trabalho de tradução Léa Viveiros de Castro possivelmente encontrou essa expressão como equivalente a “pretty self”, entretanto, no texto de Rhys (2016), podemos interpretar que essa expressão indica a ideia de que Annette é uma mulher de beleza notável, não necessita de adornos para tornar-se bonita, tendo em vista que a sua beleza é algo que é destacado em outras partes do enredo e, também, é um ponto sempre associado a Antoinette, que teria herdado a compleição materna. A forma como a sentença de Christophine está organizada, em inglês, possui aspectos agramaticais, mas essa colocação não visa diminuir a competência comunicativa dela, pois, como veremos, a falta de um discurso padrão pode ser visto como uma estratégia de ir contra o *status quo* que a personagem adota.

Como Antoinette deixa claro no trecho acima, ela e a mãe não eram lidas socialmente como mulheres brancas; essa classificação refere-se apenas às pessoas de pele clara nascidas na Europa e, também, não eram assimiladas pela sociedade local. Como é colocado por Daniel Cosway, ao falar de Annette em carta ao marido de Antoinette: “(...) *Ela [Annette] não tinha dinheiro nem amigos, pois os franceses e os ingleses são como cão e gato nesta ilha desde tempos muito remotos. Ferem, matam, tudo.*” (Rhys, 2012, p. 93, grifos da autora) A hostilidade conferida à família de Coulibri nasce da estranheiridade de Annette e da condição de pobreza deles, pelo menos por parte dos europeus e crioulos ricos jamaicanos.

Essa hostilidade contra elas gera um isolamento da família, que afeta gravemente Annette, muito mais do que sua filha, que havia nascido em Coulibri e

não tinha memórias dos tempos de glória da propriedade. Ao tornar-se objeto de pena e motivo de risadas dos locais, Annette recolhe-se ainda mais em sua casa decadente, como Antoinette diz:

Minha mãe normalmente andava de um lado para o outro no *glacis*, um terraço calçado e coberto de telhas que percorria todo o comprimento da casa e subia até o bambuzal. Do bambuzal, tinha uma visão clara do mar, mas qualquer um que passasse podia olhar para ela. **As pessoas olhavam, e às vezes riam.** (Rhys, 2012, p. 14, grifos nossos)

Minha mãe foi até a janela. (“**Náufraga**”, diziam as suas costas retas, o seu cabelo cuidadosamente enrolado. “**Náufraga.**”) (Rhys, 2012, p. 20, grifos nossos)

Annette é levada a essa situação de isolamento, sendo que, em outros trechos do romance, a personagem coloca como se sente observada e acuada naquele lugar. São cinco anos intensos nesse processo de empobrecimento e solidão, em um período de muitas tensões políticas e sociais nas colônias inglesas após o Ato de emancipação, ocorrido por volta da década de 1830 (Freitas, 2017). Podemos supor que a personagem conviveu com o medo do ataque a Coulibri, temendo pela sua segurança e de sua prole, afinal, aqueles que viviam nas redondezas foram as vítimas do sistema de exploração do trabalho escravo. O único vizinho da propriedade, o Sr. Luttrell, dono da propriedade de Repouso do Nelson, que esperava, assim como Annette, a compensação prometida pelo governo britânico, não suportou esse clima de incertezas e atirou-se ao mar. Não existia a quem recorrer, e como Antoinette coloca, sua mãe mais parecia uma naufraga perdida nesse mar de incertezas e medo, dia após dia se afundava mais em uma realidade criada por ela para desviar-se dos problemas que a cercavam.

O segundo casamento de Annette com o Sr. Mason surge como a tábua de salvação da família, para ela, visão que não é compartilhada por Christophine e Antoinette. Ela deposita naquele homem inglês todas as suas esperanças de sair daquela situação de miséria e passarem a ser respeitadas pelas pessoas de Spanish Town. Após a união, se acentuou o falatório sobre a maneira como Annette seduziu o Sr. Mason, como sua beleza e “sua leveza ao dançar”, inebriaram aquele homem inglês e o seu ouro. Temos a ideia de uma mulher extremamente sedutora e que consegue favores a partir de sua beleza inebriante, um estereótipo da mulher crioula que circulava no imaginário colonial, a de um ser hipersexualizado e, em alguns casos, até bestial. Como coloca Silva (2021, p. 60)

A mulher branca crioula era um entremeio entre a pureza extrema da mulher europeia e a selvageria e promiscuidade da mulher negra. Seu desvio de caráter era tido como proveniente do contato que as crioulas brancas tinham com os escravizados.

Essa ideia se apoia no conceito de raça, que confere uma determinada natureza para cada subjetividade partindo de classificações inventadas pelo sistema moderno-colonial, que tornam a prática de violência contra determinados corpos algo necessário para se garantir o processo “civilizatório”. Em *Vasto mar de sargaços*, Annette representará essa mulher crioula que, de acordo com as fofocas da burguesia local, usará sua juventude e beleza para sobreviver e a ela também é dado o comportamento descontrolado desse sujeito que nasce nas ditas Índias Ocidentais, como Daniel Cosway coloca, mais uma vez, “(...) *Essa jovem Sra. Cosway era inútil e mimada, não sabia fazer nada e logo a loucura que havia nela, e em todas essas crioulas brancas, aflorou.*” (Rhys, 2012, p. 93, grifos da autora) Ele então transpõem essa ideia do descontrole emocional que foi colocado sobre Annette após alguns acontecimentos trágicos e o afirma como um comportamento dado como padrão para as mulheres crioulas.

Ao mencionarmos a criação do conceito de raça (Segato, 2021;2022) como base para circulação no meio social desses pensamentos sobre a mulher crioula e como ele serve como base para naturalizar as violências que Annette sofrerá, como Silva (2021) afirmou, temos a reflexão de Lugones (2014, p. 936) sobre a maneira como as políticas coloniais lidam com os Outros criados pelo sistema de exploração colonial-moderno:

Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens.(...) A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento [do Homem branco], mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês.

Animalizar os povos subjugados para que toda e qualquer violência a qual sejam submetidos seja tida como plausível para um bem maior e criar-se um ideal de feminilidade inalcançável para excluir o máximo possível de corpos lidos como dissidentes do padrão e manter sob o controle do patriarcado aqueles corpos que couberam nesse ideal são práticas desse sistema moderno-colonial. Annette é um desses sujeitos que tenta manter-se vinculada ao poder dominante para sobreviver,

entretanto, esse a repele, como Antoinette coloca ao comparar a mãe biológica com o padrasto: “(...) E para a minha mãe, tão indubitavelmente não inglesa, mas também não negra branca.”(Rhys, 2012, p. 31); a Annette está reservado um julgamento social extremamente tendencioso, navegando neste lugar de mulher crioula, que não é negra nem branca, sendo rotulada de louca sem levar em consideração todo o sofrimento pelo qual passou. Ao estabelecer os parâmetros do que é visto como feminino, todo o resto que destoa desse ideal é colocado à margem e deve passar pelo processo de normalização. Quando o comportamento da personagem é julgado como insano, não se procura entender o que gerou tal mudança de atitude.

Ao se posicionar e exigir do marido que se mudem de Coulibri por perceber uma mudança na dinâmica das populações locais de pessoas libertas, tem suas demandas ignoradas pelo Sr. Mason. Ela o alertou diversas vezes, como vemos:

- Você não aprecia, nem mesmo reconhece, o que há de bom neles [pessoas libertas] - disse ela -, **e não quer acreditar no reverso da medalha.**

- Eles são **preguiçosos** demais para ser perigosos - disse o Sr. Mason. - Eu sei disso.

- Eles são mais vivos do que você, preguiçosos ou não, **e podem ser perigosos e cruéis por motivos que você não entenderia.**

- Não, **eu não entendo** - sempre dizia o Sr. Mason. - Eu não entendo mesmo.

Mas ela **continuava falando** sem parar. Com **persistência**. Com **raiva**. (Rhys, 2012, p. 27, grifos nossos)

- **Eu não vou mais ficar em Coulibri** - disse minha mãe. - Não é seguro. Não é seguro para Pierre. (Rhys, 2012, p. 29, grifos nossos)

(...) - Sua voz ficou embargada, mas ela continuou gritando: - **Você não me ouviu, você debochou de mim, seu hipócrita sorridente, você também não devia ficar vivo, você sabe tanto, não é?** Por que não vai lá fora e pede a eles para deixarem você ir? Diga como você é inocente. Diga que você sempre confiou neles. (Rhys, 2012, p. 35, grifos nossos)

O Sr. Mason argumenta que as preocupações de Annette são exageradas, pois em sua visão de colonizador europeu os povos escravizados são tidos como preguiçosos e não possuem capacidade de se organizarem; os sujeitos escravizados são entendidos como marcados por uma inferioridade e incapacidade de desempenharem outro trabalho a não ser o braçal, que é coordenado pelos homens brancos. Essa ideia fez com que o Sr. Mason não enxergasse o perigo que aquelas pessoas representavam para a família de Coulibri. Annette tentou conversar com o marido e quando não conseguiu convencê-lo manifestou sua decisão de ir embora,

entretanto, era tarde demais. A propriedade foi atacada, tudo se perdeu no incêndio; ao conseguirem fugir do cerco à propriedade, tendo sido encurralados por algumas pessoas, o que os salvou foi o papagaio da família, Coco, que tentou voar da casa em chamas e acabou morrendo, este é um animal cuja morte representa azar para aqueles que a testemunham, de acordo com o costume local. Por isso, assim que percebem o animal em chamas tentar escapar da parte alta da casa, aqueles que cercavam a família de Coulibri se dispersam, possibilitando a fuga da família. Coco não consegue voar, pois, desde que o Sr. Mason se casou com Annette, vinha aparando as asas do papagaio, o que impossibilitava a ave de conseguir usá-las.

É possível estabelecer uma relação entre a maneira que o Sr. Mason corta as asas do papagaio para impedi-lo de voar e como o mesmo tenta moldar as duas mulheres crioulas que estão sob o seu poder, Annette e Antoinette, aos moldes de um ideal inglês de feminilidade. E como esse condicionamento levou a um fim trágico de ambas, pois, Annette ao vivenciar o cerco a Coulibri e a morte de Pierre, adota um comportamento agressivo contra o marido, o apontando como um dos culpados de tamanha desgraça, como diz Antoinette: “(...), e minha mãe passou a odiar o Sr. Mason. Ela não permitia que ele se aproximasse dela ou tocasse ela. Ela disse que o mataria, acho que tentou mesmo matá-lo.” (Rhys, 2012, p. 131)

Annette é diagnosticada como louca e durante a narrativa a única pessoa que a defende e aponta as condições que a levaram a desenvolver um comportamento agressivo é Christophine. O marido usou o isolamento como forma de oferecer o que ele chamava de tratamento à esposa, que foi, na verdade, uma forma de afastá-la do meio social e que não abarcava nenhuma tentativa de compreensão dos sofrimentos da personagem. É Christophine que, ao relatar ao marido de Antoinette o que fizeram com a mãe da sua esposa, revela a forma violenta como Annette era tratada:

- Eles a levaram a isso. Quando ela perdeu o filho, **perdeu temporariamente o juízo**, e eles a **isolaram**. Disseram que estava maluca, agira como se estivesse maluca. Perguntas, perguntas. Mas nenhuma palavra gentil, nenhum amigo, e o marido foi embora, abandonou-a. **Não me deixavam vê-la**. Eu tentei, mas não consegui. Não deixavam Antoinette vê-la. No fim, **louca, eu não sei, ela desistiu**, não ligava mais para nada. Aquele homem que estava encarregado dela **fazia sexo com ela quando tinha vontade** e a mulher dele contava. **Aquele homem e outros**. Por isso eles a guardavam. Ah, Deus não existe. (Rhys, 2012, p. 155, grifos nossos)

Ao pensar na situação de Annette, nos perguntamos: a sua agressividade não pode ser considerada um comportamento plausível como resultado de todo o sofrimento que a personagem passou? Anos vivendo no espaço tenso de Coulibri e, após o casamento, um acirramento dessas tensões que resulta no quase linchamento da família e na morte do seu filho. Nos momentos em que manifestava sua opinião e falava ao marido que deveriam se mudar de Coulibri, pois tinha medo de que algo acontecesse, sabendo que seus medos eram bem fundados, o marido, convencido de que conhecia mais os locais do que a esposa, se nega a escutá-la. E o resultado nós conhecemos, agora, isolada e rotulada como louca, Annette é violentada ocasionalmente por diversos homens, sua existência é apagada. Não existe respeito ou afeto para com esse corpo-território; ele encontra-se à mercê das vontades de outros.

Antoinette menciona a existência de duas mortes ao pensar na sua mãe. Para a protagonista a primeira morte é aquela da alma, quando se apaga a existência daquele sujeito ao subjugá-lo e a segunda seria a mais conhecida, a morte da matéria, o corpo. Como a personagem coloca ao fazer orações pela mãe: “(...) Esta [oração] é pela minha mãe, eu costumava pensar, onde quer que **sua alma esteja vagando**, pois ela deixou o seu corpo.”(Rhys, 2012, p. 52, grifos nossos) Essa casa na qual Annette foi colocada, sob a tutela de dois cuidadores, nunca foi pensada como um espaço seguro para a personagem, ela tornou-se apenas um problema que precisava ser ocultado pelo marido, além de Christophine e, em raros momentos Antoinette, ninguém se importou com aquela existência. Esse espaço doméstico é a prisão de Annette, o lugar no qual o seu corpo-território definha frente à violência, o que se afina com o que Segato (2012, p. 20) coloca ao tratar do caráter que assume o espaço doméstico após a modernidade e o capitalismo

O espaço doméstico adquire assim as características de íntimo e privado, que antes não tinha, e é a partir desta mutação que a vida das mulheres adquire a fragilidade que conhecemos, a sua vulnerabilidade e letalidade se estabelecem e aumentam até aos dias de hoje.<sup>22</sup>

Essa afirmação é aplicável no caso de Annette e de Antoinette, como veremos na seção seguinte. Ainda fortemente vinculada ao colonizador, representado pelo Sr. Mason, Annette não consegue enfrentar o sistema que a enquadra como uma anomalia que deve se conformar à norma, ao padrão ideal (Segato, 2022). As reações

---

<sup>22</sup> El espacio doméstico adquire así los predicados de íntimo y privado, que antes no tenía, y es a partir de esa mutación que la vida de las mujeres asume la fragilidad que le conocemos, su vulnerabilidad y letalidad se establecen y pasan a incrementarse hasta el presente.(Segato, 2012, p. 20)

possíveis dessa mulher pertencente à burguesia não foram suficientes para evitar o seu fim trágico ou amenizar seu sofrimento. Ela buscou a salvação da ruína financeira em um segundo casamento, opção possível para uma mulher da sua classe, já que nunca havia trabalhado na vida, mas o Sr. Mason surge como solução temporária e causadora de danos maiores à vida dela.

Christophine, em nossa análise, surge como uma mulher que não recorre à chamada “casa-grande” (Lorde, 2020, p. 137) na tentativa de encontrar aliados para sair da situação de opressão. Ela parece entender os significados que estão atrelados ao seu corpo-território, como a sua existência é lida como inferior pelos colonizadores, pois, como ela coloca ao falar com Antoinette sobre os novos europeus que estavam chegando à colônia após Ato de emancipação inglês:

**Acabou a escravidão! Ela não podia deixar de rir!**

- Essa gente nova tem lei. A mesma coisa. Tem juiz. Tem multa. Tem cadeia e trabalhos forçados. **Tem máquina para esmagar os pés das pessoas.** Os novos são piores do que os velhos, mais espertos, só isso. (Rhys, 2012, p. 21, grifos nossos)

Christophine não cai na falácia de que um sistema que há muito tempo vinha desumanizando pessoas, poderia mudar apenas por decidir libertar aqueles/as que havia escravizado antes. Ela foi certa ao dizer que a desgraça havia chegado em Coulibri quando o Sr. Mason visitou a propriedade pela primeira vez; esse foi o sentimento compartilhado com Antoinette. Ela sempre demonstrava sua opinião ao conversar com Annette, pelo que Antoinette relata, e não foi diferente quando ela foi de encontro a personagem durante a lua de mel da protagonista em Massacre. No trecho a seguir temos a primeira impressão do marido de Antoinette sobre Christophine,

- *Doudou, ché cocotte* - disse a mulher idosa a Antoinette. Eu a olhei atentamente, mas ela me pareceu insignificante. Era mais preta do que os outros, e suas roupas, até mesmo o lenço que usava em volta da cabeça, eram discretas em termos de cor. (Rhys, 2012, p. 69, grifos da autora)

O marido, inicialmente, não atribui nenhuma relevância à presença de Christophine, talvez, em sua ótica colonizatória aquela era apenas mais uma mulher negra entre tantas outras e não entendia o porquê de sua esposa atribuir importância aquela pessoa. Mas para Antoinette, como foi discutido, Christophine era presença forte em seu campo afetivo, foi sua mãe e amiga confiante, pois a protagonista não teve outra pessoa que cuidasse tanto de si e tentasse protegê-la. Como vemos, ao

longo da narrativa *Doudou* é o apelido carinhoso que Christophine usa para com Antoinette, isso demonstra mais uma vez o vínculo entre elas. Quando o marido questiona se ela não tinha medo da sua antiga babá, Antoinette responde:

Não, como poderia ter?[disse Antoinette]  
Se ela fosse mais alta - eu [o marido] disse -, uma dessas mulheres robustas coberta de adornos, talvez eu tivesse medo dela.(Rhys, 2012, p. 70)

Aqui ele atrela alguns estereótipos às mulheres negras, pois, como veremos, ele não diz que teria medo de uma mulher europeia ou crioula de pele clara, como a sua esposa, mas, possivelmente, teria de uma mulher negra que tivesse as características que ele menciona. Nessa sua fala, podemos perceber o atrelamento da ideia de mulheres negras como seres bestiais e não-humanos, de tal forma, que o marido estranha quando Antoinette beija e abraça Christophine:

Por que você beija e abraça Christophine? - eu [marido] dizia.  
Por que não?[disse Antoinette]  
*Eu* não beijaria nem abraçaria nenhuma delas, não conseguiria.[disse o marido]”(Rhys, 2012, p. 88, grifo da autora)

Tendo vindo de uma sociedade na qual o sistema de classes era extremamente bem estratificado, ele não compreende como a esposa, além de não conseguir disfarçar o que estava sentindo, demonstrava sentimentos por um empregada negra. A concepção dele sobre aquela subjetividade altera-se quando começa a perceber que Christophine é uma ameaça a sua influência sobre Antoinette; assim, até a percepção dele sobre a presença dela é alterada. Ao encontrar-se com Christophine após trair a esposa e ela ir atrás de sua antiga babá para pedir orientação e ajuda com relação à crise no casamento, o marido diz ao encontrar a personagem:

(...) Ela [Christophine] estava arrumada e tinha um ar muito **imponente**. A saia do seu vestido estampado arrastava-se pelo chão e farfalhava quando ela andava, e seu turbante de seda amarela estava cuidadosamente amarrado.(Rhys, 2012, p. 80-81, grifo nosso)

Aos olhos dele, ela parece tão imponente que surge como uma ameaça em seu horizonte. Assim como tentou cuidar de Annette, ela tenta proteger a menina que criou, Antoinette, mas seus conselhos não convencem Antoinette e Christophine percebe que já não há nada que possa fazer naquela casa, não pode ajudar uma pessoa que não lhe escuta. Antoinette é *beké*, e como Christophine diz, as suas práticas dentro do misticismo que envolve a sua religiosidade não são feitas para *beké*; o termo *béké* é usado para se referir a pessoas brancas, usualmente, aos primeiros

colonos e seus descendentes, um grupo identificado como uma pequena burguesia que se formou nas ilhas a partir do processo de exploração implantado pelo sistema moderno-colonial (Freitas, 2017; Silva, 2021). Por isso, ao pedir que a mulher não a deixe, Antoinette recebe esta resposta: “(...) **o jovem patrão não gosta de mim**, e talvez eu também **não goste** muito dele. Se ficar aqui, vou trazer **problemas e discórdia** para a sua casa.” (Rhys, 2012, p. 98, grifos nossos). Ela diz isso na frente do marido da protagonista, o que mostra mais uma vez a forma como ela se posiciona frente ao colonizador, representado por ele.

Com suas reflexões, ações e discurso, apontamos Christophine como esse sujeito que possui uma compreensão decolonial quanto ao sistema de exploração implantado nas colônias americanas. Desde sua primeira aparição na narrativa de Rhys, ela traz em suas falas críticas aos colonizadores e a forma como aquela sociedade está estruturada. Não confia em nenhum dos europeus que surgem no decorrer do romance, suas falas aparecem carregadas de sabedoria. Como a escritora estadunidense, Audre Lorde (2020, p. 137, grifos nossos) coloca:

As ferramentas do senhor nunca **derrubarão a casa-grande**. Elas podem possibilitar que os vençamos em seu próprio jogo durante certo tempo, **mas nunca permitirão que provoquemos uma mudança autêntica**. E isso só é ameaçador para **aquelas mulheres** que ainda consideram a casa-grande como sua única fonte de apoio.

Christophine entende o que Annette não compreendeu, que a dita “casa-grande”, acima referida por Lorde, não enxerga pessoas como elas enquanto seres humanos “completos” que merecem respeito aos seus corpos-territórios. No período colonial, de maneira mais acentuada, esses sujeitos eram lidos enquanto Outros que possuíam uma natureza de inferioridade conferida pelos colonizadores, que se colocavam como o ideal de humanidade (Quijano,1992;Segato,2021,2022; Lugones,2020). Ao sentir-se ameaçado pela diferença de Christophine, o marido significa a presença dela e os “poderes”, ditos, “sobrenaturais” que alguns locais lhe atribuem, o *status* de ameaça a sua subjetividade. Dessa forma, se antes ela era, na visão dele, apenas mais uma empregada negra, após esse tempo em Granbois ele torna-se temeroso em relação aquela mulher.

Atrelamos a personagem Christophine à discussão que Walter Mignolo e Catherine Walsh (2018, p. 43) fazem do conceito de cimarronaje, que seria

Salientar uma essência, uma atitude e uma consciência colectiva de pensamento que visa a reconstrução da existência, da liberdade e da libertação no presente, mas em diálogo com os antepassados.

Denota um pensamento política e culturalmente subversivo (um pensamento que, em diálogo com Nelson Maldonado-Torres, tem uma atitude decolonial) que confronta a desumanização e a inexistência que a colonialidade marcou e, ao fazê-lo, trabalha para uma “decolonialidade” do saber, do poder e do ser.<sup>23</sup>

Christophine é uma personagem disruptiva, ela não tem medo de questionar e com suas palavras enfrentar o discurso do colonizador. Ao conversar com o marido de Antoinette, ela não o trata como superior a ela, estabelece um diálogo de igual para igual. Em suas atitudes, enfrenta a colonialidade do poder ao questionar as condutas dos homens europeus que aparecem na vida de Annette e, posteriormente, de Antoinette. Ao falar com o marido da última, ela diz:

- Espero que o senhor esteja satisfeito, espero que esteja bem satisfeito - disse ela -, **e não venha com suas mentiras para cima de mim.** Eu sei muito bem o que o senhor fez com aquela moça. Sei melhor do que ninguém. **E também não pense que eu tenho medo do senhor.** (Rhys, 2012, p. 148, grifos nossos)

O primeiro ponto com relação ao trecho acima que gostaríamos de destacar é que no texto fonte Christophine não se refere ao marido de Antoinette como “senhor” ela usa “you”<sup>24</sup>, pronome pessoal do inglês que pode ser traduzido como você/vocês, o que coaduna com nossa afirmação anterior sobre a forma como ela se dirige ao marido de Antoinette. Não trazendo um tratamento hierárquico marcado na fala; possivelmente, essa ação dela chocava aquele homem inglês, pois era muito diferente dos costumes ingleses do século XIX. Ao dizer que ela sabe o que ele fez com “aquela moça”, ela está se referindo a traição dele com Amélie e as violências que vem praticando contra Antoinette, como renomear a esposa e não a escutar; ela só volta a Granbois para saber como Antoinette está e falar com seu marido, deixando claro que não o teme. Como o próprio coloca: “Quando olhei para ela [Christophine], seu rosto era uma máscara e **ela me olhava sem medo.** Eu tinha que **admitir** que ela era uma **lutadora.**”(Rhys, 2012, p. 159, grifos nossos) Nesses seus posicionamentos, percebemos como Christophine representa a cimarronaje articulando a decolonialidade em seu enfrentamento à colonialidade, e pensamos nessa como:

<sup>23</sup> Is to underscore an essence, an attitude, and a collective consciousness of thinking aimed at reconstructing existence, freedom, and liberty in the present but in conversation with the ancestors. It denotes a politically and culturally subversive thinking (a thinking that in dialogue with Nelson Maldonado-Torres has a de-colonial attitude) that confronts the dehumanization and nonexistence that coloniality has marked and, in so doing, works toward a “decoloniality” of knowledge, power, and being. (Mignolo;Walsh, 2018, p. 43)

<sup>24</sup> ‘I hope you satisfy, I hope you well satisfy’, she said, ‘and no good to start your lies with me. I know what you do with that girl as well as you know. Better. Don’t think I frightened of you either.’ (Rhy, 2016, p. 136)

(...) a estrutura de poder colonial [que] produziu as discriminações sociais que foram posteriormente codificadas como “raciais”, étnicas, “antropológicas” ou “nacionais”, consoante as épocas, os agentes e as populações envolvidas.<sup>25</sup> (Quijano, 1992, p. 12)

Como apontamos no início desta seção, algumas falas de Christophine no texto fonte podem ser consideradas agramaticais se levarmos em consideração a norma culta da língua inglesa. Tal aspecto da fala da personagem perdeu-se ao traduzir-se o romance rhyiano do inglês para o português brasileiro na tradução que usamos. Voltamos a ressaltar em nossa pesquisa alguns aspectos do texto fonte, por que estes contribuam para nossa análise. O fato de algumas das falas de Christophine não contemplarem a norma culta dizem respeito ao posicionamento da personagem frente ao *status quo*, em suas práticas de enfrentamento às normas coloniais. Afinal, como Russel II (2007, p. 91, grifos nossos) afirma

(...) as suas frases e inovações **transcendem as particularidades gramaticais**. (...) Antoinette afirma que Christophine sabe pelo menos **quatro línguas**: um “bom” inglês, o francês, uma espécie de patois e o dialeto local da Spanish Town, que se presume ser uma variação de crioulo caribenho.<sup>26</sup>

Portanto, Christophine tem um conhecimento prático e amplo no que diz respeito às línguas faladas nos lugares onde viveu, nascida na Martinica e depois trazida para a Jamaica, consegue se comunicar de maneira eficaz nesses lugares. Em conversas com Antoinette, quando próximas ao marido da protagonista, ela conversa em patois, o que faz com que ele se sinta excluído do diálogo entre as duas. Esse espaço que ela cria ao comunicar-se com Antoinette será discutido no próximo capítulo. Ela se comunica em inglês quando quer dizer algo específico para o marido; quando não, seu discurso pode trazer essas quatro formas linguísticas que Russel II (2007) menciona misturadas. Ao sair de Granbois e ver Antoinette pela última vez, o marido diz a Christophine:

- Você quer dizer adeus a Antoinette?
- Eu dei a ela alguma coisa para dormir - nada que possa fazer mal. **Não vou acordá-la para dizer coisas tristes.** Deixo isso para o senhor.
- Você pode escrever para ela - eu disse inflexivelmente.
- **Ler e escrever eu não sei. Outras coisas eu sei.**

<sup>25</sup>(...) la estructura colonial de poder produjo las discriminaciones sociales que posteriormente fueron codificadas como "raciales", étnicas, "antropológicas" o nacionales", según los momentos, los agentes y las poblaciones implicadas. (Quijano, 1992, p. 12)

<sup>26</sup>(...) her phrases and innovations transcend grammatical peculiarities. (...) Antoinette asserts that Christophine has at least four languages: "good" English, French, a patois of some sort, and the local dialect around Spanish Town, which is presumably a Caribbean Creole. (Russel II, 2007, p. 91)

Ela foi embora sem olhar para trás. (Rhys, 2012, p. 159, grifos nossos)

O saber dela pode não contemplar as habilidades de leitura e escrita em língua inglesa, mas em sua fala podemos perceber que ela cita a existência de outros saberes e seu domínio sobre alguns desses. Além desse leque de formas linguísticas nas quais consegue se comunicar, a personagem ainda era conhecida por dominar conhecimentos acerca de remédios, chamados de poções, e, no enredo, algumas personagens comentam sobre a fama de Christophine como praticante de *obeah*<sup>27</sup>, como vemos a seguir:

(...) Algumas das grandes propriedades estão sendo vendidas muito baratas, e a desgraça de uns é sempre a alegria de outros. Não, a coisa toda é um mistério. **É sempre útil ter uma feiticeira da Martinica por perto.**” (Rhys, 2012, p. 24. grifos nossos)  
O falatório sobre Christophine e *obeah* foi o que mudou a casa. (Rhys, 2012, p. 25, grifo da autora)

O primeiro trecho é uma mulher, pertencente à burguesia jamaicana, que comentava a conveniência do casamento de Annette com o Sr. Mason, um dos pontos que ela destaca faz referência a fama de Christophine como feiticeira na região; no segundo, temos Antoinette que ressalta como essas fofocas realmente se intensificaram após essa segunda união de Annette. No romance, Christophine não fala diretamente das suas práticas religiosas, o que temos acesso são essas menções que outros personagens fazem às práticas dela e ao olhar de Antoinette, que também não nos dá muitas informações. Por preconceitos em relação a sua religiosidade que envolve tanto o cristianismo como a *obeah*, a personagem é lida como uma ameaça à ordem social daquele lugar. O que é sabido é que Christophine foi presa pela polícia jamaicana acusada de praticar *obeah*, e o marido de Antoinette na tentativa afastá-la da esposa a ameaça novamente, como podemos ver:

Christophine, você morou anos na Jamaica e **conhece o Sr. Fraser, magistrado** em Spanish Town, muito bem. Eu escrevi para ele sobre você. Quer escutar o que ele respondeu? - Ela ficou olhando para mim. Eu li alto o final da carta de Fraser: “Escrevi muito discretamente para Hill, **o inspetor de polícia branco da sua cidade**. Se ela morar perto do senhor e **se meter a fazer aquelas maluquices**, informe-o imediatamente. **Ele mandará** dois policiais até a sua casa, e desta vez **ela não se livrará com facilidade...**” (Rhys, 2012, p. 158, grifos nossos)

---

<sup>27</sup> A *obeah* diz respeito à prática religiosa de raiz africana, similar ao candomblé no Brasil e ao vodu no Haiti (Silva, 2021). No romance de Jean Rhys, como veremos, essa prática religiosa é proibida, sendo considerada crime, e vinculada à personagem Christophine, conferindo a essa, no imaginário de alguns personagens, poderes místicos e certo grau de periculosidade.

A religiosidade da personagem é vista como um crime, ela é punida pela sua prática, e, obviamente, esses seus saberes navegam à margem de uma sociedade dominada pela colonização europeia-cristã. Mais uma vez sua liberdade é ameaçada e o marido de Antoinette tenta obter certo controle sobre Christophine, a encurralando com as leis inglesas. Ao tratar da repressão conferida pelas colonialidades aos territórios colonizados, Quijano (1992, p. 12) coloca que

A repressão recaiu, sobretudo, sobre as formas de saber, de produzir conhecimento, de produzir perspectivas, imagens e sistemas de imagens, símbolos, modos de significação; sobre os recursos, padrões e instrumentos de expressão formalizada e objetivada, intelectual ou visual.<sup>28</sup>

Vemos essa repressão colocada sobre a personagem, quando ela é proibida de praticar suas crenças de maneira pública e para não sofrer mais represálias policiais deve permanecer à margem da sociedade. Mesmo assim, Christophine não recua quando ameaçada pelo marido, ela vai embora pois já não há nada que possa fazer por Antoinette, que não segue seus conselhos. Essa esfera única que traça o limite entre o eu e o outro, o corpo, foi o território de Annette e Christophine, mulheres com fins díspares, mas que tentaram se proteger da maneira viável quando essa parcela das suas subjetividades foi atacada. Annette recolheu-se dentro de si como forma possível de fugir da realidade violenta que lhe foi imposta e Christophine, tendo plena ciência que vivia em uma sociedade que violaria, sempre que possível, a sua existência, não confiou em ninguém e sobreviveu.

### **2.3 Antoniette: A luta pelo território**

*Sair da perspectiva da violência como vitimização não nos exime do problema da violência ou de entender sua especificidade; pelo contrário, o reposiciona.*

Verónica Gago<sup>29</sup>

Como Quijano (2010) discute, o corpo encontra-se como elemento decisivo nas relações de poder, vinculado à esfera política. Pensando o corpo a partir do

---

<sup>28</sup> La represión recayó, ante todo, sobre los modos de conocer, de producir conocimiento, de producir perspectivas, imágenes y sistemas de imágenes, símbolos, modos de significación; sobre los recursos, patrones e instrumentos de expresión formalizada y objetivada, intelectual o visual. (Quijano, 1992, p. 12)

<sup>29</sup> (2019, p. 72)

conceito de corpo-território, refletiremos como esse posicionamento teórico “desliberaliza a noção de corpo como propriedade individual e específica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território.”(Gago, 2019, p. 107) Dessa forma, ao pensarmos sobre a violência, enxergamos como produzida pelo sistema moderno-colonial e patriarcal, articulada com o objetivo de aprisionar os corpos femininos ou feminizados. O patriarcado vinculado às colonialidades articula formas de opressão sobre esses corpos, como Cabnal (2010, p. 14) reflete ao pensá-lo:

(...) a categoria “patriarcado” foi tomada como uma categoria que permite pensar, no âmbito das relações intercomunitárias entre mulheres e homens, não só a situação atual baseada em relações de poder desiguais, mas também a forma como todas as opressões estão interligadas com a raiz do sistema de todas as opressões: o patriarcado.<sup>30</sup>

Pensar esse caráter sistêmico das opressões e, também, das violências infligidas sobre os corpos-territórios nos possibilita tratar desses fenômenos como articulados para além do âmbito privado. E tratar das colonialidades como frutos do sistema mundo moderno-colonial e patriarcal, sendo formas criadas para conformar os sujeitos dissidentes ao que é determinado por um grupo dominante. Dessa forma, tratamos dessa semelhança entre os corpos e os territórios, significando ambas as esferas como espaços de lutas pelo poder, lugares possíveis de colonização, o corpo é o nosso “primeiro território de luta” (Haesbaert, 2020, p. 80), pois, como coloca Gago (2019, p. 58), “a relação entre corpos feminizados e dissidentes e terras/territórios comuns, ambos [são] entendidos como superfícies de colonização, conquista e domínio.” Essa discussão coaduna com a nossa análise da relação entre Antoinette e o marido, que espelha a dinâmica entre o colonizador e o colonizado.

A personagem passa a enfrentar comportamentos abusivos do marido ainda durante a lua de mel. Ao analisarmos essas violências que lhe são infligidas, refletimos sobre a posição de vítima na qual a personagem é colocada. E afirmamos que definir Antoinette unicamente como uma vítima é uma leitura simplista da personagem em nossa reflexão, pois isso a tornaria refém dessa situação, lhe conferindo um comportamento passivo frente ao que lhe acontece, que oblitera a importância de suas reações frente às violências que sofre. Não nos interessa dissertar

---

<sup>30</sup> (...) la categoría “patriarcado” ha sido tomada (...) como una categoría que permite analizar a lo interno de las relaciones intercomunitarias entre mujeres y hombres, no solo la situación actual basada en relaciones desiguales de poder, sino cómo todas las opresiones están interconectadas con la raíz del sistema de todas las opresiones: el patriarcado. (Cabnal, 2010, p. 14)

sobre a leitura da personagem unicamente como uma vítima, pois em nossa análise destacamos as ações e comportamentos dela frente às violências que enfrentava, sendo útil discutirmos como o lugar de vítima a partir do momento que aparece vinculado a uma ideia de passividade, nesse caso, torna-se problemático. Ao pensarmos na análise e no enfrentamento das violências, entendemos que é necessário uma afinação com o que segue:

Saímos do lugar de puras vítimas—no qual desejam que permaneçamos—para inaugurar uma palavra política que não apenas denuncia a violência contra o corpo das mulheres, mas que também abre a discussão sobre outros corpos feminizados e, mais ainda, se desloca de uma única definição de violência (sempre **doméstica e íntima, portanto confinada**) para entendê-la em relação a um plano de violências econômicas, institucionais, laborais, **coloniais**, etc. (Gago, 2019, p. 55, grifos nossos)

As violências que são perpetradas contra Antoinette são praticadas no meio doméstico; atos similares já haviam sido perpetrados contra a sua mãe, nesse espaço que para as mulheres burguesas aparece vinculado à ideia de conforto e segurança, mas, que no caso dessas duas mulheres crioulas, se configura como uma prisão. Esses atos não podem ser vistos como acontecimentos isolados, mas como parte de um sistema, o moderno-colonial e patriarcal, que visa moldar ou aniquilar as existências que diferem do padrão criado por ele. O conceito de corpo-território (Gago, 2019;Oliva, 2022) coaduna com a nossa discussão de que não se deve definir o sujeito que sofre violência, a vítima, a partir de uma passividade que seria “natural” a essa posição; pois, confina esses sujeitos a ocuparem um lugar limitado e a leitura da violência a partir de situações isoladas, não como evento social. A prática de violência contra esses sujeitos femininos ou feminizados, se analisada como acontecimentos isolados, ajudará a perpetuar o isolamento de nós, mulheres, nesses espaços domésticos, a naturalizar as vítimas de violência como sujeitos passivos que sofrem com ações consideradas “naturais” ao meio social quando analisadas separadamente. É necessário reafirmar a importância de utilizarmos o conceito de corpo-território em nossa pesquisa sempre que nos referimos às personagens Annette, Christophine e Antoinette, pois, possibilita pensar esse caráter plural e político na luta contra as violências.

Até o momento em que o marido recebe a carta de Daniel Cosway e descobre detalhes sobre o passado da família de Antoinette que lhe eram desconhecidos, não

havia ocorrido discussões entre o casal. É a partir desse momento que a relação deles sofre algumas alterações, como Antoinette diz:

- (...) Ele me **odeia** agora. Eu o ouço toda noite andando de um lado para o outro na varanda. De um lado para o outro. Quando passa pela minha porta, ele diz: “Boa-noite, **Bertha!**” Ele não me chama mais de Antoinette. **Descobriu que esse era o nome da minha mãe.** “Espero que você durma bem, **Bertha.**” (Rhys, 2012, p. 110, grifos nossos)

Antoinette faz menção ao um longo processo que se inicia aqui, o marido passa a associar a esposa a Annette, atribuindo a ela as características da mãe, como o descontrole emocional e, depois, a loucura. Ao alterar o nome da esposa ele tenta realizar uma grande mudança em uma parcela importante da subjetividade do sujeito. Essa é uma das suas estratégias para tentar assumir o poder sobre ela, Antoinette demonstrava ser uma jovem mulher que acreditava em suas ideias, que amava o lugar no qual vivia. Não demonstrava entusiasmo em mudar-se para a Inglaterra ou em compartilhar algumas concepções de mundo do marido, como ele coloca: “Seria apenas um erro, uma infelicidade, a escolha de um caminho errado, **suas ideias fixas jamais mudariam.**”(Rhys, 2012, p. 91, grifos nossos) A personagem percebe a maneira como ele tenta manipulá-la ao chamá-la por outro nome,

- **Bertha** - eu [marido] disse.
  - **O meu nome não é Bertha.** Você está tentando transformar-me em outra pessoa, chamando-me por outro nome. Eu sei disso, isso também é **obeah**.
- Lágrimas escorreram dos seus olhos. (Rhys, 2012, p. 145, grifos nossos)

Nascida e criada na Jamaica, Antoinette conhece muito bem as tradições dos povos que habitam esse território, as regras que circulam naquela sociedade. O marido se referia a *obeah* como algo demoníaco e praticado por aqueles/as que considerava “selvagens”, entretanto, Antoinette revela como essa ação dele é similar a práticas que o mesmo tanto abomina. Ele pensava que seria fácil manipulá-la e dominá-la, mas mesmo embebida na devoção e amor que nutria por ele, a personagem consegue interpretar as intenções por trás de suas ações. Ele acreditava-se superior à esposa crioula, e sentia-se incomodado pela situação na qual se encontrava; primeiro, enxergava-se como alguém que foi comprado pelo dote da esposa e, agora, enganado, por não saber desses detalhes do passado da família. Esses seus sentimentos se convertem em repulsa e ódio contra Antoinette, que desesperada recorre a Christophine, que lhe aconselha a abandonar o marido: “Você [Antoinette] me faz

uma pergunta difícil, eu dou uma resposta difícil; faz a mala e vai embora.” (Rhys, 2012, p. 106), mas a personagem responde:

Mesmo que eu conseguisse fugir, e como?, ele me obrigaria a voltar. E Richard também. Aliás, todo mundo. Fugir deles, desta ilha, essa é a mentira. Que motivo eu daria para ir embora e quem acreditaria em mim? (Rhys, 2012, p. 110)

Essa fala da personagem diz muito sobre a sua consciência do lugar que ocupa naquela sociedade, ela sabia que não teria o apoio do filho do seu falecido padrasto, tinha certeza que estava sozinha, sem suporte financeiro; afinal, Richard Mason a casou, para que deixasse de ser uma preocupação para ele. Antes do casamento, tia Cora já manifestava seus temores com relação à situação de Antoinette, como podemos ver nessa conversa dela com Richard:

- **É um absurdo** - disse ela. [tia Cora] - **É uma vergonha**. Você está **entregando** tudo que a criança possui para um **perfeito estranho**. Seu pai jamais teria permitido isso. **Ela deveria ser protegida legalmente**. Pode-se fazer um **acordo**, e era isso que deveria ser feito. Essa era a intenção dele. (Rhys, 2012, p. 111, grifos nossos)

O marido recebe uma boa soma em dinheiro como dote, além de total controle sobre tudo que pertenceu à família de Antoinette; e, depois, ele tenta exercer esse controle sobre a personagem. Então, outrora rica, após o casamento encontra-se despossuída, tudo passa a pertencer ao marido, e caso decidisse levar a ideia da fuga adiante, deveria recomeçar do zero, recebendo, possivelmente, apoio unicamente de Christophine. Tia Cora não podia ajudá-la, havia tentado, mas o único interesse do filho do Sr. Mason era casar Antoinette com um pretendente que ele considerava ideal, um inglês aristocrata que devido à vantagem financeira se interessou em casar com uma mulher crioula, para ele não havia oportunidade melhor. Foi um bom negócio para Mason e ele não se preocupou em proteger Antoinette; pouco lhe importava se aquela herança teria podido garantir certa independência à personagem e não a deixasse completamente à mercê do marido, como se encontrava agora.

Em conversa com Antoinette, Christophine também a aconselha a tentar conversar com o marido para esclarecer os fatos por trás da carta, cheia de mentiras, de Daniel Cosway. Ela diz a Antoinette:

(...) É você que precisa **ter coragem e lutar por si mesma**. Fale com seu marido, com bastante **calma**, conte a ele sobre sua mãe e tudo que aconteceu em Coulibri e por que ela ficou doente e o que fizeram com ela. **Não grite** com o homem nem faça **cara de louca**.

Também **não chore**. Com ele, não adianta chorar. **Fale direito** e faça com que ele compreenda. (Rhys, 2012, p. 113. grifos nossos)

Christophine demonstra, mais uma vez, compreender a abordagem correta para lidar com as pessoas, em especial com os brancos. Com os seus conselhos tenta guiar Antoinette para resolução do conflito com o marido, pois ela sabe que o comportamento da personagem causou estranhamento ao esposo. Ele já havia comentado como é difícil para Antoinette ocultar o que está sentindo, agora, se ela tentasse discutir com ele e se alterasse o marido iria denotar a todo e qualquer ato da personagem alguma conexão com o passado da família dela. Prevendo que isso poderia ser usado contra a personagem, Christophine a instrui a tentar manter uma conversa calma com o marido e a incentiva a lutar por si mesma, a assumir o controle da sua vida.

Por mais que tentasse, Antoinette não conseguiria alterar o julgamento do marido, a raiva dele aumentou após se sentir enganado por pessoas que considerava inferiores a ele, ao casar-se com ela sem saber desses detalhes do passado da família Cosway. A única coisa que o atraiu para essa união foi o dinheiro, mas nem mesmo esse fato lhe faria esquecer a maneira como estava se sentindo. Diagnosticar a esposa como louca, é uma forma de torná-la socialmente incapaz de tomar decisões e de tentar dominá-la, tendo em vista, que assim ele teria o aval social de tomar qualquer decisão com relação a ela. Fazendo uso do poder que o patriarcado colonial confere aos homens brancos e reafirmando a maneira como o sistema molda o meio social para tornar viável a dominação desses corpos-territórios, como coloca Segato (2016, p. 19) o “(...) patriarcado como apropriador dos corpos das mulheres e este como sua primeira colônia.”<sup>31</sup>, ele segue tentando controlá-la a partir de mudanças na dinâmica do relacionamento deles.

Ele não a escuta, seu veredito é de que a loucura que corre no sangue daquela família estava começando a se manifestar na esposa. Então começa a agir friamente em relação a Antoinette e tenta afastá-la de Christophine; ele não esperava que a personagem reagisse às táticas que ele utilizava para exercer controle sobre ela, como alterar seu nome e a ignorar. Tratar Antoinette como louca é uma ação realizada a partir de pequenas violências rotineiras - primeiro ele a ignora, decide que tudo que ela fala é mentira, ela é acusada, mas não pode se defender; depois, a renomeia, mas

---

<sup>31</sup>(...) patriarcado como apropriador del cuerpo de las mujeres y de éste como primera colonia. (Segato, 2016, p. 19)

não usa qualquer outro nome, coloca a personagem sobre o espectro da falecida mãe, Annette, e, então, inicia o longo processo de isolamento da esposa. Mas tudo isso não acontece sem Antoinette enfrentá-lo das maneiras que consegue. Em uma dessas brigas do casal, ele inicia:

Consegui segurar o pulso dela com uma das mãos e a garrafa de rum com a outra, **mas quando senti seus dentes no meu braço**, larguei a garrafa. O cheiro tomou conta da sala. Mas agora eu estava zangado, e ela percebeu. **Ela quebrou outra garrafa contra** a parede e ficou com o vidro quebrado na mão, fitando-me com um olhar assassino.

- **Se você me tocar uma única vez, vai ver se eu sou uma covarde igual a você.**

Então **ela amaldiçoou tudo em mim**, meus olhos, minha boca, cada membro do meu corpo, e era como um sonho, eu ali naquela sala grande e quase sem móveis, com as velas bruxuleantes e aquela estranha de olhos vermelhos e cabelos desgrenhados, que era minha esposa, gritando obscenidades para mim. Foi no meio desse pesadelo que ouvi a voz calma de Christophine:

- Cala a boca e fica quieta. E não chora. Chorar não adianta com ele. **Eu já disse isso antes a você.** Chorar não adianta. (Rhys, 2012, p. 146, grifos nossos)

Possivelmente, ele pensou que Antoinette aguentaria de maneira submissa tudo o que ele decidisse, o obedecendo; entretanto, ela não foi criada na mesma sociedade que o esposo, logo não obedecia ao formato de comportamento de uma mulher inglesa aristocrata ou burguesa. Reagiu quando atacada, havia tentado conversar, como Christophine sugeriu, mas como não existia um diálogo possível, ela não permitiria que o esposo assumisse o controle; ela revidou. É nesse momento, no qual o marido parece chocado, que surge Christophine para tentar controlar a situação, cuidando de Antoinette. A ação do marido de tentar segurá-la pelo pulso, despertou o instinto de defesa de Antoinette; nessa reação de Antoinette percebemos como:

(...) cada corpo é um território de batalha, um amálgama sempre mutante e aberto ao devir, um tecido que é agredido e que precisa se defender e que, ao mesmo tempo, se refaz nesses enfrentamentos, que persevera enquanto tece alianças. (Gago, 2019, p. 80)

Se antes a personagem se mostrava extremamente preocupada com a mudança de postura do marido, ao se sentir atacada ela revida e depois desse episódio o posicionamento da personagem frente ao marido se altera. Sabendo que não poderia sair de casa, pois não tinha nada, ela para de suplicar que ele a escute. Mesmo que essa ação lhe machuque, ela desiste de conversar, mesmo acreditando que “sempre existe o outro lado [de uma história], sempre.” (Rhys, 2012, p. 126). Nos

posicionamentos de Antoinette, apontamos como enquadrá-la unicamente como uma vítima de um casamento malfadado e das violências que atravessam sua vida nessa sociedade colonial é reducionista, pois invisibiliza reconhecer as ações dessa personagem frente às violências que sofre. Pois, se o marido tenta fazer uso de estratégias apoiadas no sistema moderno-colonial para rotular aquela existência como incapaz, Antoinetta encontra maneiras de reagir e resistir ao comportamento abusivo dele. Como o mesmo expressa, a seguir, o seu desejo é de subjugar a esposa, pois em conversa com Christophine diz:

(...) Mas tudo o que o senhor quer é acabar com ela. [Christophine]

(...)

- Mas ela resistiu, hein? Ela resistiu.

(*Sim, ela resistiu. Uma pena.*) (Rhys, 2012, p. 151, grifos da autora)

- Ela me contou que no meio de tudo isso o senhor começou a chamá-la de nomes. **Marionette**. Ou uma palavra parecida.

- Sim, eu me lembro disso.

(*Marionette, Antoinette, Marionetta, Antoinetta.*)

- Essa palavra **significa boneca**, não é? Porque ela não fala. O senhor que **forçá-la a chorar e a falar**.

(*Forçá-la a chorar e a falar.*)

- Mas não consegui. Então inventou outra coisa. Foi se divertir com aquela garota sem-vergonha no quarto ao lado, e falaram e riram e fizeram amor de modo que ela ouvisse tudo. O senhor queria que ela ouvisse.

Sim, não foi por acaso. **Eu quis mesmo**. (Rhys, 2012, p. 152, grifos nossos)

Ele faz trocadilhos com o nome de Antoinette que sugerem suas intenções de manipulá-la, ele almeja o controle sobre a existência da esposa, para que pudesse defini-la da maneira que desejasse, que lhe fosse conveniente; mas ela resiste aos seus planos de dominá-la. A única maneira que, anteriormente, lhe dava alguma segurança com relação à influência que exercia sobre a personagem era durante os intercursos sexuais do casal. Além de ser um momento de prazer único para ele, também demonstrava a satisfação em ver como Antoinette o adorava nesses momentos e parecia estar a sua mercê. Entretanto, após tudo que aconteceu, Antoinette deixou claro que duvidava se ele encostaria mais um dedo nela. A ideia de posse que ele deseja exercer sobre ela é visível, pois, além do medo da perda do dinheiro que conseguiu com o casamento, também se recusa a separar-se de Antoinette por não querer que nenhum outro homem se aproxime dela e nem que a personagem fosse feliz novamente; ele manifesta esses pensamentos nos trechos a seguir:

Uma onda de **ciúme e raiva** me inundou. Ah, não, ela não vai esquecer [de mim]. Eu ri. (Rhys, 2012, p. 157, grifos nossos)

Eu digo que ela não ama ninguém, **ou ama a qualquer um**. Eu não poderia tocar nela. Exceto da forma como o furacão irá tocar nesta árvore - e **quebrá-la**. Você disse que eu fiz isso? Não. Aquilo foi causado pela **violência do amor**. Agora eu o farei.

Ela não vai **mais rir** sob o sol. Ela não vai mais se enfeitar e sorrir para si mesma naquele maldito espelho. **Tão confiante, tão satisfeita**.

Criatura vaidosa e tola. Feita para amar? Sim, mas não vai ter **nenhum amante**, porque eu não a quero e **ela não verá mais ninguém**.

(...)

Ela disse que amava esse lugar. Pois **ela nunca mais irá vê-lo**. Eu vou ver se ela derrama uma lágrima, uma lágrima **humana**. **Não aquele rosto vazio cheio de ódio**.(Rhys, 2012, p. 164, grifos nossos)

O ciúme dele se manifesta nesse trecho e em outros nas páginas finais da segunda parte do romance, principalmente, quando Daniel Cosway insinua que sua esposa teve um envolvimento amoroso com Sandi, filho de um irmão bastardo de Antoinette. O ciúme gerado a partir de comentários de Daniel, faz com que o marido manifestasse de maneira mais explícita a ideia de posse sobre a esposa; além de atrelar a ela o diagnóstico materno, começa a acreditar que ela é uma mulher que não conhece o decoro e o pudor, que poderia trocá-lo por outros homens. Nessa situação, temos a repetição de estereótipo que também foi colocado sobre Annette, o da hipersexualização da mulher crioula. Antoinette é lida, por ele, como uma mulher que carece de modéstia, que se expressa demais; ela apenas se sente segura naquele território e essa sua segurança transparece em suas ações, o que faz com que o marido se sinta desconfortável. Ele julga os comportamentos da esposa a partir do ponto de vista de um homem inglês aristocrata, embebido em normas sociais vitorianas, são ações que transcorrem em meados do século XIX. Na verdade, é uma espécie de morte que ele impõe a ela – vida invisível, sem desejos, sem trocas, sem amor, como uma planta ou animal, bem de acordo com a não subjetividade imposta aos colonizados.

O marido não tenta entender a cultura na qual a esposa foi criada e compreender o que aconteceu no passado dela, apenas analisa as informações que recebe de terceiros e a julga com base nos seus preceitos; como coloca Haesbaert (2020, p. 86) “só se compreende o ser ao entender a sua territorialidade.” Ele começa odiar aquele território, desde as suas primeiras vivências ali ele sempre atrela aquele lugar ao exagero e exotismo, o mesmo faz com Antoinette. Realiza a leitura do mundo a partir dessa sua posição de sujeito ideal do sistema moderno-colonial, tenta

fazer com que Antoinette se conforme ao que estabelece como “normal”; negando-se ela a habitar seus moldes de normalidade, é colocada como anomalia (Segato, 2021;2022) pelo discurso do marido.

Ele se mostra determinado a acabar com a esposa, se não usará mais a violência física, como durante as relações sexuais do casal, momentos no qual, segundo Christophine, ele deixava muitas marcas no corpo da esposa, encontrará outras maneiras de violar aquela existência. Ele irá procurar a partir do isolamento de Antoinette destruí-la, se ela se sente feliz naquele território então ele irá tirá-la de lá, com a desterritorialização e a prática do isolamento: ambas práticas violentas contra Antoinette. Para conseguir ser bem-sucedido em seus planos ele a leva da Jamaica, volta à propriedade da família na Inglaterra, que ele herdou após a morte do pai e do irmão mais velho.

Em solo inglês, a vida de Antoinette limita-se a um espaço no andar mais alto da casa do marido, que foi convertido em prisão para esconder do mundo aquela que se tornou, para ele, a sua maior vergonha. A propriedade rural que ele herdou carrega o peso de ser um símbolo do poder financeiro e político dos aristocratas ingleses; são propriedades como essa que são passadas de geração em geração e indicam o *status* de seus donos, são o motivo de orgulho para a família e simbolizam o poder patriarcal naquele país. Ele executou uma total desterritorialização da personagem, a afastou de tudo que ela amava e até mesmo naquele país frio e estrangeiro lhe retirou a própria terra, pois, presa, dificilmente sabia se era dia ou se era noite, não podia caminhar como fazia na Jamaica, sentir a terra sob os pés. Ela sentia falta de tudo, da natureza e de si mesma, a loucura de Antoinette longe de ser algo congênito é causada por circunstâncias da vida da personagem. O marido tenta, primeiro, lhe renomear; depois inicia o processo de isolamento da personagem que culmina com a sua ida para a Inglaterra e seu aprisionamento no sótão da propriedade.

A forma como o marido trata Antoinette afina-se com a prática da colonialidade do poder que possibilita pensarmos a ideia de criação do conceito de raça a partir de uma falácia de “descobrimento” das Américas (Mendonza, 2010). Ele acredita-se superior àquela mulher crioula jamaicana; nem mesmo a mulher inglesa aristocrata divide o *status* em igualdade com um homem dessa mesma classe; entretanto, o marcador de raça criado no território pós-intrusão adiciona diferenças a esses sujeitos lidos como Outros pelos colonizadores. Diferenças essas, que são

utilizadas pelo discurso civilizatório para validar a perpetração de violências contra esses corpos-territórios.

A maneira como o marido a tratou violentou aquela existência de forma a impor um isolamento físico e psicológico a ela; o processo de descaracterização de si ao qual ele submete Antoinette foi longo e quase efetivo, mas em algum lugar dentro de si ela ainda resiste, oscilando entre consciência e insanidade, lutando para tentar manter suas memórias e tomar decisões sobre o que deveria fazer agora presa naquele território que tanto difere de onde nasceu. O seu corpo-território é então tudo que ela possui e que tenta preservar, a fronteira entre o eu e os outros, que está sob constante ataque. Como Grace Poole coloca ao falar dela:

(...) aquela moça que vive dentro da sua própria escuridão. Uma coisa eu tenho que dizer, **ela não perdeu a coragem**. Ela ainda é **feroz**. Eu não dou as costas para ela quando ela está com aquela expressão nos olhos. Eu a conheço. (Rhys, 2012, p. 176, grifos nossos)

Em seu íntimo ela ainda preserva parcela de sua força e coragem, e em momentos de tomada de consciência tenta entender o que lhe aconteceu e o que pode fazer para sair daquele cativeiro. Ao pensar nas violências que foram praticadas contra a personagem, pensamos como

conectar as violências nos oferece uma perspectiva compartilhada que é ao mesmo tempo específica e expansiva, crítica e não paralisante, que enlaça experiências. Cartografar as violências a partir de sua conexão orgânica, sem perder de vista a singularidade de como se produz o nexo entre cada uma, nos permite algo mais: produzir uma linguagem que vai além de catalogar as mulheres como vítimas. (Gago, 2019, p. 55-56)

Olhar de maneira detalhada e pensar as violências que foram praticadas contra Antoinette, nos permite entender como essas violações se baseiam e são apoiadas por um sistema que tem em sua base o ódio contra o diferente, principalmente, contra esses corpos femininos ou feminizados marcados pela outridade em vários níveis. A prática da “rapinagem” (Segato, 2012) é executada dentro da modernidade-colonialidade como algo necessário para manter o poder patriarcal sobre essas existências. Não é possível ler situações de violências como consequências previsíveis de um sistema que sobrevive a partir da expropriação de corpos-territórios. Por isso, ao analisar as situações vividas pela personagem de Rhys optamos por discutir o processo violento que lhe traz um diagnóstico de insanidade e que ela, Antoinette, não deve ser rotulada como apenas uma vítima do sistema. Decidimos

então, destacar as suas tentativas de revidar o tratamento desumanizador que lhe foi conferido. Afinal, como o marido coloca, ele gostaria de tirar uma única lágrima humana daquele rosto, logo, ele nunca lhe atribuiu a chancela de humanidade dada às mulheres europeias.

Ao final da narrativa, ela parece recuperar algumas memórias e volta a acontecimentos importantes da sua vida; são lembranças que a fortalecem e parecem lhe dar algum direcionamento do que deve fazer para sair daquele local, Antoinette diz:

Agora, finalmente, eu sabia por que tinham me trazido para cá e o que eu tinha que fazer. Devia haver uma corrente de ar, porque a chama piscou e eu pensei que tinha apagado. Mas eu a protegi com a mão e ela tornou a brilhar para me iluminar ao longo do corredor escuro. (Rhys, 2012, p. 188)

Temos um final em aberto na narrativa rhyssiana, enquanto anda, como um fantasma a noite pela casa de campo do marido, ela parece planejar algo que colocará um fim ao seu sofrimento, mas que também a vingará. Antoinette enfrenta o poder colonial, representado pela figura do marido, e as colonialidades do poder (Quijano, 1992; Maldonado-Torres, 2018) e de gênero (Lugones, 2020), presentes nas ações dele. Como o nome das personagens sugere, o destino na filha estava traçado à sombra do da mãe biológica, pois, como é possível ver, o nome de Annette encontra-se dentro do nome de Antoinette. Além da tentativa de renomear a personagem, feita pelo marido, a protagonista de *Vasto mar de sargaços* nos mostra como resistiu às violações que sofreu. Destacamos, que tais ações por parte de Antoinette só foram possíveis devido a sua forte ligação com o território no qual nasceu, a influência de Christophine em sua vida e como esses dois pontos integram a sua existência, logo, o seu corpo-território.

A partir da discussão da colonialidade e territorialidade atreladas aqui às personagens Antoinette, Christophine e Annette, apontamos questões centrais quanto às formas de resistência e sobrevivência que cada uma dessas mulheres desenvolveu para lutar pelo direito de existir no sistema moderno-colonial; articulando estratégias para tentar burlar as tentativas de silenciamento e apagamento dessas subjetividades. No próximo capítulo, continuaremos com as discussões sobre territorialidade, agora atreladas aos afetos.

### **CAPÍTULO 3: TERRITÓRIOS E AFETOS EM *VASTO MAR DE SARGAÇOS*, DE JEAN RHYS**

#### **3.1 Os afetos nas Américas: Leituras das relações e dos territórios afetivos**

Os afetos e suas articulações entre os sujeitos e os espaços sociais que integram a vida política e a esfera privada se estabelecem como campo fundamental na contemporaneidade; a esfera afetiva, muitas vezes relegada ao inconsciente e ao sensível, está envolvida na criação e manutenção do poder social hegemônico. Para adentrar na discussão dos afetos em *Vasto mar de sargaços* optamos por tratar, primeiramente, da concepção dos afetos spinozanos a partir de Gilles Deleuze. Em seguida, do denominado giro afetivo e alguns/mas autores/as deste campo e, por fim, trazer algumas considerações às terminologias utilizadas e, dessa forma, realizar o giro decolonial e feminista sobre uma teoria considerada de base europeia, devido aos primeiros postulados sobre os afetos de Baruch Spinoza e a continuação da tradição spinozana por parte de Deleuze e outros estudiosos.

Deleuze (2019) traz em seus cursos sobre a filosofia de Spinoza um retrato da admiração que nutria pelo filósofo holandês, lhe dando o título de “príncipe dos filósofos” (p. 30), tal era o seu afeto pelo trabalho spinozano. Em sua obra mais famosa, e também comentada pelo filósofo francês, *Ética*, Spinoza, entre outras proposições, trata dos afetos. Sendo importante destacar que os afetos aos quais nos referimos dentro da obra de spinozana são *affectus* e não *affectio*, pois em algumas traduções os termos aparecem como sinônimos, mas não o são, de acordo com Deleuze (2019), pois, se Spinoza utiliza palavras diferentes, têm-se em vista que elas se referem a eventos que apresentam certas diferenças. *Affectus*, como já dito, são os afetos, e *affectio*, são afecções, que são um tipo de ideia, a mais basilar de todas, na construção filosófica de Spinoza, sendo “o estado de um corpo enquanto sofre a ação de um outro corpo” (p. 44).

Comentada essa diferenciação, em sua *Ética*, nos livros II e III, o filósofo holandês estabelece, inicialmente, a distinção entre o par afeto-ideia, para começar a elucidar sobre o conceito que nos interessa: os afetos. Como coloca Deleuze (2019, p. 35-36)

Todo modo de pensamento enquanto não representativo será denominado afeto. Uma volição, uma vontade, implica, a rigor, que

eu quero alguma coisa; o que eu quero, é objeto da representação, o que eu quero está dado em uma ideia, mas o fato de eu querer não é uma ideia, mas um afeto, porque é um modo de pensamento não representativo.

(...)

Nós devemos partir disto, que ideia e afeto são duas espécies de modos de pensamento que diferem em natureza, irreduzíveis um ao outro; contudo, simplesmente envolvidos em tal relação, que o afeto pressupõe uma ideia, por mais confusa que ela seja.

Pois, para Spinoza, a ideia é vista como representativa de um modo de pensamento e o afeto é um modo de pensamento não representativo, que navega nesse âmbito do querer e desejar, que está vinculado à ideia, mas se diferencia desta justamente pelo seu caráter. Mesmo um afeto pressupondo a elaboração de uma ideia, em termos filosóficos, o afeto e a ideia são eventos que não compartilham uma mesma natureza. Dessa forma, em nossa existência teríamos as ideias e os afetos, além da sucessão das primeiras temos a geração dos afetos a partir de variações cíclicas de encontros que se dão durante o existir.

Para demonstrar como acontece a geração desses afetos, Deleuze (2019) traz o exemplo da criação de ideias e afetos a partir de encontros. Ao encontrar uma pessoa X gera-se uma ideia desse encontro, que **me desagrada**, e ao encontrar-se uma pessoa Y, gera-se outra ideia que, nesse caso, **me agrada**. Temos formulações de ideias durante esses encontros, essas ideias darão origem a variações na potência de agir; quando vejo alguém que me torna alegre minha potência de agir é aumentada e, quando vejo alguém que me torna triste, a minha potência de agir é inibida. Essas existências que se afetam a partir de variações é o que se concebe como o afeto spinozano, que surge como uma “variação contínua da força de existir ou da potência de agir” (p. 38). Pensando nos afetos como essas vari(ações) da

(...) minha força de existir, ou outra palavra que ele [Spinoza] emprega como sinônimo: *vis existendi*, a força de existir ou *potentia agendi*, a potência de agir; e estas variações são perpétuas. Eu diria que para Spinoza há variação contínua – e existir quer dizer isto – da força de existir ou da potência de agir. (Deleuze, 2019, p. 39)

Durante a existência tem-se essa variação contínua da potência de agir, o afeto, seguindo o ciclo no qual ela aumenta ou diminui de acordo com a forma com que as existências se afetam. Spinoza classifica dois pólos dentro dessa variação contínua, o pólo da alegria, “toda paixão que envolva um aumento de minha potência de existir”, o pólo da tristeza, “toda paixão que envolva uma diminuição da minha

potência de agir” (Deleuze, 2019, p. 41). Sumarizando “esta sucessão de ideias, nossa potência de agir ou nossa força de existir é aumentada ou diminuída de uma maneira contínua, sobre uma linha contínua; e isto é o que nós chamamos afeto, o que nós chamamos existir.” (p. 42). Os afetos, partindo do viés spinozano, são uma potência, que age no campo do sensível, das emoções, pois pensamos tanto o afetar quanto o ser afetado na constituição das existências como variações ativas. Esse campo do sensível surge como espaço fértil e plural para a elaboração dos afetos, levando-se em consideração a influência e o poder que podemos encontrar ao analisá-lo. Sofrer uma variação a partir do outro que lhe afeta não é uma atividade passiva, longe disso, pois existe uma resposta daquela existência perante aquele evento, dessa forma, afetar-se é uma potência de agir em si. Enxergando o “poder de ser afetado como uma intensidade em si ou um limite de intensidade” (p. 55) que age sobre o eu. Considerando, que, como afirma Sztulwark (2023, p. 12)

(...) o afeto não é um sentimento, mas uma potência, e justamente uma potência de metamorfose. Uma potência, por definição, é constituída por um poder de afetar e ser afetado. Ora, ser afetado não é da ordem de uma mera receptividade; é uma capacidade, e das mais relevantes.

O campo de estudo dos afetos vem recebendo atenção desde meados da década de 1990, com foco no papel dessa esfera afetiva para percepção do sujeito no meio social. No compilado de textos sobre os afetos, *The Affect Theory Reader* (2010) (Solana;Vacarezza, 2020a;2020b) os organizadores, Melissa Gregg e Gregory Seigworth, apontam o trabalho de Brian Massumi (1995), “The Autonomy of Affect”, como um dos textos fundadores dos estudos sobre os afetos na contemporaneidade. Massumi (1995) segue na mesma esteira dos postulados de Spinoza e Deleuze sobre os afetos. O seu texto assume uma posição importante dentro dos estudos sobre afetos, sendo frequentemente referenciado ao tratarmos de tal área. Seus estudos dialogam com o pensamento filosófico de Deleuze, que seguia os de Spinoza no que concerne aos afetos. É na sua obra *Ética* (2020) que Spinoza trata dos afetos e como afirma Massumi (1995, p. 88) “Spinoza é um precursor filosófico formidável em muitos desses pontos [sobre os afetos]: na diferença de natureza entre afeto e emoção; na natureza irredutivelmente corpórea e autônoma do afeto.”<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Spinoza is a formidable philosophical precursor on many of these points: on the difference in nature between affect and emotion; on the irreducibly bodily and autonomic nature of affect. (Massumi, 1995, p. 88)

Ao trabalhar com os afetos de Spinoza, Massumi (1995) destaca os pontos tocados pelo filósofo holandês sobre os afetos enquanto potência. Pontuando diferenças entre os afetos e as emoções, a vinculação desses através dos corpos, a capacidade de afetar e ser afetado e assim sofrer transformações, partindo dessa ideia faz com que os afetos figurem como potências. Em seu trabalho ele usa o termo intensidades ao invés de afetos, afirmando que, pensar nessas intensidades, é refletir sobre a relação de via dupla que existe entre afetar e ser afetado. As intensidades são explicadas a partir da mesma lógica da potência que resulta dos afetos, aumentando ou diminuindo de acordo com a forma como o sujeito é afetado. Sendo assim, o trabalho de Massumi (1995) está em afinação com o que já havia sido estabelecido por Spinoza.

Utilizar o termo intensidades em seu trabalho, foi uma forma que o autor encontrou de criar um distanciamento terminológico em suas discussões e continuar vinculado aos afetos. Dessa forma, as intensidades, são imediatas e espontâneas, sendo multiplicadas a partir de encontros repetidos entre sujeitos e situações em contextos sociais. Em sua pesquisa, ele estabelece os afetos e as emoções em posicionamentos dicotômicos, e intensidades e afetos como sinônimos. Esse seu posicionamento, que segue na esteira dos pensamentos dos filósofos antes mencionados, não encontra total afinação com os posicionamentos que assumimos nesta pesquisa. Tratamos, brevemente, desse trabalho de Brian Massumi devido a sua relevância para os estudos sobre afetos durante a década de 1990; além do fato de o autor compactuar do viés spinozano sobre os afetos, ele também os concebe como “a habilidade de afetar e ser afetado, por uma ação qualquer que atua nos sentidos, nas emoções e no corpo e que leva inegavelmente a um posicionamento ético.” (Almeida, 2015b, p. 17), que coaduna com as nossas discussões nesta pesquisa.

Antes de discutir sobre a diferenciação que alguns/mas pesquisadores/as estabelecem entre afeto e emoção e como ocorrerá o uso desses termos na pesquisa, trataremos, primeiramente, do uso do termo giro afetivo. Como foi dito, na década de 1990 percebe-se um aumento de interesse na área dos afetos e, conseqüentemente, no número de pesquisas publicadas neste campo crescente. A aglutinação dessas pesquisas que trazem o afeto como tema central deu-se o nome de giro afetivo (*affective turn*), trabalhos em sua grande maioria, nesse primeiro momento, produzidos na academia anglófona (Solana; Vacarezza, 2020a).

Contudo, percebemos como necessário para a nossa pesquisa refletirmos sobre o uso dessa terminologia para nos referirmos ao campo crescente de estudo dos afetos. Alinhadas com a crítica feminista e com o giro decolonial, tecemos algumas considerações acerca do chamado giro afetivo. Pois ao tratar dele, durante a leitura do referencial bibliográfico elencado, foi percebido que o referido “giro” aparece como relacionado às pesquisas desenvolvidas a partir da década 1990, atribuindo a estas um caráter fundante desse campo de estudos, estando elas, as pesquisas, vinculadas à tradição spinozana e outros escritos europeus.

Ao atribuir caráter fundante de um campo de estudos a essa aglutinação de pesquisas publicadas, não se pode deixar de considerar os estudos que já vinham sendo desenvolvidos e consideravam os afetos como centrais nas construções sociais. Pois, como afirmam Mariela Solana e Nayla Luz Vacarezza (2020a, p. 3)

(...) falar de afetos, nesse sentido, não implica limitar-se a um campo pré-social, imediato e autêntico, muito pelo contrário: é um compromisso de entender como instituições e movimentos sociais e políticos moldam e são moldados pelos afetos.<sup>33</sup>

Ao não mencionar pesquisas outras que já vinham trabalhando com os afetos, dá-se a entender que não se reconhece as colaborações que outras áreas de pesquisa trouxeram para este campo. Pois, ao pensar-se no termo é estabelecida uma relação direta com a tradição spinozana e outros escritos de europeus, sem vincular os estudos feminista e *queer* que tratavam há bastante tempo, em suas pesquisas e teorias, do campo dos afetos e o poder desses no meio social e sobre os corpos (Macón;Solana;Vacarezza,2021;Solana;Vacarezza, 2020a;2020b).

Repensar o uso dessa terminologia visa permitir que se reconheça as contribuições daqueles/as que são considerados/as como cânone neste campo, mas, também, refletir e afirmar o lugar de contribuidores/as dos/as pesquisadores/as das teorias feminista e *queer*; pesquisadoras como Sara Ahmed, Ann Cvetkovich, Clare Hemmings e Sianne Ngai, defendem esse posicionamento (Solana;Vacarezza, 2020a). O início dos estudos sobre os afetos não se dá apenas a partir da década de 1990, não é algo completamente novo, só não recebia o reconhecimento e o volume de pesquisas que vem ganhando na atualidade. Ao pensar a vinculação do campo de

---

<sup>33</sup> Hablar de afectos, en este sentido, no implica circunscribirse a un campo pre-social, inmediato y auténtico, sino todo lo contrario: es una apuesta por comprender cómo las instituciones y movimientos sociales y políticos conforman y son conformadas por los afectos. (Solana;Vacarezza, 2020a, p. 3)

estudos sobre os afetos com a teoria feminista e o giro decolonial, concordamos com Solana e Vacarezza (2020a, p. 2, grifo nosso), quando pensamos que

A **nova** ontologia do afeto proposta pelo giro afetivo, enfatiza o seu carácter relacional, processual, aberto e indeterminado. Ao mesmo tempo, trata-se de abordagens profundamente críticas das dicotomias “mente-corpo”, “razão-emoção”, “público-privado”, “atividade-passividade” enquanto matrizes produtivas para a compreensão da constituição e funcionamento dos afetos.<sup>34</sup>

Pensar nessa nova ontologia dos afetos a partir de um giro afetivo que considere as colaborações de pesquisas outras, além daquelas que se alinham às perspectivas teóricas já mencionadas, é o que propomos realizar nesta pesquisa. Refletindo como a teoria feminista e os estudos *queer*; há muito tempo já estavam alinhados a esse campo do sensível, só não eram enxergados como relevantes por uma academia muitas vezes fechada e engessada nos moldes do cânone e das dicotomias. Conforme Lara (2021, p. 113) coloca: “a produção de conhecimento sempre foi um espaço de exclusão, negação e violência contra as mulheres.”<sup>35</sup>, e não apenas para as mulheres, mas para outros sujeitos que ocupavam posições de margem no meio social, pensando nesse meio acadêmico moldado para ser elitista e repetidor do *status quo*. Trabalhar com os afetos é perceber que “não existe um vocabulário teórico-cultural específico”<sup>36</sup>(Massumi, 1995, p. 88) para tratar deles, é preciso pensar neste campo a partir de abordagens relacionais e abertas, para tentar compreender como o afeto enquanto potência encontra-se disposto no meio social.

Se por muito tempo o pensamento ocidental reservou um lugar de privilégio para lados específicos dos pares dicotômicos, como razão e mente em oposição à emoção e ao corpo, os afetos devem ser enxergados fora de construções dicotômicas, recuperando-se então o valor analítico deles nas esferas privada e social. E como Susana Bornéo Funck (2016, p. 373) afirma, “a tarefa da teoria feminista é a de expor a artificialidade das oposições binárias como feminino/masculino, nós/outros, de forma a subverter o que se acredita estar na natureza das coisas.” De forma semelhante, conceber os afetos para além do plano dicotômico é algo que tem sido

---

<sup>34</sup>La nueva ontología de los afectos que propone el giro afectivo enfatiza su carácter relacional, procesual, abierto e indeterminado. A su vez, se trata de abordajes profundamente críticos de las dicotomías “mente cuerpo”, “razón-pasión”, “público-privado”, “actividad-pasividad” como matrizes productivas para entender la constitución y el funcionamiento de los afectos. (SOLANA;VACAREZZA, 2020a, p. 2)

<sup>35</sup>Knowledge production has always been a space of exclusion, denial, and violence toward women. (Lara, 2021, p. 113)

<sup>36</sup>The problem is that there is no cultural-theoretical vocabulary specific to affect. (Massumi, 1995, p. 88)

marcado desde o início na teoria feminista em sua intenção de desconstruir os pares de significados impostos, quebrando também com o padrão europeu de pensamento, no qual ‘algo’ se constitui em oposição ao ‘outro’. Esses binarismos serviram durante muito tempo para a criação e manutenção de espaços de exclusões para nós, mulheres, pois ao pensar nesses pares, razão-emoção, corpo-mente e privado-público, nos caberia sempre o lado do par que se definia em oposição ao que representava o masculino. Nós, mulheres, éramos insistentemente vistas pelo viés negativo, como seres emocionais, governadas pelos “mistérios” do corpo e que deveriam permanecer longe da vida pública e política, discussão vastamente desenvolvida desde o século XX por pensadoras como Virginia Woolf, Simone de Beauvoir e tantas outras que as seguiram.

Sabemos que a opressão que era viabilizada pelo patriarcado a partir da concepção de que nós éramos o Outro dos homens, o lado mais fraco do par mulher-homem no pensamento ocidental branco, não se aplica a todas as mulheres da mesma forma, nem no passado nem agora. Ser concebida como emocional, frágil e pertencente à esfera doméstica nunca livrou as meninas e mulheres negras, indígenas, latinas e asiáticas dos abusos e violências direcionados às suas existências. A problematização de como parte dessas existências eram enxergadas e violadas a partir das práticas do colonizador será tratada mais à frente ao se discutir sobre os afetos e o processo de colonização nas seções de análise deste capítulo.

Ao confrontar a argumentação desse lugar conferido às mulheres do lado negativo dos pares dicotômicos, não estamos perpetuando o discurso de que emoção, corpo e o espaço privado são inferiores à razão, mente e o espaço público, mas discutindo como essas dicotomias serviram durante muito tempo como polo negativo para que o sujeito tido como padrão, o homem cis/hétero/branco, se constituísse como ideal de humanidade. Foi então um veículo de poder ideológico utilizado para subjugar os sujeitos concebidos como inferiores ao padrão criado. Como afirma Ahmed (2014, p. 170) “esta hierarquia traduz-se claramente numa hierarquia entre sujeitos: enquanto o pensamento e a razão se identificam com o sujeito masculino e ocidental, as emoções e os corpos associam-se à feminilidade e os outros sujeitos raciais.”<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> This hierarchy clearly translates into a hierarchy between subjects: whilst thought and reason are identified with the masculine and Western subject, emotions and bodies are associated with femininity and racial others. (Ahmed, 2014, p. 170)

Por isso afirmamos que emoção e corpo não são inferiores e não podem ser unicamente espaços de definição para as mulheres, que o pessoal (privado) é político, que as emoções são combustíveis de diversões, movimentos e mudanças e não pontos de fraqueza, e que o corpo é espaço de resistência e de reinvenção para muitos sujeitos. Ao repensar essa associação direta entre os sujeitos femininos e corpo, emoção e o espaço privado, propomos quebrar com um pensamento fundado em dicotomias e enxergar no corpo, a emoção e a esfera privada lugares de reinvenção e articulação de pensamentos, onde os sujeitos femininos não podem ser pensados apenas como o negativo dos masculinos. Por isso, pensar os afetos a partir dessas matrizes dicotômicas (Solana;Vacarezza, 2020a) não é um terreno produtivo para esta pesquisa. Essa posição dicotômica de construção do conhecimento tem um viés de produção identificado com visões europeias que, por muitos séculos, predominaram no ocidente devido ao epistemicídio ocasionado pelo processo de colonização. Repensar esses três campos - corpo, emoção e esfera privada, faz parte de trabalhar com os afetos, pois

(...) estudar os afetos é produtivo porque funciona como um chamado para atender ao plano sensorial, não consciente e difícil de articular nas palavras da vida social e política. Sensações e sentimentos não são um epifenômeno das práticas sociais, mas um elemento constitutivo e, portanto, merecem nossa atenção analítica. Esse foco nas sensações não significa cair no determinismo biológico já que se baseia em uma concepção da biologia como um sistema dinâmico, aberto e relacional. (Solana, 2020, p.37)<sup>38</sup>

Dessa forma, ao estudar os afetos, articulam-se campos, pois estes estão envolvidos tanto no campo pessoal quanto no público, integram o social, influenciam a mente e são moldados e moldam os corpos. Ao articular as nossas reflexões, e a partir das leituras realizadas, é impossível não concordar com o que é colocado por Solana e Vacarezza (2020a;2020b) de como os feminismos tratam há bastante tempo da luta contra o pensamento dicotômico e a integração do mundo sensível (afetos, emoções e sensibilidades) a pautas políticas (Ahmed, 2014; hooks, 2021), além de considerar

que as teorias feministas mostram que o patriarcado, a violência sexista e a matriz hetero-cis-normativa não são apenas conteúdos

---

<sup>38</sup> (...) estudiar los afectos es productivo ya que funciona como un llamado a atender al plano sensorial, no consciente y difícil de articular en palabras de la vida social y política. Las sensaciones y sentimientos no son un epifenómeno de las prácticas sociales sino un elemento constitutivo y, por ende, merecen nuestra atención analítica. Este foco en las sensaciones no significa caer en un determinismo biológico porque se basa en una concepción de la biología como sistema dinámico, abierto y relacional. (Solana, 2020, p.37)

ideológicos, mas também dispositivos que estruturam afetos, emoções e sentimentos.(Solana;Vacarezza, 2020a, p. 2)<sup>39</sup>

Realizar essas considerações acerca do chamado giro afetivo, nos permitiu ressaltar que os afetos já há muito vinham sendo estudados pela teoria feminista, afinal, éramos nós, mulheres e feministas que, muitas vezes, por décadas, fomos concebidas como loucas e instáveis por defendermos um movimento que entre suas pautas levava em consideração os corpos, as emoções e as múltiplas existências. Sendo assim,

Se as emoções são aprendidas e reaprendidas, o movimento feminista é um terreno ideal não só para questionar hábitos afetivos consolidados, mas, fundamentalmente, para dar origem a novas formas de sentir que motivam a produção de conhecimento e possibilitam formas de intervenção política.(Solana; Vacarezza, 2020b, p. 6)<sup>40</sup>

Afirmar que existiam áreas de pesquisa que trabalhavam com os afetos bem antes do período do referido giro afetivo, é tratar do pioneirismo e relevância das pesquisas desenvolvidas a partir das teorias feminista e *queer*; ambas já enxergavam os afetos enquanto potência, ao pensar neste campo e nas possibilidades de afetos entre corpos-territórios e territórios geográficos. Afinal, é a partir dos corpos que os afetos podem circular e, via eles, se dá a relação entre sujeitos; “assim, pensar o corpo é também poder pensar os laços sociais que se inscrevem no mundo.” (Kacsan;González, 2022, p. 75)<sup>41</sup> Acrescentamos ainda que não nos referimos apenas aos laços sociais, mas aos afetivos também. Após tratar sobre o termo giro afetivo, direcionamos nosso olhar para a questão do uso de terminologias que serão importantes neste capítulo de análise.

Como foi dito, para Massumi (1995) emoções e afetos não existem enquanto termos intercambiáveis, contudo optamos por seguir as discussões de Sara Ahmed (2014), Solana (2020) e Solana e Vacarezza (2020a;2020b) ao tratar desses termos. Essas pesquisadoras defendem que mesmo existindo certa diferença entre afetos e emoções, eles são fenômenos de uma mesma natureza e uma distinção entre eles nem

---

<sup>39</sup>Lo que las teorías feministas muestran, además, es que el patriarcado, la violencia machista y la matriz hetero-cis-normativa no son sólo contenidos ideológicos, sino también dispositivos que estructuran afectos, emociones y sentimientos.(SOLANA;VACAREZZA, 2020a, p. 2)

<sup>40</sup> Si las emociones son aprendidas y reaprendidas, el movimiento feminista es un terreno ideal no solo para cuestionar hábitos afectivos consolidados sino, fundamentalmente, para dar lugar a nuevos modos de sentir que motiven la producción de conocimientos y habiliten formas de intervención política. (Solana;Vacarezza, 2020b,p. 6).

<sup>41</sup> Así, pensar en el cuerpo es poder pensar, de otra manera, en los vínculos sociales que se inscriben en el mundo. (Kacsan;González, 2022, p. 75)

sempre é importante ou útil. Os afetos seriam sensações não conscientes e as emoções expressões discursivas, isso segundo Solana (2020), sendo então o primeiro composto por respostas diretas do corpo a determinados estímulos, sejam eles interiores ou exteriores, e as emoções, a expressão desses afetos no plano discursivo, um enquadramento do plano sensível à realidade para que os afetos possam existir a partir do discurso e serem reconhecidos no meio social. Em *The Cultural Politics of Emotion*, Ahmed (2014), ao falar das emoções para tratar do campo do sensível e a forma como essas afetam os sujeitos e seu entorno social, utiliza o termo “impressão” (*impression*), relacionando-o com a ideia de marcar o outro. A autora coloca que

[as impressões] nos permitem associar a experiência de ter uma emoção com o próprio efeito de uma superfície sobre outra, um efeito que deixa a sua marca ou vestígio. Assim, não só tenho uma impressão dos outros, como eles/as também me deixam uma impressão; eles/as me marcam e eu sou marcada por eles/as. Utilizarei a ideia de "impressão" porque me permite evitar fazer distinções analíticas entre sensação corporal, emoção e pensamento, como se pudessem ser "experenciados" como domínios distintos da "experiência" humana. (Ahmed, 2014, p. 6)<sup>42</sup>

O termo “impressão” de Ahmed (2014) também traz essa ideia sobre esse efeito de mão dupla que os afetos trazem, de afetar e ser afetado a partir dessas zonas de contato. Como foi colocado, a pesquisadora optou por utilizar essa terminologia para evitar fazer distinções entre fenômenos que compartilham a mesma natureza de experimentação. Ao pensar nesta questão das terminologias pertencentes a esse campo do sensível, como: afetos, emoções, sensibilidades, etc., recorreremos à Ahmed (2014), para quem emoções e afetos, são conceitos intercambiáveis, pois ela assume que as emoções também afetam e moldam os sujeitos e suas relações, entrando no campo pessoal e político, agindo no corpo e na mente. Não cabe aos sujeitos um lugar de passividade com relação às emoções, pois essas, assim como os afetos, geram respostas e transformações.

Mesmo não concebendo afetos e emoções de forma oposta, Massumi (1995) os coloca sob a ótica de tendência binarista, por isso não nos alinhamos a essa sua perspectiva. Pensando como as emoções podem ressoar e interferir nos afetos, sendo essas intensidades corporais que podem ser ou não pré-conscientes (Solana, 2020);

---

<sup>42</sup> It allows us to associate the experience of having an emotion with the very affect of one surface upon another, an affect that leaves its mark or trace. So not only do I have an impression of others, but they also leave me with an impression; they impress me, and impress upon me. I will use the idea of ‘impression’ as it allows me to avoid making analytical distinctions between bodily sensation, emotion and thought as if they could be ‘experienced’ as distinct realms of human ‘experience’. (Ahmed, 2014, p. 6)

como se as emoções fossem reverberações e manifestações dos afetos, que obedecessem a uma ordem social, representando respostas e mantendo uma relação direta com os afetos, sem a existência de hierarquias entre eles. A existência de um fluxo corpo-afetos-emoções-corpo-afeto-emoções... (Solana, 2020) demonstra como essa relação entre afetos e emoções acontece. E ao tratar desse campo do sensível e seus termos é perceptível que

o interesse pela dimensão da sensibilidade, dos afetos e das emoções se conjuga numa rede de cruzamentos teóricos com forte cunho transdisciplinar, na qual faz sentido incorporar as contribuições, por um lado, dos estudos sobre o corpo e, por outro, a dimensão do espacial no social. (Kacsan;González, 2022, p. 75)<sup>43</sup>

Não encontramos necessidade de estabelecer uma distinção ferrenha e/ou fixa entre os dois termos que denominam fenômenos de uma mesma natureza, tendo em vista que, para realizar tal distinção, primeiro: deveria ser importante e viável separar de forma satisfatória os afetos das emoções e, segundo: tal separação deveria surgir como algo necessário para a pesquisa, o que não é o caso. Levando esses pontos em consideração acerca da utilização dos termos afetos e emoções a partir do diálogo com os/as pesquisadores/as citadas e as necessidades da pesquisa que desenvolvemos, optamos por utilizar o termo afetos para analisar esse campo do **sensível** que permeia as relações da personagem Antoinette em *Vasto mar de sargaços* com os territórios e corpos. Utilizando o termo como algo que abrange o campo do sensível e engloba a ideia de afetar e ser afetado, suas significações, tanto pela forma do substantivo, afeto, quanto do verbo, afetar e que costumam se manifestar em mão dupla.

Como foi dito, inicialmente, optamos por realizar essa breve discussão sobre o termo afeto para então nos encaminharmos para as seções de análise do nosso *corpus*. Nas seções a seguir direcionamos nossa atenção para a relação entre os conceitos de afeto e território, partindo de um viés decolonial, e sua inseparabilidade no romance rhyiano quando pensamos na relação que a personagem Antoinette estabelece com os lugares e as pessoas na narrativa.

### 3.2 Coulibri e as sensibilidades de uma criança

---

<sup>43</sup>Este breve camino advierte que en el interés por la dimensión de la sensibilidad, los afectos y las emociones se conjuga en una red de intersecciones teóricas con una fuerte impronta transdisciplinar, en la cual adquiere sentido incorporar las contribuciones de, por un lado, los estudios sociales sobre el cuerpo y, por otro, la dimensión de lo espacial en lo social. (Kacsan;González, 2022, p. 75)

*Dizem que quando o tempo fecha o melhor é cerrar fileiras e foi isso que os brancos fizeram. Mas nós não estávamos nas fileiras deles.*<sup>44</sup>

O espaço da ilha da Jamaica é o escolhido por Jean Rhys para compor parte das ações de *Vasto mar de sargaços*. O romance é dividido em três partes, como mencionado anteriormente, e traz em sua primeira parte a narrativa da protagonista Antoinette, criança, vivendo na propriedade de Coulibri com sua mãe Annette, o irmão caçula Pierre, Christophine, Sass e Godfrey, os empregados da casa. O cenário local, após o Ato de emancipação inglês, que proibia a exploração do trabalho de pessoas escravizadas nos domínios ingleses a partir de 1833 (Fonseca, 2016; Nunes, 2022), foi representado como de empobrecimento para a família de Antoinette, que enfrentava a ruína financeira após a morte do Sr. Cosway, pai da menina. Os esforços por parte da mãe de Antoinette para tentar manter as aparências eram muitos, mas Annette não tinha como esconder a condição de miséria que estava imposta a elas naquela propriedade. O suicídio do único vizinho que se aproximava delas, o Sr. Luttrell, da propriedade Repouso do Nelson, fez com que Annette ficasse ainda mais tensa e isolada.

Annette mudou de comportamento, pois, se antes, passeava livremente pela propriedade com o único cavalo da família, que acabou sendo envenenado, o que ocorreu de forma quase concomitante ao suicídio do vizinho, agora isola-se. Se recolhendo cada vez mais em casa, sozinha, passando a se dedicar mais a Pierre, que vivia acamado, acaba por negligenciar cuidados com a filha, que busca encontrar abrigo afetivo naquelas terras.

Antoinette sabia que elas não recebiam visitas não porque a estrada de Spanish Town para Coulibri estivesse em péssimas condições, como Annette alegava, mas porque ninguém tinha interesse em visitá-las, elas não faziam parte da sociedade local. Annette não era vista como uma dama pelas mulheres da elite jamaicana e muito menos pelos europeus que moravam na ilha. O cenário após o Ato de emancipação inglês é de tensão entre as pessoas que foram escravizadas e aqueles que usufruíram dessa forma de exploração desumana; não era possível esperar que as pessoas libertas fossem nutrir pelos ingleses e crioulos da elite local outro sentimento se não o de raiva; contudo, o que agrava a situação da família de Antoinette é que

---

<sup>44</sup> Rhys, 2012, p. 11

além da hostilidade palpável dos libertos para com eles por sua mãe ser da Martinica, uma colônia de exploração francesa naquele período, a elite local, formada por crioulos jamaicanos e os europeus, nutria forte desafeto para com a jovem senhora, que havia se casado com um dono de terras inglês bem mais velho que ela e que era considerada “exibida” (Rhys, 2012, p. 11) e bonita demais desde tempos passados.

Se deixada de lado pela mãe, era em seus passeios que a menina Antoinette encontrava conforto e se conectava com a natureza da propriedade, como diz: “Eu me acostumei com a vida solitária, mas minha mãe ainda tinha planos e esperanças - talvez ela tivesse que ter esperanças toda vez que passava pelo espelho.” (Rhys, 2012, p. 12) Annette lembra dos dias de glória da propriedade e também da sua vida de confortos do passado e deseja que de alguma forma esses dias voltassem e pudessem fazer parte do seu futuro, já que o presente era de pobreza e restrições; por isso sua existência ainda dependia de “ter esperanças”. Mas, para Antoinette, que lembrava pouquíssimo de como era a vida antes de todo o caos financeiro que assola a família e que traz junto dele o isolamento delas na propriedade, a mudança da situação atual não lhe preocupa tanto.

Como Antoinette afirmava: “ninguém se aproxima de nós.” (Rhys, 2012, p. 12), a sua família estava isolada em Coulibri, isso ela também reconhecia. Contudo, tal isolamento não configurava um pesadelo real para a menina. Ao contrário da mãe, que menciona que “agora nós estamos ilhados.” (Rhys, 2012, p. 12), indicando sua percepção quanto à gravidade da situação, impondo a si um recolhimento físico e psicológico, Antoinette não tinha essa compreensão. Ela nasceu e cresceu em Coulibri, enquanto Annette havia vindo de outra localidade; o pertencimento àquele território é algo que integra a subjetividade de Antoinette e a fortalece, pois existem laços com a terra que são fundamentais para a personagem. Pensar nesses locais nos quais a protagonista vive nos permite expandir a ideia do espaço geográfico no que concerne a maneira como o território surge como sinônimo de apropriação, ele aparece vinculado diretamente ao ser vivente que o habita.

Ao trabalhar com o conceito de território dos filósofos Félix Guattari e Gilles Deleuze, Haesbaert e Bruce (2002, p. 6) afirmam que “o território é um agenciamento” e que esses agenciamentos proporcionam a criação de territórios que extrapolam o espaço geográfico. Mencionando os agenciamentos maquínicos de corpos “(...) [que] são as máquinas sociais, as relações entre os corpos humanos, corpos animais, corpos cósmicos.” (p. 7) e estes vinculados aos chamados, por

Deleuze e Guattari, agenciamentos coletivos de enunciação, que “não dizem respeito a um sujeito, pois a sua produção só pode se efetivar no próprio *socius*, já que dizem respeito a um regime de signos compartilhados, à linguagem, a um estado de palavras e símbolos” (p. 7). Dessa forma, os territórios são produzidos, de acordo com Haesbaert e Bruce (2002), a partir desses agenciamentos.

Pensar os espaços pelos quais Antoinette circula e vive enquanto territórios nos permite tratar a maneira como esses territórios assumem papel central no campo dos afetos da protagonista. Sendo uma mulher criada nos territórios caribenhos, aquele lugar, seu clima, natureza e as pessoas que o habitam estão entranhados na subjetividade de Antoinette. Ao pensar esses territórios a partir do termo territórios de afeto enfatizamos o poder que eles possuem em afetar as subjetividades e, também, o seu protagonismo no campo afetivo, refletindo sobre a análise da relação da protagonista com essas localidades. Como havíamos mencionado, o território de Coulibri para Antoinette ocupa lugar central ao pensarmos como essa pertença territorial afeta a personagem aumentando a sua potência de agir e se configurando, durante a infância da personagem, como um vínculo afetivo extremamente importante dentro da condição de isolamento que a família vivia. Antoinette sofre, porém, o abandono de uma mãe que se faz ausente no plano afetivo, como podemos ver neste trecho, através dos pensamentos da criança: “Mas ela me empurrou, não com estupidez, mas calmamente, friamente, sem dizer uma palavra, como se estivesse decidido de uma vez por todas que, **para ela, eu era inútil.**” (Rhys, 2012, p. 14, grifos nossos).

Ao demandar a atenção da mãe e ser, por diversas vezes, ignorada, Antoinette procura em outras esferas, pessoas e territórios, o afeto que não encontra nos braços da mãe biológica. Temos a cozinha e a natureza da propriedade de Coulibri como territórios de afeto para a personagem; a cozinha está ligada à figura de Christophine, a empregada negra da casa que também era da Martinica e havia sido dada à Annette como presente de casamento pelo Sr. Mason. Após o Ato de emancipação, ela decidiu ficar na propriedade e, como observa Annette: “Eu me arrisco a dizer que nós teríamos morrido se ela [Christophine] tivesse se voltado contra nós” (Rhys, 2012, p. 16); o fato dela permanecer ao lado delas foi decisivo para a sobrevivência daquela família. Christophine se torna a mãe substituta de Antoinette e o espaço da cozinha ocupa lugar de destaque no plano afetivo entre essas duas personagens, como exposto neste trecho

Então eu passava a maior parte do meu tempo na cozinha, uma construção separada, um tanto afastada da casa. Christophine dormia no quartinho ao lado.

Quando caía a noite, ela cantava para mim se estivesse com vontade. Nem sempre eu conseguia entender suas canções em patuá - ela também era da Martinica -, mas me ensinou a dizer “Os pequeninos crescem, os filhos nos abandonam, será que voltarão?” e uma outra sobre as flores do cedro que duram apenas um dia. (Rhys, 2012, p. 14)

A configuração da cozinha se dá com a existência de Christophine, que é quem administra a casa junto com Annette; o quarto da personagem não integra a casa principal, mais parece um anexo da cozinha, que é separada do restante da casa, um lugar, portanto, periférico no que se refere à propriedade como um todo. Ao falar das coisas que pertenciam ao passado, Antoinette menciona que só se sentia “segura na cama - [e] tudo isso pertencia ao passado.” (Rhys, 2012, p. 11). Porém, ao falar da cozinha, que está vinculada à presença de Christophine, a personagem deixa transparecer um sentimento de estar confortável com aquele território; tanto a parcela física, da cozinha e do quarto, como o corpo de Christophine como um corpo-território de afeto; não se pode pensar no campo afetivo sem olhar para a esfera corporal, afinal, o afeto visto como potência parte do princípio do afetar e ser afetado (Deleuze, 2019; Solana, 2020; Ahmed, 2014; Massumi, 1995). Assim, a existência desses corpos, Antoinette e Christophine, como territórios de afeto e onde pessoas se afetam mutuamente ficará claro nas seções seguintes, quando a personagem adulta traz em seus hábitos e ações a influência dessas vivências com a sua mãe substituta. Ao pensar nessa articulação das palavras corpo e território juntas, concordamos com Gago (2019, p. 79), quando ela coloca que: “corpo e território compactados como única palavra desliberaliza a noção do corpo como propriedade individual e especifica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território.” Isso coaduna com a perspectiva decolonial do território enquanto algo que pode ser tomado e colonizado, mas que também nos possibilita a articulação de estratégias de reação frente ao poder imperialista e capitalista; o território, como foi apontado, integra a subjetividade dos sujeitos.

Com o crescente distanciamento de Annette da filha, o lugar de figura materna passa a estar majoritariamente vinculado à Christophine. À noite, ela é a companhia de Antoinette, com seu patuá de base francesa, embalando-a com suas canções, seu corpo afetuoso transmitindo segurança para Antoinette - uma sensação que é gerada

pelo corpo-território dessa mãe. Uma língua que acaba sendo usada apenas por elas, é dissidente do padrão, pois, a norma era se comunicar em inglês, não nessa variação que foge das normas da colônia, afinal, a dominação também é assegurada a partir de escolhas linguísticas realizadas pelo poder dominante. Como Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989, p. 7) afirmam “uma das principais características da opressão imperial é o controle sobre a linguagem”<sup>45</sup>. A voz da menina confirma esse apego:

(...) deixei uma luz na cadeira ao lado da minha cama e esperei por Christophine, pois gostava de vê-la antes de dormir. Mas ela não veio e a vela queimou até apagar, tirando de mim a sensação de paz e segurança. (Rhys, 2012, p. 32)

A sua segurança e calma se esvai quando o ritual noturno não é cumprido, Christophine não lhe dá boa noite, a vela acaba e deixa apenas a escuridão e a falta do aconchego em sua volta. Olhar para essas subjetividades a partir da teoria feminista e dos estudos sobre os afetos é acreditar que “as análises feministas dos afetos podem nos ajudar a repensar identidades, produzir conhecimentos alternativos e imaginar novas estratégias de transformação social.” (Solana;Vacarezza, 2020b, p. 10)<sup>46</sup>; essas abordagens nos permitem considerar como a identidade de Antoinette foi afetada pela sua relação com Christophine e como a presença dela na vida da criança marcou a formação da protagonista de Rhys, fazendo com que nós, leitoras/es, possamos entender melhor seus (des)caminhos.

Ao pensar na relação entre a menina crioula que nasce em uma família de escravistas e a sua mãe substituta, Christophine, que é uma mulher negra explorada e coisificada pelo sistema que ali se estabeleceu, pode-se pensar a relação entre o sistema colonial e os afetos; vale considerar que os estudos sobre os afetos defendem que,

afeto é a capacidade de afetar e ser afetado, e se a principal prerrogativa de afetar ou ser afetado é a modificação das capacidades dos sujeitos, podemos aceitar que poucos eventos na história da humanidade tiveram mais poder de ação sobre as capacidades dos sujeitos do que a colonização. As formas de interação e socialização das emoções naturalizadas pela colonização tinham duas características principais: primeiro, eram violentas em todas as suas manifestações; em segundo lugar, justificavam-se por

<sup>45</sup> One of the main features of imperial oppression is control over language. (Ashcroft;Griffiths;Tiffin, 1989, p. 7)

<sup>46</sup> (...) los análisis feministas sobre los afectos pueden ayudarnos a repensar las identidades, a producir conocimiento alternativo y a imaginar nuevas estrategias para la transformación social.(Solana;Vacarezza, 2020b, p. 10)

uma divisão ontológica dos graus de humanidade constituídos pelos colonizadores brancos. (Lara, 2021, p. 118-119)<sup>47</sup>

Vale lembrar que uma relação que se dá em um espaço colonial inglês provavelmente seria impossível de acontecer na metrópole. Pois, após a invenção e institucionalização do conceito de raça durante o processo de colonização das Américas (Segato, 2022), foi dado aos corpos e suas subjetividades categorias que, a partir do poder europeu imposto, foram exercidas sobre esses corpos coloniais através de violências perpetradas na sociedade colonial. Antoinette é filha de um homem inglês com uma crioula martinicana; mesmo tendo a pele branca, sua existência não é lida como europeia; ela é uma crioula pertencente à burguesia, assim como sua mãe, mesmo que agora relegada a uma condição de miséria. No contexto em que vive, pode ser tratada de igual para igual pela população de libertos da região e como inferior aos olhos da elite local. Mas para a criança Antoinette essa hierarquia social não aparece de forma consciente, já que ela vive com os empregados da casa e chega a desejar ser parte da comunidade negra das redondezas para poder se integrar a ela. É em Christophine, uma mulher negra, que ela encontra a figura materna que tanto precisa, a mulher que cuida dela e por quem ela sente genuíno afeto.

Tudo que conhecemos de Christophine é apenas a partir do olhar de Antoinette nessa primeira parte, assim como as percepções do território no romance. Annette acaba isolando-se de todos, inclusive da filha, e, em sua reclusão, é Christophine que cuida da menina. No trecho a seguir, após ser chamada de barata branca por uma garotinha, Antoinette corre em direção ao jardim para se proteger

Quando me vi a salvo em casa, sentei perto do velho muro no fundo do jardim. Era coberto de musgo verde, macio como veludo, e tive vontade de **nunca mais me mexer**. Tudo ficaria pior se eu me mexesse. Christophine encontrou-me lá quando já estava quase escuro, e eu estava tão dura que ela teve que me ajudar a levantar. Ela não disse nada, mas na manhã seguinte Tia estava na cozinha com a mãe dela, Maillotte, amiga de Christophine. Logo Tia ficou minha amiga, e eu me encontrava com ela quase todas as manhãs na curva da estrada que ia dar no rio. (Rhys, 2012, p. 17, grifos nossos)

É no jardim que a personagem procura abrigo ao ser insultada e ficar com medo; nesse momento ela não corre para dentro de casa, para seu quarto, em direção a

---

<sup>47</sup> (...) affect to be the capacity to act and be acted upon, and if the main prerogative of acting or being acted upon is the modification of subjects' capacities, we can accept that very few events in the history of humanity had more power to act upon subjects' capacities than colonization. The forms of interaction and socialization of emotions that were naturalized by colonization had two main features: first, they were violent in all its manifestations; second, they were justified by an ontological division of degrees of humanity made up by white colonizers (Lara, 2021, pp. 118-119)

Annette, mas para aquele lugar nos fundos da casa principal. É recorrente nesta parte da narrativa Antoinette pensar que, caso visse algo que considerasse ruim e não falasse ou ficasse imóvel, como no trecho acima, essas inações teriam o efeito de não piorar as coisas; seria como uma negação de um problema do plano real através do fingimento de que nada acontecerá. Estar ali paradinha, como que fundindo o seu corpo-território com o jardim, lhe dava a segurança de algo em que se agarrar; no momento algo que lhe afetou bastante, o xingamento de barata branca, caso ficasse escondida e quietinha, nada feriria suas emoções. O fato de estar ligada à branquitude por ser colocada como descendente direta de europeus, o que lhe daria certa “pureza racial”, seria um fato que poderia lhe cancelar certo valor; entretanto, quando isso aparece atrelado à barata, potencializa o asco e o desprezo que os outros sentem por ela. Ilustrando como a protagonista é lida socialmente. Ao encontrar a menina naquela situação, Christophine, provavelmente, percebeu que algo havia acontecido, mas sem fazer perguntas, a acolhe e procura uma amiga para que Antoinette não passe mais tanto tempo sozinha; assim, Tia aparece e torna-se uma nova companhia para brincadeiras e passeios.

A relação de amizade entre Tia e Antoinette se desenvolve pelas trilhas e matas das redondezas de Coulibri. Antoinette às vezes passava o dia fora de casa com Tia, brincando perto do poço natural; as meninas faziam a própria comida e só regressavam para a casa de tardezinha e, mesmo tendo passado o dia fora, Antoinette destaca que sua mãe nunca comentava nada sobre sua ausência. Após uma desavença entre as meninas, elas se distanciam e Antoinette volta a sua rotina solitária. Ao regressar para casa após a sua última saída com Tia, a menina vê que sua mãe está recebendo visitas, algo que lhe desagradava, pois é uma mudança: “Visitas! Subi os degraus contrafeita - eu já desejara visitas um dia, mas isto tinha sido anos antes.” (Rhys, 2012, p. 19); Coulibri era o seu mundo, um mundo solitário, mas seu; ela estava habituada à vida ali, tinha encontrado seus próprios passatempos entre a cozinha, Christophine e a natureza que cercava a casa.

O sentimento de estranhamento vivenciado por Antoinette em relação a essas visitas, que ela vinculava a mudanças que poderiam lhe desagradar, tinha um fundo de verdade, pois, após esses encontros, a vida dela e de sua família nunca mais seria a mesma. Um desses visitantes era o Sr. Mason, que teria papel fundamental na vida da família; ele era um inglês que acompanhava os Luttrell que assumiram a propriedade de Repouso do Nelson. Sr. Mason possuía grandes propriedades no Caribe e viria a

ser o padrasto de Antoinette e futuro responsável por ela. Contudo, antes de falar desses novos laços familiares e a forma como o casamento de Annette alterou a vida da família, iremos tratar das preocupações de Christophine com a educação de Antoinette.

Após a visita do Sr. Mason a Coulibri, Annette pediu que a filha fosse se trocar, já que ela estava em completo desacordo com o padrão europeu de comportamento e vestimenta dos visitantes. Eles haviam rido da menina quando ela apareceu na sala; nesse momento Christophine comenta que a Antoinette não tinha nenhum outro vestido para se trocar e acrescenta que “era uma vergonha. Ela [Antoinette] anda solta por aí, vai virar uma imprestável. E ninguém está ligando.” (Rhys, 2012, p. 20). Novamente, é em defesa de Antoinette que Christophine critica a falta de atenção que a criança recebe, demonstrando mais preocupação com a menina do que a própria Annette; a forma como ela manifesta essa preocupação é falando diretamente com a dita patroa, de igual para igual, indicando não se submeter a papéis hierárquicos. Ao fechar esse arco de preocupações de Christophine, vale registrar o seu comentário premonitório compartilhado em conversa com Antoinette:“(…) a desgraça entrou nesta casa hoje. **A desgraça.**” (Rhys, 2012, p. 21, grifos nossos), atrelando a visita dos novos vizinhos a um mau presságio.

Após esse encontro com os novos vizinhos e a conversa entre Christophine e Annette, ao ir dormir a menina tem um pesadelo no qual está sendo seguida na floresta por alguém que a odeia e, então, acorda em prantos; Annette vai até a filha e a cobre, indo em seguida dar atenção a Pierre. Sozinha, Antoinette inicia sua busca por acolhimento no quarto solitário

Fiquei ali deitada pensando: “Estou segura. Tenho o canto da porta do quarto e a mobília amiga. Tenho a árvore da vida no jardim e o muro verde de musgo. A barreira dos rochedos e as montanhas altas. E a barreira do mar. **Estou segura. Estou a salvo dos estrangeiros.**” (Rhys, 2012, p. 21)

Nesta fala da personagem vemos a clara divisão entre nós e os outros, os estrangeiros estariam representados pela entrada do Sr. Mason na dinâmica daquela família. A entrada desse novo elemento no território caribenho de Coulibri iria alterar a dinâmica familiar e Antoinette, assim como Christophine, já pressentia isso como algo ruim, a menina diz: “Acordei na manhã seguinte, sabendo que nada seria como antes. As coisas mudariam e continuariam a mudar.” (Rhys, 2012, p. 21) Essas mudanças que estavam por vir já assustavam Antoinette, pois, como foi observado

antes, ela já estava afeita aquele território, a sua rotina ao lado de Christophine e às caminhadas e brincadeiras na área externa da casa; os estrangeiros só poderiam vir ameaçar o conforto que aquela dinâmica lhe garantia, já que a criança não nutria o mesmo entusiasmo da mãe ao pensar nessa volta ao meio social. Annette passou a visitar os vizinhos com frequência e a Antoinette restou passar ainda mais tempo sozinha e passeando por Coulibri

Então eu também saía e ficava fora até escurecer. (...)

Eu pegava outra estrada, passava pela velha usina de açúcar e pelo moinho de água que já não girava havia muitos anos. Eu ia a lugares em Coulibri que ainda não conhecia, onde não havia estrada, nem caminho, nem trilha. E quando o capim afiado cortava minhas pernas e meus braços, eu pensava: “É melhor do que gente.” Formigas-pretas ou vermelhas, ninhos altos cheios de formigas-brancas, chuva que me encharcar até os ossos - uma vez eu vi uma cobra. Tudo melhor do que gente.

Melhor. Melhor, melhor do que gente.

Contemplar as flores vermelhas e amarelas ao sol sem pensar em nada era como se uma porta abrisse e eu estivesse em outro lugar, como se eu fosse outra coisa. Não mais eu mesma. (Rhys, 2012, p. 22)

A menina descreve as suas ações pelo espaço de Coulibri, como desbrava caminhos que poucos conheciam, para os quais até o acesso era mais difícil, pois não havia estrada. Sendo ali um território sem maiores interferência humana, a natureza domina. Ainda que elementos desse território representem perigo, em forma de corte ou picada, a pequena Antoinette não se assustava com isso, confirmando que tinha medo mesmo era de gente. Ela parece sempre estar acuada quando na presença de pessoas fora do seu círculo doméstico; os estrangeiros no seu território a assustam bastante, já que ela se habituou ao isolamento da propriedade, sentindo-se bem consigo mesma e com as outras pessoas que viviam em Coulibri. Qualquer novo elemento parece ser fator de desequilíbrio para a menina. Sua pouca idade e infância conturbada não lhe forneceram maiores seguranças no trato social e a falta de atenção por parte da mãe também foi marcante nesse sentido; ela pode contar apenas com a presença de Christophine, os espaços da cozinha e quarto da sua mãe substituta, o jardim e a natureza da propriedade.

Ela trata de alguns detalhes do quarto de Christophine quando comenta que “conhecia o quarto dela muito bem - os quadros da Sagrada Família e a oração por uma boa morte. Tinha uma colcha de retalhos colorida, um armário desconjuntado para guardar suas roupas e minha mãe lhe dera uma velha cadeira de balanço.” (Rhys,

2012, p. 25). Era um território de vivências ricas para Antoinette, ela já entrou naquele quarto inúmeras vezes e ali costumava escutar Christophine cantar suas canções em patuá para ela.

Após a união de Annette com o Sr. Mason muitas coisas mudaram na propriedade, reformas foram feitas. Coulibri recuperava um pouco da glória do passado, assim como Annette, que retornou da lua de mel em Trinidad rejuvenescida, causando estranhamento à filha. Mas além de todas essas mudanças, o que a menina destaca é o falatório associado a Christophine e a prática de *obeah*, esse assunto recebendo atenção quando a elite local volta a visitar a família de Coulibri, com o restabelecimento do seu status social advindo do casamento de Annette.

Contudo, com o casamento da mãe, os hábitos da casa mudaram. Se antes Antoinette corria solta pela propriedade, pela cozinha e quarto de Christophine, lugares pelos quais a menina circulava livremente, agora ela deveria se portar de outra forma; afinal, com o restabelecimento do poder aquisitivo da família eles agora voltavam a ocupar um lugar respeitável naquela sociedade colonial. Por meio do casamento com outro inglês, Annette, uma mulher crioula da Martinica, consegue de volta seu *status* local, mesmo que gerando muito falatório. A casa é reestruturada em sua materialidade e em seus hábitos, usando a metrópole como modelo, como podemos ver quando Antoinette comenta: “Eu estava contente em **ser** uma **menina inglesa**, mas sentia falta da comida de Christophine.” (Rhys, 2012, p. 30, grifos nossos) Neste trecho temos uma transformação das percepções de si de Antoinette ocorrida devido às mudanças realizadas após o casamento da mãe; a menina passou a se vestir de forma diferente, lhe foi demandado que se comportasse como uma criança que pertence a elite, e, para tal, ela não poderia manter os hábitos de antes, devia espelhar os hábitos ingleses. Até a alimentação da família mudou - se antes, nas refeições, era servido o que houvesse de mais acessível, financeiramente falando, e elas tinham uma dieta mais semelhante aos moradores daquela localidade, após o casamento Antoinette observa: “Nós comíamos comida inglesa agora, carne de vaca e de carneiro, tortas e pudins.” (Rhys, 2012, p. 30) Com relação a essa presença de sujeitos diversos em uma zona de contato de culturas diferentes, a intelectual chicana Gloria Anzáldua (1987, n.p.) afirma que,

(...) de fato, as fronteiras estão fisicamente presentes onde duas ou mais culturas se aproximam, onde pessoas de diferentes raças ocupam o mesmo território, onde as classes baixa, média e alta se

tocam, onde o espaço entre dois indivíduos diminui com intimidade.<sup>48</sup>

Antoinette cresce em uma zona de fronteira que é o território colonial, sua formação identitária se dá em uma zona de fronteira; por isso, para ela é tão difícil entender as dinâmicas sociais daquele território, a animosidade entre vizinhos e, o medo passando a ser seu companheiro constante. E, com o casamento da mãe com o Sr. Mason, temos a inserção de mais elementos culturais e identitários na vida dela. A menina sabia que as coisas iam mudar, e ela vai sendo obrigada a se transformar para se integrar aquele novo arranjo, que demanda novos comportamentos, afastando-a do que antes era o habitual, o que havia se configurado nas suas vivências como seu território de afetos: a natureza de Coulibri, a cozinha, o quarto de Christophine, sua mãe substituta. Antoinette, para integrar o quadro geral da sua família, reestruturada pela presença do seu “papai branco” (Rhys, 2012, p. 28), deve mudar também e vestir-se com costumes ingleses, como a moça do quadro *A filha de Miller*, que agora decorava a sala da casa. O externo e o interno deveriam se adaptar aos novos tempos.

Contudo, internamente, as mudanças não se processam da mesma forma que no exterior; Annette e Antoinette poderiam estar vestindo-se de forma diferente e tentando se comportar de acordo com o que era esperado para pessoas na posição que elas passam a ocupar após o Sr. Mason entrar na vida da família; contudo, elas continuavam sendo sujeitos que nasceram em territórios colonizados, que eram diferentes daquele homem inglês que acreditava saber mais do que todas/os sobre o território em que agora vivia. E foi esse senso de superioridade do marido que levou toda a família à ruína, pois se antes existia alguma animosidade entre as pessoas negras que viviam nas proximidades de Coulibri e a família de Antoinette, a mesma só se acentuou com a mudança de *status* da família; observamos quando a menina diz que “Os pretos não nos odiavam tanto quando éramos pobres. Nós éramos brancos, mas não tínhamos escapado e logo estaríamos mortos porque não tínhamos mais nenhum dinheiro. O que havia para odiar?” (Rhys, 2012, p. 28-29).

Após a alteração do poder financeiro da família, a tensão aumentou; Annette alertava o marido sobre essa mudança, contudo o Sr. Mason apenas ignorava os avisos da esposa. Ele vociferava: “Vocês viveram a vida inteira aqui e **não sabem nada sobre o povo**. É estarrecedor. Eles **são crianças** - não fariam mal a uma

---

<sup>48</sup> In fact, the Borderlands are physically present wherever two or more cultures edge each other, where people of different races occupy the same territory, where under, lower, middle and upper classes touch, where the space between two individuals shrinks with intimacy (Anzáldua, 1987, n.p.)

mosca.” (Rhys, 2012, p. 30, grifos nossos) O pensamento colonizador se faz presente nessa fala de forma clara; ele credita às pessoas negras um comportamento passivo, como aqueles/as que não conseguem se organizar em grupo e precisam ser mandados para que possam realizar algo, não tendo capacidade de agenciamento. O Sr. Mason imbui a essa população uma incapacidade de agir de forma independente. Dessa forma, ele reproduz o pensamento colonial inglês na leitura dessas subjetividades locais. Essa sua fala não poderia se mostrar mais errada, pois os temores das mulheres de Coulibri se mostraram corretos - Antoinette e Christophine tinham razão - após a chegada daquele homem na família a vida nunca mais seria como antes e a desgraça marcava presença naquela casa. Assim, certa noite Coulibri foi atacada pela população local, resultado de tensões raciais e políticas, o grupo incendiou a casa e a família saiu fugida, quase sendo linchada. Antoinette, ao fugir com a família, coloca “(...) eu também me virei. A casa estava queimando, o céu amarelo-avermelhado parecia o pôr do sol, e eu soube que nunca mais tornaria a ver Coulibri.” (Rhys, 2012, p. 40).

A personagem então perde seu território de afeto que existia atrelado à propriedade de Coulibri; essa quebra de vínculo afetivo e o trauma do ataque à casa, a morte do irmão caçula e o processo de enlouquecimento da sua mãe, todos vinculados à destruição da casa a partir do incêndio, marcaram para sempre a vida de Antoinette. Esse evento será ponto de conexão com o final do romance rhysiano, que analisaremos na última seção deste capítulo. Após algumas semanas acamada e sob a tutela do Sr. Mason, a menina irá visitar sua mãe, ou o que restou de Annette. Antoinette considera

Eu ia ver a minha mãe. Tinha insistido em ter Christophine comigo, mais ninguém, e como eu ainda não estava muito bem, eles concordaram. (...). Ela [Annette] era parte de Coulibri que tinha desaparecido, então ela desaparecera também, eu tinha certeza. (Rhys, 2012, p. 43)

Assim como Coulibri desapareceu com o incêndio, o mesmo, de certa forma, aconteceu com Annette, que, após a tragédia, enlouqueceu, sendo apenas a sombra da mulher que todos conheciam, sendo vigiada por um casal de pessoas negras em uma casa afastada. Essa foi uma das poucas vezes em que a menina foi visitar a mãe e ela sabia que o que restava ali era apenas o corpo de Annette.

Antoinette deveria agora permanecer em um convento em Spanish Town, reclusa durante um tempo. Essa reclusão, aliás, derivou do fato de que já não tinha

nenhuma família próxima e Christophine foi morar com seu filho, não sabemos se por escolha própria ou se foi forçada a se afastar da família de Coulibri, lhe restando apenas Tia Cora. Seu sentimento em relação ao convento muda conforme ela passa mais tempo ali - se para ela era difícil inicialmente, as coisas foram mudando, como vemos, “No primeiro dia que tive que ir para o convento, eu me agarrei a tia Cora como alguém se agarraria à vida, se gostasse dela.” (Rhys, 2012, p. 43) Com o tempo, a relação dela com aquele espaço se transforma, ela se integra com as freiras e as outras meninas que lá residem. E o medo inicial de seguir para tal lugar é substituído por um sentimento de ânimo, como vemos: “Este convento era meu refúgio, um lugar de sol e de morte, onde de manhã bem cedo o toque de um alarme de madeira acordava as nove de nós que ocupávamos o dormitório comprido.”(Rhys, 2012, p. 51) Ela se integrou à vida naquele convento, o isolamento nunca a preocupou por ali, sendo possível estabelecer uma relação entre o isolamento proporcionado pela propriedade de Coulibri e o convento; o sentimento de estar isolada era reconfortante para Antoinette quando ela habitava esse território caribenho, Coulibri e o convento são localizados na Jamaica, lugar no qual não se sentia ameaçada.

Ela sabia que nunca retornaria para Coulibri, perdera a mãe e se afastara de Christophine. Em sua existência à deriva, o convento integrava o território de afeto caribenho no qual poderia se ancorar. Com sua rotina rígida e a companhia de poucas mulheres, Antoinette conseguiu adaptar-se ao lugar e vive ali o resto de sua infância e o começo da vida adulta, habituando-se a esse modo de vida austero, se comparado com a forma como vinha sendo criada em Coulibri, o pode ser visto como um espaço no qual subjetividades serão moldadas para estarem de acordo com determinados costumes e dogmas. Talvez além daquele espaço ser lido como seguro para a menina, também tenha sido uma forma de estabelecer um controle sobre a sua existência. Afinal, foi decisão do padrasto dela colocá-la naquela instituição para que ela, talvez, fosse bem cuidada, mas principalmente, recebesse uma educação que tivesse como parâmetros a religiosidade cristã e os hábitos europeus de comportamento.

### **3.3 Entre perspectivas: O vivenciar dos territórios caribenhos em *Vasto mar de sargaços***

*But I was both sick and sad  
(Night always ends)  
She was a stranger  
Wearing the mask of pain*

*Bearing the marks of pain -  
I turned away - Traitor  
Too sane to face my madness (or despair)  
Far, far too cold and sane*

Jean Rhys, "Obeah Nights"<sup>49</sup>

Na seção anterior acompanhamos Antoinette desde sua infância até próximo de sua maioridade nos territórios de Coulibri e, posteriormente, em um convento em Spanish Town. Os eventos que marcaram a vida da personagem estão vinculados, principalmente, à propriedade da família e que, como veremos, irão ecoar nas vivências e comportamentos de Antoinette nesta segunda parte do romance. Parte esta na qual temos alternância de vozes narrativas, diferentemente da primeira parte permanece em primeira pessoa; aqui somos conduzidas por Antoinette e pelo seu marido através dos eventos do enredo rhyiano. O homem inglês com o qual Antoinette se casa não é nomeado, mesmo narrando os acontecimentos durante boa parte do romance, não sabemos o seu nome; apenas que é o filho mais novo de uma família inglesa e que casa com a personagem pelo seu dote de 30 mil libras, casamento arranjado pelo filho do Sr. Mason, Richard, responsável por Antoinette, e o pai desse jovem inglês.

Ao nos defrontarmos com essa alternância de vozes narrativas somos apresentadas a visões de mundo diferentes e, conseqüentemente, percepções espaciais dissonantes e que no decorrer dos eventos apresentam pontos de intersecção, mas não poderiam guardar similaridades por muito tempo. Ao escrever um romance no qual a voz narrativa alterna entre Antoinette e o marido, "Rhys mobiliza duas subjetividades diferentes e opostas, encenando um conflito dramático em termos de oposição entre feminino e masculino e entre colonizado e colonizador." (Funck, 2016, p. 378) Essas diferenças aparecem através das constituições desses sujeitos, Antoinette e o marido, ela nascida no Caribe, lugar de onde nunca havia saído, e ele, nascido e criado na Inglaterra. É ele quem inicia a segunda parte do romance, nos apresenta suas primeiras percepções do território caribenho no qual ele e Antoinette viajam, ao tratar do lugar onde irão passar a lua de mel, como vemos neste trecho

---

<sup>49</sup> O poema "Obeah Nights" de Jean Rhys encontra-se no livro *The Letters of Jean Rhys* (1984), organizado e editado por Francis Wyndham e Diana Melly. Neste poema, Jean Rhys estabelece relações de intertextualidade com o romance *Vasto mar de Sargaços*, referindo-se a Antoinette, o marido e Christophine. A estrofe utilizada como epígrafe desta seção foi retirada deste endereço virtual: <https://literarylondon.blogspot.com/2008/08/excerpts-from-jean-rhys-letters-on-wss.html>

Então isto aqui é Massacre. Não é o fim do mundo, é apenas o último estágio da nossa interminável viagem que começou na Jamaica, no início da nossa doce lua de mel. E tudo irá parecer muito diferente com sol.

Fora combinado que nós deixaríamos Spanish Town imediatamente depois da cerimônia e passaríamos algumas semanas numa das ilhas Windward, numa pequena propriedade que pertencera a mãe de Antoinette. Eu concordei. Como havia concordado com todo o resto. (Rhys, 2012, p. 62)

Para chegar à propriedade de Granbois, que pertencerá a Annette e agora é parte da herança de Antoinette, eles seguem da Jamaica para a Dominica; a primeira foi uma das mais famosas colônias inglesas no Caribe, estando sob o jugo e exploração dos ingleses desde 1655. Já a segunda, Dominica, é uma das ilhas Windward e foi nela que eles passaram a lua de mel, sendo, inicialmente, colônia francesa, até 1763 e depois tendo sido tomada pelos ingleses (Freitas, 2017), sofrendo a exploração do Império Britânico. Vemos o quão diverso são esses territórios que compõem *Vasto mar de sargaços*, uma diversidade de lugares e culturas que leva a uma complexa, porém rica identidade caribenha. Antoinette é o espelho dessa ambivalência, pois

Filha de pai branco e mãe mestiça, ela é parte da aristocracia decadente, constantemente ameaçada por uma maioria de ex-escravos. Na verdade, as relações na sociedade em que vive são muito mais complexas que uma simples oposição entre colonizador e colonizado. (Funck, 2016, p. 379)

Para o marido, homem branco vindo da metrópole, toda essa diversidade, linguística, racial e cultural, deve ter sido estarrecedora, pois ali não era realizável separar sujeitos de acordo com classes e muito menos de acordo com as raças de forma tão rígida como na Inglaterra, pensando nas interações entre Antoinette e Christophine, por exemplo. Os sujeitos com os quais ele cruzou neste percurso até Granbois devem ter demonstrado pelo menos parte dessa complexidade caribenha. Na Dominica, eles seguem para o então vilarejo de Massacre para chegarem ao destino final, parada feita devido a intensa chuva que não permitia que eles seguissem direto até Granbois. Essa parcela do território caribenho é então estranha para o marido, mas para Antoinette era regressar a um lugar que a tempos desejava voltar a ver. Nos trechos a seguir vemos a reação da personagem ao reencontrar uma conhecida

- É Caro - disse Antoinette. - Tenho certeza de que é Caro. Caroline. - chamou ela, acenando, e a mulher acenou de volta. Uma **criatura**

- velha e espalhafatosa**, usando um vestido estampado de flores, um lenço listrado na cabeça e brincos de ouro.
- Você vai ficar encharcada, Antoinette - eu disse.
  - Não, a chuva está parando. - Ela **ergueu a saia** do seu traje de montaria e atravessou a rua correndo. **Eu a observei com um olhar crítico.** (Rhys, 2012, p. 62-63, grifos nossos)

Durante esse primeiro encontro com um rosto conhecido, Antoinette demonstra ações de uma feminilidade diferente da concebida pelo marido. Ao levantar as saias e correr, ela não está espelhando o comportamento de uma dama inglesa, de acordo com as concepções culturais do marido, pensando na Inglaterra nas primeiras décadas do século XIX. Além de defrontar-se com o que era esperado de uma herdeira crioula, pois sendo Antoinette filha de um ex-latifundiário inglês e pertencendo a essa elite local, ela deveria comportar-se de acordo com o esperado de sua classe; ao tratar desse comportamento conotado às mulheres das elites locais das colônias inglesas, Silva (2021, p. 36), ressalta como o arquétipo do “anjo do lar” da sociedade vitoriana foi transposto para a sociedade colonial

Algo que é curioso é como a reverberação dessa imagem presente na sociedade vitoriana e no imaginário inglês chega às ilhas caribenhas de dominação inglesa. A mesma respeitabilidade social que a mulher do latifundiário gozava poderia ser comparada com a respeitabilidade de uma mulher de um inglês da *upper class*. É claro, cada uma de acordo com o meio social em que vivia. Na maioria das vezes, as famílias dos grandes latifundiários formavam a burguesia nas ilhas caribenhas.

Mesmo sendo filha de um homem de posses, Antoinette não gozou de grandes privilégios financeiros durante parte da infância; foi criada em companhia de outras crianças pobres das redondezas de Coulibri e vagava pela propriedade de forma bem independente. Esses são apontamentos que explicam o comportamento dispar do que era esperado da personagem a partir do ponto de vista do marido e daquela sociedade colonial inglesa. Além disso, sua mãe, Annette, crioula de origem martinicana já contrastava, em comportamento, com a sociedade jamaicana na qual se viu inserida após o casamento com Sr. Cosway. Essa questão do comportamento da protagonista receber olhares e comentários críticos e reprovatórios por parte do marido será constante ao longo do enredo. Podemos considerar também como os colonizadores defendiam que os trópicos podiam contaminar moralmente aqueles que ali vivessem (Silva, 2023). Essa “contaminação” diz respeito ao que saísse da norma social aceita pelos europeus, por isso mesmo os crioulos de pele branca eram lidos como não-europeus, dessa forma, de existência dita inferior.

Para o marido, o fato de Antoinette ir conversar com uma conhecida e demonstrar simpatia para com uma mulher negra já era um fato ultrajante. Após um tempo esperando a chuva passar em Massacre, enquanto Antoinette conversa com Caroline, o marido começa a ficar impaciente:

As duas mulheres ficaram gesticulando na porta da choupana, falando **não em inglês, mas no feio patuá** que eles usam nesta ilha. A chuva começou a gotejar na minha nuca, aumentando a sensação de **desconforto e melancolia** que eu estava sentindo. (Rhys, 2012, p 63, grifos nossos)

O patuá reaparece nas interações de Antoinette com Caro, antes utilizado entre Christophine e Antoinette, principalmente quando a babá cantava e contava histórias para a menina. Apenas os locais se comunicam em patuá, o marido não sabe a língua e é isolado conforme elas desenvolvem uma conversa e o lugar e a língua acentuam a sua estranheira. As sensações que ele relata sentir são o resultado não apenas de estar naquele vilarejo em um território insular no Caribe naquele momento, mas a soma de tudo que aconteceu até então que o afetou. Os seus trânsitos, saindo da Inglaterra para a Jamaica, esses novos territórios do Caribe lhe provocam sensações desagradáveis; contudo, temos o oposto ocorrendo com Antoinette; como ele coloca ao escrever para o pai: “Esta pequena propriedade nas ilhas Windward faz parte dos bens da família e Antoinette é muito ligada a ela. Ela queria chegar aqui o mais depressa possível.”(Rhys, 2012, p. 72) O desejo de regresso a Granbois por Antoinette pode ser lido como uma vontade de recuperar um vínculo com aquele território e com as memórias de antes da tragédia que se abateu sobre Coulibri. A propriedade para qual se dirigem pertenceu à mãe da personagem, o que a torna especial para ela; e a natureza exuberante da ilha aliada ao isolamento que Granbois irá proporcionar ao casal, são aspectos positivos para Antoinette.

A apresentação desse território de afeto para os recém-casados se dá de formas diferentes. Antoinette possui ligações com aquele lugar e sua potência de agir é aumentada quando ali se instala, ela está mais feliz e comunicativa; com o marido acontece o contrário, a potência de agir dele é diminuída por toda aquelas mudanças. Além dos territórios caribenhos, a presença de esposa também lhe afeta, pois se, como destacado, para Antoinette esse é um regresso a um território das suas memórias de infância, sendo assim um lugar que ela já conhece; para o marido conforme avançam em direção a Granbois tudo é novo e parece ameaçador nesses primeiros vislumbres

das paisagens e pessoas. No trecho a seguir ele descreve a vista da trilha que estão realizando para chegar a propriedade

Nós paramos e contemplamos as colinas, as montanhas e o mar azul-esverdeado. Soprava uma brisa morna, mas eu entendi por que o carregador havia dito que aquele era um lugar selvagem. Não apenas selvagem, mas **ameaçador**. Aquelas colinas iam **cercando** você. (Rhys, 2012, p. 65, grifos nossos)

O relevo daquela localidade é descrito como acidentado, com declives, é necessário seguir com cuidado e com alguém que seja conhecedor da localidade; o casal estava seguindo com alguns carregadores das redondezas, e um deles pergunta ao marido o que ele, um homem branco, estava fazendo em um lugar tão isolado e selvagem, esse comentário agora reflete na percepção que ele apresenta daquele território; ele o adjetiva de ameaçador, como se ele o encurrala-se, cercando-o a partir de seu relevo. Ele não aponta a beleza desse mar ou a exuberância dessas colinas que diferem bastante das inglesas, mas a sua leitura do território parece apontar apenas como o mar acentua o estar “no meio do nada” e as colinas apresentam aspectos de prisão para ele, que é o estrangeiro nesses territórios caribenhos. Ele realiza uma leitura dos territórios a partir das lentes de um colonizador, pois os paralelos que estabelece são sempre a partir de suas vivências na então metrópole, a Inglaterra, e, como já foi destacado, partindo dos valores morais e sociais da sociedade inglesa. E em suas primeiras impressões ele coloca,

Tudo é **demais**, eu senti enquanto cavalgava **cansadamente atrás** dela. Azul **demais**, roxo **demais**, verde **demais**. As flores vermelhas **demais**, as montanhas altas **demais**, as colinas próximas **demais**. E a mulher é uma **estranha**. Sua expressão suplicante me aborrece. Eu não a compreendi, ela é que me comprou, ou pensa que comprou. (Rhys, 2012, p. 66, grifos nossos)

O uso do advérbio “demais” nessa fala do marido demonstra como todo aquele novo território é exagerado para ele, lhe afetando sensorialmente, inclusive as cores desagradam o seu olhar; se antes já reclamava de estar desconfortável e melancólico quando estavam em Massacre, conforme se aproximam de Granbois, o estrangeirismo daquela localidade para ele só se acentua e o deixa mais acuado. Dessa forma, “apesar de sustentar um discurso masculinista e colonial ao casar com a bela e rica mulher das colônias, (...) [ele] é estranhamente afetado pelo ambiente complexo em que se encontra.” (Funck, 2016, p. 378) Sendo ele o único estrangeiro ali, essa visão sobre aquelas localidades não será compartilhada pelas outras pessoas com as quais convivera em Granbois; ele segue para aquele local por que era desejo de

Antoinette regressar a propriedade depois de muitos anos, ela assume uma posição de liderança no percurso, cavalgando à frente dele, o guiando, uma posição que pode parecer incomum para um homem inglês, mas que para ela não era nada demais. Aquele território integra parte de sua existência de mulher caribenha e compõe suas memórias mais felizes da infância; como Antoinette dirá, Granbois para ela é como uma pessoa, personificando assim o território e transbordando de felicidade ao chegar à propriedade,

- Aqui começa Granbois. [Antoinette disse]  
Ela **sorriu** para mim. Foi a primeira vez que eu a vi **sorrir com simplicidade e naturalidade**. Ou talvez fosse a primeira vez que eu tivesse tido uma atitude simples e natural para ela. (Rhys, 2012, p. 67, grifos nossos)

Os encontros antes do casamento entre o casal foram poucos e breves na casa de Richard Mason, em Spanish Town, o lugar no qual Antoinette passava por pressões para aceitar o casamento com esse homem inglês; pois, já próximo do dia do enlace ela mostrava-se receosa com relação a união e afirmava que havia mudado de ideia e não desejava se casar. Estando em um ambiente em que se sentia apreensiva, é natural que a personagem não demonstrasse estar feliz e confortável nos primeiros encontros do casal e, agora, nesse lugar que lhe afeta positivamente, lhe agradando, ela sente-se à vontade para se expressar e interagir com o então marido. A casa de Richard, Coulibri e Granbois, possuem essa potência que é o afeto (Deleuze, 2019), imprimem modificações no comportamento da personagem a partir da relação que ela mantém com esses territórios. Talvez em Spanish Town o marido sentia-se menos receoso ao conversar com Antoinette, lhe convencendo a aceitar o casamento; e, como vimos, a casa de Richard Mason não é um espaço de acolhimento para ela, deixando-a desconfortável, diminuindo sua potência de agir. Temos o contrário ao pensar no transitar por territórios de Spanish Town até Granbois no que concerne o casal e suas percepções espaciais. Antoinette parece florescer em alegria ao se direcionar para a propriedade da lua de mel e o marido fenecer em melancolia durante o trajeto.

Após a chegada em Granbois, temos um reencontro muito importante para Antoinette, o com Christophine, de quem havia sido separada pouco tempo depois da destruição de Coulibri. Sendo ela uma órfã, Christophine, que foi sua babá, é a única figura materna que a personagem possui agora e também o único vínculo com a vida e o território de Coulibri para ela, podendo se configurar como a sua única família no

âmbito afetivo. No encontro delas temos o olhar do marido sobre a cena: “*Doudou, ché cocotte*<sup>50</sup> - disse a mulher idosa a Antoinette. Eu a olhei atentamente, mas ela me pareceu insignificante.” (Rhys, 2012, p. 69). Ao falar em patuá com Antoinette ressalta-se o vínculo entre elas, o marido inglês não entendia a língua, elas criaram uma atmosfera particular para o encontro a partir da linguagem. O que é chamado de patuá no romance, tanto por Antoinette quanto pelo marido, é uma junção de alternâncias entre o crioulo falado na Martinica e outro nas redondezas de Spanish Town. De acordo com Russel II (2007), Antoinette afirma que Christophine sabe pelo menos quatro línguas, ao conversar com Antoinette em uma língua que o marido não compreende, Christophine faz uma escolha proposital, essa é uma língua afetiva para as duas, o marido fica de lado, ele é um observador não um participante daquele encontro. O uso da linguagem também indica poder, delimita territórios e (re)afirma posições, e, como a narrativa de Rhys demonstrará, Christophine é uma personagem complexa, que faz frente a posicionamentos imperialistas e coloniais do marido de Antoinette; suas escolhas linguísticas acentuam o *status* de estrangeiro dele.

Para Antoinette, a presença de Christophine se configura como um território de afeto, o foi durante a infância e continua ocupando esse lugar nas suas vivências de adulta; se para o marido, nesse primeiro momento, Christophine é insignificante, para Antoinette ela representa um ponto de (re)centralização de emoções na sua existência. Nessas diferenças de percepções e opiniões sobre pessoas e espaços entre o casal, apontamos como o fato de terem origens diferentes os marca - eles demonstram descrença ou menosprezam determinados lugares. É como, se por determinado território ser tão díspar da realidade que cada um conhece e está habituado, não caberia no plano da realidade ficcional de cada um; para o marido, Granbois ocuparia esse plano irreal e para Antoinette seria a Inglaterra, lugar que nunca visitou e só conhece a partir do olhar de outros. O primeiro exemplo sobre esse ponto de discordância entre eles se dá quando Antoinette passa a questionar o marido sobre a

---

<sup>50</sup> A primeira parte da frase está no então patuá de base francesa, referido assim no romance, ele é falado por Christophine, Annette e Antoinette em alguns momentos da narrativa. No romance, Christophine se refere a Antoinette como *Doudou*, sendo esse então um apelido carinhoso dela para com a personagem. Contudo, assim como a tradutora do romance optou por não traduzir a frase permanecemos com ela em língua estrangeira também. Pois, não foi encontrado base confiável o suficiente para realizarmos a tradução. Deixamos, a seguir, o link de um fórum *online* no qual tem-se uma discussão sobre a tradução de partes do romance de Rhys (2012) que estão no que as/os autoras/es chamam de crioulo martinicano para o francês. <https://literature.stackexchange.com/questions/11529/meaning-of-ch%C3%A9-in-several-french-or-martinican-creole-phrases-in-wide-sargasso>

Inglaterra e a Europa, se mostrando curiosa sobre a caracterização desses lugares a partir do relato dele, já que ela nunca os visitou, como vemos nesses trechos

- É verdade - disse ela - que a Inglaterra parece um sonho? Porque uma das minhas amigas que se casou com um inglês escreveu-me dizendo isso. Ela disse que Londres às vezes parece um **sonho frio e escuro**. Eu quero acordar.

- Bem - respondi, aborrecido -, é precisamente isto que a sua linda ilha parece ser para mim, **totalmente irreal e como um sonho**. (Rhys, 2012, p. 77, grifos nossos)

Se ela era uma **criança**, não era uma criança burra, mas era uma criança obstinada. Ela me interrogava frequentemente a respeito da Inglaterra, e ouvia atentamente as minhas respostas, **mas eu tinha certeza de que nada do que eu dizia fazia muita diferença**. A cabeça dela já estava feita. Um romance sentimental, uma observação ouvida ao acaso e nunca esquecida, um desenho, um quadro, uma canção, uma valsa, uma nota de música, e **suas opiniões foram formadas**. Sobre a Inglaterra e sobre a Europa. Eu não conseguiria mudá-las e, provavelmente, nada as mudaria. A realidade poderia confundí-la, desnordeá-la, magoá-la, **mas não seria realidade**. Seria apenas um erro, uma infelicidade, a escolha de um caminho errado, **suas ideias fixas jamais mudariam**. (Rhys, 2012, p. 91, grifos nossos)

No primeiro trecho o referencial que a personagem usa para ilustrar o que seria a Inglaterra para ela, é a descrição que uma de suas amigas lhe fornece, de que o território inglês parece um sonho. Talvez por se distanciar tanto do que ela conhece, os territórios caribenhos, o novo parece ser irreal e enquadrar-se nessa esfera onírica; tal concepção muito choca o marido, que não compreende como alguém poderia falar do, então, Império Britânico como algo irreal. Para ele, o irreal seria, facilmente, aquele local onde eles estavam, com uma natureza tão exagerada e todas as suas diferenças e seus habitantes tão não-ingleses ou europeus. Aquele território, sim, poderia ser um sonho, não um Estado, que no século XIX, dominava boa parte do mundo ocidental conhecido. Só que para Antoinette, filha da elite local jamaicana e que nunca tinha deixado as Antilhas, era um lugar que ela só conhecia dos livros e de descrições avulsas, não parecia relevante. E naquele momento, em Granbois, ela tinha tudo que desejava naquelas paisagens e em seu reencontro com Christophine.

Um pouco mais adiante no enredo, no segundo excerto, é dado prosseguimento a essas conversas sobre a Inglaterra e o marido percebe que não há nada que ele possa fazer ou falar, Antoinette havia caracterizado a Inglaterra em seu imaginário, ele não conseguiria fazer com que ela enxergasse aquele território a partir de seu ponto de vista. O marido se refere a ela como uma criança, sendo essa uma

prática de tornar o que ela fala ou pensa inferior ao que ele elege enquanto verdadeiro e importante; conferir características infantis aos comportamentos e posicionamentos de Antoinette é uma ação permeada pela intenção de imputar graus de incapacidade à personagem. Sendo uma mulher que pertencia a essa burguesia local e que passou a ter certos privilégios após o casamento da mãe com o Sr. Mason, Antoinette estava sob o poder da lei britânica no que diz respeito ao uso do seu patrimônio; pois, tudo que sua família possuía foi dado como dote para o marido. Sendo assim, não gozava de liberdade financeira e, agora, o marido ao se referir a ela como uma “criança obstinada” lhe outorga esse viés infantilizado em conjunto com sua posição social de mulher em uma sociedade colonial, lê sua existência como a de alguém que não consegue tomar decisões sozinhas, que depende dele e não consegue nem pensar corretamente, pois credita a Inglaterra ao plano onírico. Essa questão de caracterizar mulheres da elite como crianças remonta o período vitoriano (Showalter, 1991) e transpassa para esse contexto colonial.

Em sua juventude Antoinette é ingênua, talvez jovem demais para entender a dinâmica desse casamento. A solidão presente em seu processo de crescimento e a falta de adultos que realmente se importassem com ela, prejudicaram o seu desenvolvimento e amadurecimento. Ela se refugiava muito no plano imaginário para poder viver em Coulibri. O marido havia viajado a Jamaica a mando do pai para assegurar estabilidade financeira a partir do casamento com a herdeira; ela, casou-se por não ter outra opção, afinal, o que poderia uma mulher, naquele período, fazer? Se seu responsável acreditava que o casamento era um bom negócio para ela, mesmo insegura, ela acaba sendo convencida a aceitar a união. Então em Granbois ela acredita que poderá reencontrar a felicidade, pois se um dia já foi feliz ali, poderia voltar a ser com esse homem estrangeiro. Como ela diz ao marido: “Esta é a minha casa e tudo está do nosso lado.” (Rhys, 2012, p. 70) Finalmente ela reencontra um lugar ao qual pertence e se sente integrada, é a liberdade que aquele território lhe proporciona que lhe deixa mais feliz. Aos olhos do marido, ela parece diferente da mulher que ele tinha conhecido em Spanish Town. Sua potência de agir é aumentada pela forma como aquele território lhe afeta, então ela passa a afetar a existência do marido também. E conforme a lua de mel vai transcorrendo, o marido parece estar se habituando a ela e aos novos lugares e experiências, pois começa a considerar que

Era um lugar lindo - selvagem, intocado, principalmente intocado, com uma beleza estranha, perturbadora, secreta. E guardava o seu

segredo. Eu me via pensando: “O que eu estou vendo não é nada - eu quero o que ele *esconde* - isso é que tem significado. (Rhys, 2012, p. 84, grifo da autora)

O que lhe era estranho antes, a mulher e o território, agora lhe atraem a partir do exotismo, pois é essa aura exótica que transpassa no seu olhar sobre a esposa e o lugar. Vivendo nessa “doce lua de mel”, a partir dos intercursos sexuais, a mulher que antes era lida apenas como uma estranha começa a “infiltrar-se” em seus pensamentos a partir do desejo que ele sente por ela. Sendo Antoinette profundamente ligada àquele território, este também começa a atrair o marido; mas, destacamos que tal atração está ligada ao desejo que ele sente e ao exotismo atrelado à imagem da esposa, que não se enquadra no ideal de feminilidade inglês presente no imaginário do marido. Existe um símile entre o território e Antoinette na fala do marido, a sua fantasia com relação a aquele lugar e a esposa é o de ocupar o papel de desbravador e possuidor de poder sobre esses dois territórios, Granbois e Antoinette. Como afirma Freitas (2017, p. 153) ele deseja

(...) possuir o que nem pode ser comprado, talvez nem possa ser nomeado, mas que é aludido pelas palavras “segredo” e “verdade” que aludem àquilo que lhe falta, e que ele insiste em procurar no lugar e na esposa. Para [ele] (...) o espírito do lugar e da própria esposa possuem a chave de acesso para uma linguagem enigmática que lhe escapa, e principalmente que o impede de exercer o seu domínio plenamente, daí a obsessão do jovem inglês em tomar posse de ambos.

Mesmo por matrimônio possuindo algum direito sobre os dois, ele ainda não conseguiu dominar completamente esses novos territórios; são esses espaços estrangeiros que o estão afetando, na verdade, alterando sua forma de se comportar. As alteridades desses territórios confrontam o marido e, como veremos, ele se sentirá ameaçado. Os mistérios nos quais estão envoltos Granbois e Antoinette são articulados a partir dos pensamentos do marido, esses ao instigar sua curiosidade fazem com que ele se vincule a eles para saciar-se; ao conversar com Antoinette, ele indaga sobre essa aura de solidão e isolamento da propriedade

- Então este lugar é tão solitário quanto parece ser? - perguntei
- Sim, ele é solitário. Você é feliz aqui?
- Quem não seria?
- Eu amo este lugar mais do que qualquer outro no mundo. Como se ele fosse uma pessoa. Mais que uma pessoa. (Rhys, 2012, p. 85)

Antoinette reitera a sua relação com a propriedade da falecida mãe, esse é seu lugar favorito, ela o ama, é uma das poucas coisas que lhe restou; é uma relação afetiva profundamente vinculada a formação da sua subjetividade. Por isso, ao chegar em Granbois acontecem mudanças tão profundas no comportamento da personagem, ela, sentindo-se à vontade naquele território, conversa com mais liberdade com o marido e com Christophine, visita lugares da propriedade que lhe trazem memórias das suas andanças da infância e conta ao marido algumas das experiências vividas ali. O isolamento da propriedade proporciona liberdade ao casal, sensação esta que é destacada por Antoinette: “Aqui eu posso fazer o que quero - dizia ela [Antoinette], não eu, e depois passei a dizer também. Parecia verdade naquele lugar solitário. - Aqui eu posso fazer o que quero.” (Rhys, 2012, p. 92) Esse território se configurou, por algumas semanas, como o pequeno paraíso do casal; Antoinette tornava-se cada vez mais afeiçoada ao marido, nutrindo carinho e amor por ele, e este saciava os seus desejos todas as noites. No excerto abaixo temos a descrição que o marido faz de quando chovia a noite e suas observações sobre Antoinette

Geralmente estava chovendo quando eu acordava durante a noite, uma chuva leve e caprichosa, uma chuva brincalhona que dançava, ou um som abafado, que ia ficando mais alto, mais persistente, mais forte, um som inexorável. Mas sempre música, uma música que eu nunca ouvira antes.

Então eu passava longos minutos contemplando-a à luz de vela, imaginava por que parecia triste adormecida, e amaldiçoava a febre ou a cautela que me haviam deixado tão cego, tão fraco, tão hesitante. Eu me lembrava do esforço dela para fugir. (*Não, sinto muito, não quero me casar com você.*) (Rhys, 2012, p. 87, grifos da autora)

A experiência de observar a chuva durante a noite para ele é algo novo naquele lugar, a sua descrição desse evento noturno, a chuva, também pode trazer similaridades com os intercursos do casal; a partir da forma como ele narra, a experimentação primeira das sensações proporcionadas por aqueles sons. Ele também relembra os seus primeiros dias após chegar na Jamaica, nos quais passou duas semanas acamado com febre e sua lenta recuperação, atribuindo a essa possível doença dos trópicos a sua confusão mental e a pouca atenção que prestou a Antoinette nos seus primeiros encontros. Nesse primeiro momento, a febre que lhe acometeu é vista com ressentimento, por que não conseguiu passar mais tempo com ela antes do casamento, um tempo que seria proveitoso para ele; mais à frente, ele culpa a doença

por fazê-lo cego de forma que ele não percebesse o plano de Richard Mason e do seu pai para casá-lo com uma louca.

Antoinette, sempre se sentiu muito sozinha, preferindo, quando criança, permanecer longe das pessoas e vagar pela mata próxima a Coulibri. Habitou-se bem ao isolamento, compartilhando esse traço com a localização geográfica de Granbois; o marido também passou a desfrutar desses novos territórios e suas características conforme se aproximava mais da esposa. Contudo, ao tomar conhecimento de algumas histórias relacionadas ao passado da família de Antoinette, temos uma cisão dentro do casamento.

O marido é informado, em carta e depois pessoalmente, por um suposto irmão bastardo de Antoinette, Daniel Cosway, de segredos que degradam a família Cosway. Ele toma conhecimento do possível enlouquecimento do pai da personagem, Sr. Cosway, e, posteriormente, da perda da razão de sua mãe, Annette. Sentindo-se enganado por Richard Mason, pelo pai e pela esposa, e acreditando ser motivo de pena da elite jamaicana, por ter sido comprado através do dote da noiva e casado com um possível louca, ele começa a desprezar Antoinette. Sua raiva controlada e direcionada para a esposa origina-se do orgulho ferido, por acreditar ter sido enganado por todos aqueles colonos, pessoas, na concepção dele, de existências inferiores a sua. A partir desses fatos temos uma mudança gradual na relação do casal, bem como a relação desses com o território de Granbois.

O primeiro a apresentar traços dessa mudança é o marido, que começa a repudiar o local e volta a sentir-se acuado por ele, em consequência distanciando-se de Antoinette. Ao pensar nessa mudança de comportamento dele para com o território e a esposa para se proteger dessa possível traição que acreditou ter sido vítima percebemos como, “por não ser capaz de desalienar-se do seu sistema de valores, (...) [ele] não só se protege, mas ataca aquilo que qualifica como desvio da sua moral e dos seus princípios e crenças.” (Freitas, 2017, p. 161) Culpaando ambos, a mulher e o lugar, por lhe deixarem tão alienado que ele não percebeu o que estava acontecendo. Ele não consegue confiar em Antoinette para escutar a versão dela da história, tudo que ele enxergava como estranho na esposa, os seus comportamentos, a relação com os empregados e as histórias que ela compartilhava endossaram o diagnóstico de loucura que ele estava passando a atribuir-lhe.

O desespero de Antoinette com essa mudança do marido, faz com que ela procure Christophine, que havia deixado de trabalhar na casa devido a

desentendimentos ocorridos entre ela e o marido de Antoinette. Se dirige a Christophine procurando acolhimento e conselhos sobre o relacionamento, como já foi falado, a mulher se configura como um corpo-território de afeto para Antoinette. Ela aconselha a personagem e direciona críticas à forma como o patrimônio da personagem foi administrado,

Ela sentou em seu caixote e empurrou outro para mim, mas me ajoelhei ao lado dela, tocando num fino bracelete de prata que ela usava sempre. (Rhys, 2012, p. 105)

- Lei! Foi o rapaz Mason quem fez isso, aquele rapaz é pior que o Satanás e uma noite destas ele vai queimar no fogo do inferno. (...). É melhor não ficar naquela casa velha. Sai daquela casa, eu estou avisando. (Rhys, 2012, p. 107)

Ao saber que Antoinette não tinha direito sobre a sua herança, pois tudo havia sido passado para o marido após o matrimônio, de acordo com a lei inglesa, ela culpa a irresponsabilidade do filho do Sr. Mason; ele não se preocupou em estabelecer nenhuma espécie de contrato com o então noivo inglês, apenas queria realizar o casamento o mais rápido possível, para se livrar da responsabilidade que era cuidar de Antoinette. Sem meios financeiros a personagem não teria como sobreviver, Christophine lhe aconselha a abandonar a casa imediatamente, e cuidar dos seus interesses, pois ela não tem mais ninguém com poder o suficiente para lhe ajudar: “É você que precisa ter coragem e lutar por si mesma.” (Rhys, 2012, p. 113) Christophine pode lhe aconselhar, mas não poderia ajudar mais do que isso. Mas, Antoinette insiste no casamento e em permanecer em Granbois e reconquistar o marido e, depois, seguir para Inglaterra

Eu vou ser uma pessoa diferente quando morar na Inglaterra, e coisas diferentes vão me acontecer... (...). **Eu preciso saber mais do que sei agora.** Pois sei da casa onde terei frio e me sentirei deslocada, sei que a cama onde me deitarei tem cortinas vermelhas e que já dormi lá muitas vezes antes, muito tempo atrás. (Rhys, 2012, p. 108, grifos nossos)

Se antes duvidava da existência de tal lugar, agora é neste território estrangeiro que deposita suas esperanças. Tentando se afastar desse passado que vem assombrar seu casamento, credita a Inglaterra o poder de transformar sua subjetividade a partir de eventos que vão torná-la diferente. Esse trecho traz uma prolepse do que acontecerá com a personagem na terceira e última parte do romance, ela não consegue situar o tempo e o espaço no qual habita esse lugar que visita no sonho, mas sabe que chegará a ele, e procura conhecer como isso será possível,

chegar nesse lugar estrangeiro e que lá sua vida terá passado por grandes transformações. Após os desentendimentos com Antoinette, o marido relata sentir-se acuado naquele território que já fora receptivo para ele

(...) Eu me sinto um estranho aqui - eu disse. - Eu sinto que este lugar é meu inimigo e está do seu lado.

- Você está muito enganado - disse ela. - Ele não é para você nem para mim. Ele não tem nada a ver com nenhum de nós dois. É por isso que você tem medo dele, por que ele é diferente. Eu descobri isso a muito tempo, quando era uma criança. Eu o amei por que não tinha mais nada para amar, mas ele é tão indiferente quanto este Deus que você invoca com tanta frequência. (Rhys, 2012, p. 127)

Mais uma vez Antoinette personifica Granbois e reafirma seu vínculo com o território; a propriedade e Christophine são os territórios de afeto da infância da personagem que restaram. Após a destruição de todo o resto, é nesses territórios da infância que ela se fortalece, tem sua potência de agir aumentada e também encontra apoio afetivo; por enquadrar Antoinette e Granbois como territórios que lhe afetam e fazem com que ele sinta sua essência inglesa ameaçada, o marido os rotula como seus inimigos. Ele não foi capaz de compreender nem a mulher, nem o território caribenho em suas diferenças. No início ele sentia-se ameaçado também, mas depois passou a desejar a esposa e assimilar o lugar que era tão amado por ela; ao sentir-se traído e ridicularizado, direciona a sua raiva a ela e a trai se relacionando com Amélie, uma das empregadas da casa, como Antoinette diz

(...) Não é a garota, não é. **Mas eu amava este lugar e você o transformou num lugar que eu odeio.** Eu costumava achar que se **perdesse** tudo na vida, ainda **teria isto aqui**, e agora **you estragou** isto também. **Aqui é apenas mais um lugar onde eu fui infeliz**, e todas as outras coisas não são nada comparadas com o que aconteceu aqui. Eu agora odeio isto aqui tanto quanto **odeio você**, e antes de morrer eu vou mostrar para você o quanto o odeio. (Rhys, 2012, p. 145, grifos nossos)

Ao trair Antoinette no quarto que ficava ao lado do dela, ele desejava que ela escutasse tudo o que estava fazendo com Amélie; ele queria magoá-la profundamente e conseguiu. Arruinou o último lugar ao qual ela acreditava pertencer, um lugar idílico da infância da personagem; era a partir desse espaço que Antoinette afirmava sua existência ligada à natureza caribenha, era parte da sua identidade, um território que lhe fortalecia. Como ela havia dito, ali se sentia livre e feliz para ser ela. Com a destruição simbólica do lugar a partir da mácula que a traição do marido deixou ali quebrou-se também o vínculo que esse território estabelecia com Coulibri e Annette.

Até Christophine se afastou da personagem devido a ameaças que sofreu do marido de Antoinette; ele ameaçou denunciá-la ao chefe de polícia local pela prática de *obeah*; ela já havia sido presa uma vez na Jamaica e o marido sabe que poderia fazê-la voltar para a cadeia. Após algumas discussões com o marido, Antoinette mostra atitudes que até então não havia tido durante toda a narrativa. Não apenas o sentimento de raiva contra o marido, mas ela age

- Se você me tocar uma única vez, vai ver se eu sou uma **covarde igual a você**.

Então ela **amaldiçoou** tudo em mim, meus olhos, minha boca, cada membro do meu corpo, e era como sonho, eu ali naquela sala grande quase sem móveis, com as velas bruxuleando e aquela estranha de olhos vermelhos e cabelos desgrenhados, que era minha esposa, gritando obscenidades para mim. Foi no meio deste pesadelo que eu ouvi a voz calma de Christophine:

- **Cala a boca e fica quieta**. E não chora. Chorar não adianta com ele. Eu já disse isso antes para você. Chorar não adianta.

Antoinette atirou-se no sofá e continuou a soluçar. Christophine olhou para mim e **seus olhos pequeninos estavam tristes**.

- **Por que o senhor fez isso, hein?** Por que não levou aquela garota sem-vergonha, que não vale nada, para outro lugar? Mas ela gosta de dinheiro do mesmo jeito que o senhor gosta de dinheiro, deve ter sido por isso que se juntaram. **São da mesma laia.**(Rhys, 2012, p. 146-147, grifos nossos)

Ela o ameaça, o proíbe de tocá-la, o amor que sentia por ele parece entrar em choque com o ódio causado por todo o sofrimento que ele lhe causou. Talvez o marido tenha se surpreendido com tal atitude, pois pensava que Antoinette fosse uma mulher tola e frágil, que fingiria que não ocorreu nada; ele a magoou profundamente e ela odiava toda aquela situação, teve seu orgulho ferido, não baixaria a cabeça para esse homem. Tal atitude por parte de uma esposa era algo bem diferente do esperado naquele contexto social, afinal a traição era algo corriqueiro e naturalizado nos contextos sociais de um patriarcado de alta densidade (Segato, 2021); principalmente, no século XIX, tempo no qual, mesmo sendo uma mulher que possuísse uma herança, todo o poder judicial sobre sua existência e o seu dinheiro era passado ao esposo. Antoinette demonstrava sua raiva e só obedecia a Christophine, como vemos no excerto acima. No diálogo desta última com o marido, percebemos como Christophine comunica-se de igual para igual com o esposo, pois não usa um tom comedido para falar com ele e o acusa de traidor e interesseiro, e, naquele cenário colonial, faz o impensável, ela compara Amélie, uma jovem negra, ao jovem patrão inglês, devido a ambição deles. O marido já havia relatado como Christophine poderia

amedrontar até mesmo ele. Esse sente-se ofendido, mas também vulnerável naquele lugar,

Meu braço estava sangrando e doendo, e eu enrolei o lenço nele, **mas parecia que tudo à minha volta era hostil**. O telescópio afastou-se de mim e disse não me toque. As árvores pareciam ameaçadoras e suas sombras movendo-se devagar no chão me ameaçavam. A ameaça verde. **Eu a vinha sentindo desde a primeira vez em que vi esse lugar. Não havia nada que eu conhecesse, nada que pudesse confortar-me.** (Rhys, 2012, p. 147, grifos nossos)

O ferimento foi ocasionado por uma garrafa de vidro que Antoinette arremessou na parede durante a discussão e acabou o machucando; sentindo-se acuado por tudo, ele só deseja se afastar daquele lugar; ele é o estrangeiro e os elementos que lhe conferem poder e *status* social superior ao daquelas mulheres, Antoinette e Christophine, não estão presentes em Granbois para reforçar sua posição de homem branco nascido na metrópole inglesa, o sujeito ideal nas concepções coloniais (Segato, 2012;2021). Todos os elementos que poderiam reafirmar sua identidade e, assim, lhe afetar positivamente não existem naquele território. Mesmo agindo covardemente contra Antoinette, ela e o território caribenho continuam afetando a existência dele de maneira a diminuir sua potência de agir. Contudo, ele é bem-sucedido em retirar-se de Granbois, como afirma: “Ela disse que amava este lugar. Pois nunca mais irá vê-lo.” (Rhys, 2012, p. 164) Além de separar para sempre Antoinette da propriedade, ela não vê Christophine novamente, ficando a mercê do controle do marido.

Todos os comentários sobre a doença mental que teria acometido a família Cosway foram o ponto de mudança, e talvez o motivo que o marido procurava para atacar aquelas diferenças que desestabilizaram a sua subjetividade. Os encontros proporcionados pela viagem afetaram Antoinette de maneira positiva, voltará a um lugar que lhe remetia a momentos felizes na infância; ela sentia-se segura e sua relação afetiva com aquele território lhe proporcionava se posicionar de forma diferente dentro da relação com o marido. Estar se sentido livre e acolhida em Granbois, fez com que ela demonstrasse suas emoções para o marido mais livremente, mas até isso pareceu negativo na visão do marido; pois este estava habituado a não demonstrar emoções.

O estranhamento dele para com ela, a acusação de loucura e o medo que o diferente lhe causava o distanciaram de tudo aquilo que o afetava por pertencer a um

universo que ele não compreendia, funcionando fora da lógica europeia da normalidade. Como Quijano (1992, p. 18) coloca, ao tratar do pensamento colonial europeu: “(...) a Europa pensa em si mesma como o espelho do futuro de todas as outras sociedades e culturas; como o modo avançado da história de toda a espécie.”<sup>51</sup> Ao se delegar esse *status* de superioridade criado a partir de um “verniz civilizacional” (Fanon, 2022, p. 6), articula-se a ideia de que todos os outros povos e suas culturas são inferiores ao que foi colocado como padrão ideal. O grande desencontro dramático entre Antoinette e o marido foi a incapacidade do último de tentar compreender o que estava além do aceitável dentro do que ele julgava como normal. Um julgamento que se baseava nas concepções do sistema moderno-colonial.

### **3.4 Aprisionamento do ser: Diminuição da potência de agir a partir da desterritorialização**

*O que estou fazendo neste lugar e quem sou eu?*<sup>52</sup>

Como foi apontado nas seções anteriores deste capítulo, a relação afetiva entre Antoinette e os territórios caribenhos surge como potência na existência dessa mulher, formando uma densa teia de conexões entre acontecimentos importantes da vida da personagem e os territórios pelos quais ela navega em *Vasto mar de sargaços*. Nesta terceira e última parte do romance rhyiano, Antoinette passa a viver em um lugar que ela desconhece, aprisionada em um cômodo, monitorada por Grace Poole, que é uma das narradoras dessa parte do romance. Através da presença de Poole na narrativa de Rhys, temos um dos pontos de intertextualidade entre *Vasto mar de sargaços* e *Jane Eyre* (Brontë, 2008), como havia sido apontado, e o homem ao qual a empregada se refere é o marido de Antoinette. Ao falar sobre o patrão, a empregada especula sobre alguns boatos que circulam nas redondezas:

Ele [o marido] herdou tudo, mas já era um homem rico antes disso. Algumas pessoas têm sorte, foi o que comentaram, e houve boatos acerca da mulher que trouxe de volta com ele para a Inglaterra. (Rhys, 2012, p. 175)

Antoinette, inicialmente, não sabe onde está, nós leitoras/es temos essa informação a partir da narração de Poole, de que Antoinette foi levada para a

<sup>51</sup>Y que Europa se pensara a sí misma como espejo del futuro de todas las demás sociedades y culturas; como el modo avanzado de la historia de toda la especie. (Quijano, 1992, p. 18)

<sup>52</sup> Rhys, 2012, p. 178

Inglaterra pelo marido; anteriormente, ele havia prometido lhe afastar de tudo que ela amava: “Ela disse que amava este lugar [Granbois]. Pois nunca mais irá vê-lo.” (Rhys, 2012, p. 164) Ele cumpre sua promessa de vingança, retirando Antoinette da sua terra natal, conseguindo encontrar uma forma de controlá-la. Em solo inglês, ela é isolada em um dos quartos da casa do marido, e como podemos interpretar a partir da fala de Grace Poole, sua existência é confabulada a partir de boatos; não se sabe se realmente o herdeiro daquela propriedade possui uma esposa, afinal, ela não é vista em público. Antoinette então vive na parte alta da casa, como se fosse um sótão, em um quarto apenas na companhia de Poole,

Aqui só tem uma janela, bem no alto - não dá para olhar para fora. Minha cama tinha portas, mas elas foram retiradas. Não há mais quase nada no quarto. A cama dela [de Grace Poole], um armário preto, a mesa no meio com duas cadeiras pretas com frutas e flores entalhadas. Elas têm espaldar alto e não têm braços. O quarto de vestir é muito pequeno, o quarto ao lado deste tem tapeçarias nas paredes. Um dia olhando para a tapeçaria, eu reconheci a minha mãe usando um vestido de baile, mas com os pés descalços. Ela estava olhando para longe de mim, por cima da minha cabeça, exatamente como costumava fazer. (Rhys, 2012, p. 178)

O lugar no qual a personagem está assume *status* de prisão para ela; se para Grace Poole “a casa é grande e segura, um abrigo do mundo lá fora.” (Rhys, 2012, p. 176), para Antoinette esse é um território estrangeiro, no qual a deixaram e as quatro paredes do cômodo é que tem sido sua companhia durante tanto tempo que ela não consegue nem estimar, perdeu-se a noção do real e temporal. Ela procura naquele espaço elementos familiares, mas até o mais elementar de todos, o sol, não está presente. A observação daquele espaço é tão intensa e desesperada, que a personagem vê Annette na tapeçaria do quarto-prisão, sua mãe, que no auge da juventude era muito diferente do cadáver em vida que se tornou após Coulibri; usava um vestido de baile, evento típico da aristocracia inglesa, e ainda descalça, talvez, indicando a não absorção completa dessas mulheres crioulas pela cultura estrangeira. Podiam ter as peles brancas e serem descendentes de europeus, mas nunca seriam europeias, tanto a mãe quanto a filha. Se Coulibri e Granbois possuíam o poder de aumentar a potência de agir da personagem, a Inglaterra a afeta de maneira oposta. Antoinette parece uma naufraga nesse lugar estrangeiro no qual sua existência é ocultada; ela vive nas sombras, como um fantasma da mulher que já foi um dia.

Boa parte dos empregados foram demitidos e apenas alguns, os ditos como verdadeiramente leais ao marido terem permanecido; Grace Poole permanece pela

segurança que aquela casa lhe fornecia, mesmo tendo que fazer um trabalho tão hediondo quanto servir de carcereira daquela pobre moça. A empregada teme pela sua segurança, pois,

(...) aquela moça que vive dentro da sua própria escuridão. Uma coisa eu tenho que dizer, ela não perdeu a coragem. Ela ainda é feroz. Eu não dou as costas para ela quando ela está com aquela expressão nos olhos. Eu a conheço.” (Rhys, 2012, p. 176)

O objetivo do marido ao separá-la dos territórios do Caribe e de Christophine, foi o de obter um controle total sobre Antoinette. Ele a desterritorializa para subjugar-la, pois mesmo ao voltar de Granbois, já em Spanish Town, ela ainda tinha conhecidos e também teve um breve relacionamento com Said, que era filho de um dos seus irmãos bastardos. Além do fato dele preferir estar em seu país, do que na colônia, mesmo que a considerasse inferior e louca, o marido queria ter poder sobre ela e não toleraria traições. A morte do pai e do irmão o tornaram herdeiro e a volta para a Inglaterra era uma opção mais do que ideal para ele, assumiria controle de patrimônio herdado e aumentaria a influência sobre a esposa. A desterritorialização é apontada por Haesbaert e Bruce (2002, p. 14) como um dos quatro componentes que formam um território, está se referindo ao “(...) movimento pelo qual se abandona um território”; no caso de Antoinette, esse abandono é forçado e se enquadra como uma violência à existência da personagem.

As ações de isolamento para a dominação da esposa, a levaram a concretização da loucura congênita que ele lhe atribuía. Antoinette perde-se nesse trânsito entre o Caribe e a Europa. Após tanto tempo presa, ela apresenta comportamentos de confusão mental, já não consegue distinguir mais quem é e onde está, o real e o imaginário habitam um único plano

Naquela tarde nós fomos à Inglaterra. Havia grama e água cor de azeitona e árvores altas dando para a água. Isto, eu pensei, é a Inglaterra. Se eu pudesse ficar aqui, eu poderia ficar boa e o **barulho na minha cabeça iria parar**. Deixei-me ficar mais um pouco, eu disse, e ela [Grace Poole] se sentou embaixo de uma árvore e adormeceu. (Rhys, 2012, p. 182, grifos nossos)

Esse é um dos poucos momentos que Antoinette relata ter saído de casa e a proximidade com a natureza parece ser um elixir para seu sofrimento psicológico, que apontamos como causa desse seu comportamento citado como violento. O isolamento como prática para tratamento de pessoas diagnosticadas como portadoras de doenças mentais era comum na Inglaterra vitoriana, tratamento que se alicerçava nos seguintes

princípios: o da insanidade moral, controle moral e o da arquitetura moral, como Showalter (1991, p. 29) explica,

A “insanidade moral” redefiniu a loucura, não como perda de razão, mas como desvio do comportamento socialmente aceito. O “controle moral” substituiu supervisão rigorosa e preocupação paternal no lugar de restrição física e tratamento severo, em um esforço para reeducar o insano em hábitos de indústria, autocontrole, moderação e perseverança. A “arquitetura moral” construiu asilos planejados como ambientes terapêuticos nos quais os lunáticos poderiam ser controlados sem o uso da força e nos quais eles poderiam ser expostos a influências benevolentes.<sup>53</sup>

Ao aprisionar a esposa, que ele acreditava ser louca, o marido lhe conferia um tratamento comum naquele período e, também, escondia dos olhos da sociedade inglesa aquela mulher que ele tentava dominar, mas que encontrava formas de resistir às violências que lhe eram impostas, formas essas que foram discutidas no capítulo anterior. Antoinette com suas noções de realidade deturpadas, consegue voltar a si em raros momentos de reconhecimento da sua condição, e em alguns desses ela sai do quarto e vaga pela casa,

Então eu abro a porta e entro no mundo deles. Ele é, como eu sempre soube, feito de papelão. Eu já o vi antes em algum lugar, este mundo de papelão onde tudo é colorido de marrom ou de vermelho escuro ou de amarelo sem um pingote de luz. Enquanto caminho pelos corredores, sinto vontade de ver o que há por trás do papelão. Eles me dizem que estou na Inglaterra, mas eu não acredito neles. Nós nos perdemos a caminho da Inglaterra. Quando? Onde? Eu não me lembro, mas nós nos perdemos. Será que foi aquela noite na cabine que ele me encontrou conversando com o rapaz que trazia a minha comida? (...) Foi naquela noite, que acho, que nós mudamos de curso e perdemos o caminho para a Inglaterra. Esta casa de papelão onde eu caminho à noite não é a Inglaterra. (Rhys, 2012, p. 179)

Ela diz que este mundo que agora habita e que não acredita que seja a Inglaterra, é feito de papelão. Talvez, primeiramente, por suas cores, tons pálidos e fechados, similar a cor neutra do papelão, mas também pela sua artificialidade aos olhos da personagem. Como toda aquela casa cheia de cômodos e vazia poderia ser real? Poderia se assemelhar a um labirinto para ela. A realidade para Antoinette estava na natureza, em seus diversos tons e sua exuberância, afinal, foi em um

---

<sup>53</sup>““Moral insanity” redefined madness, not as a loss of reason, but as deviance from socially accepted behavior. “Moral management” substituted close supervision and paternal concern for physical restraint and harsh treatment, in an effort to re-educate the insane in habits of industry, self-control, moderation, and perseverance. “Moral architecture” constructed asylums planned as therapeutic environments in which lunatics could be controlled without the use of force, and in which they could be exposed to benevolent influences” (Showalter, 1991, p. 29).

território assim que ela cresceu. Não seria possível que este território fosse a Inglaterra que ela conhecia dos livros e quadros, esse lugar no qual nem o sol podia penetrar e no qual tudo era sombras. Suas últimas memórias são da viagem para a Inglaterra, após ser medicada no navio em que viajavam, permanecendo por muito tempo sedada. A partir dali, não conseguiu encontrar-se novamente, parte de Antoinette parece ter ficado entre as Índias Ocidentais e o mar – restando uma mulher doente que desembarcou em solo europeu.

A personagem passa a ingerir a bebida alcoólica de Grace Poole, quando a empregada, embriagada, adormece, “(...) Quando voltei para a cama, consegui me lembrar melhor das coisas e voltar a pensar. E não estava com tanto frio.” (Rhys, 2012, p. 177) O álcool age dessa forma no seu organismo, lhe trazendo memórias e adormecendo o corpo naquele clima inglês. Não poderíamos confirmar que essa ação fosse uma tentativa de fuga da realidade, pois esse entre lugar do real e irreal dentro da realidade ficcional é o espaço que Antoinette habita agora, mas, talvez, uma forma de aplacar o sofrimento a partir de novas sensações provocadas por essa droga lícita. Para uma mulher que cresceu livre e brincando em territórios banhados pelo sol e por uma natureza abundante, estar presa em um quarto frio e sem luz, no alto de uma casa, é como morrer lentamente a partir da aniquilação gradual de partes dessa subjetividade. No excerto a seguir, Antoinette fala desse tempo em que está presa

- Pelo contrário - eu disse -, só eu sei há quanto tempo estou aqui. Noites e dias e dias e noites, centenas deles escorrendo pelos meus dedos. Mas isso não importa. O tempo não significa nada. Mas algo que você pode tocar e segurar, como o meu vestido vermelho, isso tem um significado. Onde ele está? (Rhys, 2012, p. 183)

Perde-se a noção do tempo, não é possível saber há quanto tempo ela está ali, naquela prisão, ela também perde a noção de quem é; a confusão mental que vivencia é causada pelas violências empregadas contra esse corpo-território. Refletir sobre o corpo da protagonista enquanto um território nos permite pensá-lo a partir desse conceito que articula a maneira como a espoliação colonial é colocada sobre os corpos femininos e feminizados em prol do sistema moderno-colonial (Gago, 2019). Sua atenção está direcionada para a procura desse vestido vermelho, que será o ponto inicial para relembrar algo:

Mas eu olhei para o vestido no chão e foi como se o **fogo** tivesse se espalhado pelo quarto. **Foi lindo** e me lembrou que havia uma coisa que eu precisava fazer. Eu vou me lembrar, pensei. Vou me lembrar muito em breve. (Rhys, 2013, p. 185, grifos nossos).

Tendo essa forte ligação com o sol, Antoinette alinha esses seus pensamentos ao fogo, elemento que simbolicamente apresenta características solares, similaridade de cor e temperatura, além de sua parcela ritualística. Então, assim o sol todas as manhãs ao nascer pode representar um novo começo e o fogo pode ser lido como o renascimento. Esse fogo que tanto se diferencia daquele território frio que Antoinette é forçada a habitar, traz esse elemento de diferença, a ideia do fogo, que, como dito, aparece alinhado ao renascimento, mas também à destruição; o passado da personagem tem forte conexão com o potencial destruidor do fogo, pois Coulibri foi consumida pelas chamas, o que aterrorizou a personagem e sua família. Entretanto, essas mesmas chamas possuem um significado diferente para a população negra de libertos que viviam nas proximidades da propriedade, a destruição daquele lugar, para aquelas pessoas, era a destruição de um símbolo de poder colonial.

Dessa maneira, o fogo aparece em momentos importantes na narrativa. Antoinette estabelece assim uma relação direta com esse elemento, sendo ela uma mulher que difere completamente daquele território escuro e frio que ocupa forçosamente. O fogo é então esse elemento central ao final do romance, que desperta Antoinette nesse território que a enlouquece.

Desde o início deste capítulo destacamos o afeto enquanto potência, em afetar e ser afetado e o plano das afetividades, pois essas são grande influência nas subjetividades. Se os territórios de Coulibri, o convento, a casa de Richard Mason e Granbois foram lidos como territórios de afeto para Antoinette, também o é este quarto-prisão no qual a personagem encontra-se trancada. Um processo de desterritorialização sempre é articulado a um de reterritorialização (Haesbaert, 2021; Haesbaert; Bruce, 2002), para composição de um território, logo, o quarto-prisão é um território que afeta a existência de Antoinette a descaracterizando de si. Ele diminui sua potência de agir, ela sente-se perdida, desorientada; nessa última parte em nenhum momento a personagem é chamada pelo seu nome, levando a questões de fragmentação identitária, pois o uso do nome poderia ser lido como uma reafirmação de quem ela era. Pelo contrário, ela passa a vagar pela casa que habita apenas a noite, quando Grace Poole dorme, em meio às sombras como um fantasma. O seu desequilíbrio mental é causado pelo tratamento que lhe é conferido, presa em sua cela concretiza o discurso do marido, assumindo o papel de louca que ele elaborou desde a lua de mel em Granbois. Como Christophine havia falado: “Ela é uma moça crioula, e tem o sol nela.” (Rhys, 2012, p. 156), ao sair do Caribe para a Inglaterra, Antoinette

sofre essa grande perda que foi a de um território ao qual pertencia, passando pelo processo de luto causado pelo exílio.

O entre-lugar habitado por Antoinette fez com que ela se agarrasse a territórios específicos para ancorar sua existência, pois como Christophine diz no tocante a essa problemática de identificação da protagonista: “Ela não é *béké* como o senhor, mas é *béké*, e não como nós também.” (Rhys, 2012, p. 153); quando Christophine diz que Antoinette é *béké*, mas não como o marido, ela assinala a diferença que vai além da cor da pele da personagem, pois mesmo sendo branca não é europeia; e mesmo não sendo europeia, tem a pele branca e não pode ser assimilada pela cultura das pessoas negras das Antilhas.

Ela pertenceria a essa população branca nascida nas colônias; contudo, por ser filha de uma mãe que nasceu na Martinica, também não é assimilada pela burguesia jamaicana; por isso, esse entre-lugar tão complexo que a protagonista habita lhe fornece problemáticas de identificação tão profundas. Antoinette possuía apenas alguns territórios de afeto para se ancorar no Caribe, além deles há o mar que surge no título do romance e é o território de quebra e separação para Antoinette. Ela atravessa o mar de sargaços, “região do oceano Atlântico, próxima ao Caribe, que compreende mais de três milhões de quilômetros quadrados” (Portilho, 2012, p. 5), e, durante essa travessia, que leva a separação dela dos territórios e águas do Caribe, Antoinette tem sua vida traçada pelas vontades do marido. Viverá durante muito tempo, reclusa nessa conturbada parte de si que é a mente, mal compreendida e aprisionada por uma sociedade que lê aquele corpo como inferior e degradado, como o marido lhe fala: “Filha sem-vergonha de uma mãe sem-vergonha.” (Rhys, 2012, p. 184). Ela articula sua liberdade; ao final do romance, temos relações entre o passado da personagem e suas ações de um tempo presente ou futuro, não se consegue precisar, mas, com esse final em aberto, Antoinette tenta encontrar uma maneira de dar um fim ao seu aprisionamento e ao poder que aquele homem exerce sobre sua existência.

Nesse terceiro e último capítulo de análise de nossa pesquisa tratamos da relação entre os afetos e os territórios a partir do giro decolonial. As vivências de Antoinette nesses espaços foram o guia das nossas leituras sobre a forma como eles afetam a existência da protagonista e como o campo afetivo possui centralidade na construção dos territórios. No próximo capítulo, pretendemos alinhar nossas considerações finais sobre o que estudamos até o momento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua ação artística Jean Rhys realiza um fazer cartográfico, no sentido de fazer existir, permitindo as/aos apreciadoras/es da arte literária enveredar por novos territórios e entrar em contato com subjetividades subalternas. Nasce Antoinette sob ação criativa de Rhys, após anos de escrita e reescrita, mulher caribenha que traz em sua existência uma forte vinculação com os territórios que habita. Como foi apresentado ao longo de nossa pesquisa, nessa espécie de romance de formação, não nos moldes do romantismo europeu, Rhys nos concede a chance de conhecer Antoinette; a/o leitor/a segue a personagem da infância até a vida adulta.

*Vasto mar de sargaços* ([1966]2012) consta em coletâneas sobre a produção literária em língua inglesa vinculado ao pós-colonialismo e aos feminismos, produção acadêmica essa majoritariamente internacional. No Brasil, a obra de Jean Rhys praticamente não é tão estudada, como foi apontado no primeiro capítulo. Pensando em colaborar com a fortuna crítica da autora e trabalhar com o romance a partir do giro decolonial, em nossa pesquisa, objetivamos utilizar a decolonialidade como perspectiva que se encontra vinculada a todos os nossos conceitos de análise. Ao elaborarmos essa pesquisa partindo dessa perspectiva, em nossa análise dos afetos e das violências em *Vasto mar de sargaços* de Jean Rhys (2012), consideramos a importância de direcionarmos nosso olhar às subjetividades de Christophine, Antoinette e Annette, pensando que são esses corpos-territórios que se configuram como esferas de dominação e violência que se encontram expostos ao processo de colonização. Annette, crioula da Martinica, encontra-se sobre o estigma da estrangeiridade naquela sociedade jamaicana. Na posição social de uma mulher que originalmente pertencia a elite que explorava o trabalho de pessoas escravizadas. Ela deveria desempenhar alguns papéis sociais, como o de geradora de herdeiros para a família Cosway. Todavia, após o falecimento do marido e a ruína da propriedade, a condição de pobreza da família de Coulibri os coloca na posição de excluídos socialmente pela elite local. Esse fato, aliado à tensão com a comunidade de libertos que moravam nas redondezas, cria um clima de insegurança e ansiedade, no qual a principal afetada é Annette.

Em um segundo casamento com um inglês Annette vê a possibilidade de resolução dos seus problemas; entretanto, essa união com o Sr. Mason foi um paliativo na situação de miséria da família e que expõe a personagem a situações de

violência e abandono. Sobre esse corpo-território, temos enquadrado o estereótipo da mulher crioula, sujeito de descendência europeia nascido nos territórios colonizados, um sujeito que deve seguir o padrão de comportamento da mulher inglesa (Freitas, 2017;Silva, 2021), de pureza e subserviência; mas que é colocada, também, sob um viés hipersexualizado, chegando a beirar a ideia de bestialidade, recebendo a influência das leituras que são feitas sobre os sujeitos não-brancos durante o período de colonização. Ao não apresentar um comportamento de acordo com o desejado, de obediência à figura masculina, Annette é ignorada e diagnosticada como louca, Christophine aponta que o tratamento que ela recebeu fez com que um diagnóstico precipitado se transformasse em uma doença real.

A personagem não conseguiu enfrentar a colonialidade do poder e de gênero que seu alzo, Sr. Mason, perpetuava na maneira como a tratava. As reações possíveis de Annette são poucas, pois a personagem é rapidamente silenciada pelas violências que sofre e a existência daquele corpo-território é direcionada ao apagamento; o infortúnio daquela mulher transcorre como natural para alguns personagens do romance, exceto para Antoinette e Christophine. Então, Annette se refugia na última fronteira do ser, o seu corpo-território, se recolhe de tal maneira, que como Antoinette reflete, a mãe já havia morrido há muito tempo antes que a morte daquela matéria fosse confirmada. A mãe biológica de Antoinette nunca foi lida como um ser humano completo pela lógica colonial (Segato, 2021;2022), pagando o preço por acreditar que o colonizador poderia manter em segurança a sua existência.

Em Christophine temos o oposto de Annette; o trabalho com o conceito de interseccionalidade a partir de Lugones (2014) nos ajudou a estabelecer diferenças nas leituras desses dois corpos-territórios e a forma como eles são tratados socialmente. Sendo Christophine uma mulher negra da Martinica que foi escravizada e depois liberta, ela sabe que não existe apoio que possa esperar dos europeus e vê com desconfiança a elite local. Ao longo da narrativa, suas opiniões são colocações premonitórias, ela consegue perceber o que Annette e Antoinette falham em compreender: que sujeitos como elas nunca serão lidas como seres humanos completos por esse sistema. As duas crioulas ainda podem tentar ser assimiladas por ele, mas ela, Christophine, sabia que a sua existência seria sempre lida como animalizada e faltosa pelos brancos. Possivelmente, por se distanciar tanto de qualquer possibilidade de assimilação pelo sistema, ela sabe que deve enfrentá-lo e o faz, a partir de suas falas, vemos como se impõe ao marido de Antoinette, que na

narrativa de Rhys representa o colonizador branco com suas práticas arrogantes e violentas.

Na existência de Christophine, temos práticas de resistência à colonialidade do poder (Quijano, 1992) e do saber (Maldonado-Torres, 2018), pois suas práticas religiosas vinculadas a *obeah* são enxergadas como ameaçadoras para o sistema colonial. A guerra colonial também se articula contra esses saberes insurgentes, como Gago (2019, p. 60) coloca: “são saberes-poderes estratégicos tanto no recuo defensivo quanto na persistência do desejo de desobediência.” Antoinette, ao ser cuidada por boa parte da vida por Christophine, recebe a influência da capacidade de articular estratégias de sobrevivência dessa sua mãe substituta. É essa influência que apontamos como aspecto fundamental para que a personagem conseguisse sobreviver às violências praticadas pelo marido contra ela, como a renomeação (ele passa a chamá-la de Bertha), a maneira como ele a ignora quando ela tenta conversar, o afastamento forçado perpetrado por ele tanto de pessoas queridas para Antoinette quanto dos territórios que fortalecem a existência da personagem, a desterritorialização como uma violência, e, depois, o isolamento imposto a personagem em solo inglês. Mesmo recebendo esse tratamento que poderia levar qualquer pessoa à loucura, Antoinette em seus momentos de consciência tenta articular maneiras de fugir da sua prisão.

Essas duas mulheres, Annette e Christophine, aparecem como decisivas na vida de Antoinette e ao analisarmos as violências que elas sofrem a partir do giro decolonial, com o conceito de corpo-território (Gago, 2019), torna-se possível pensarmos como o sistema moderno-colonial articulou políticas para subjugação de subjetividades lidas como dissidentes, por não se encontrarem no padrão de normalização estabelecido pelo sistema. Só é possível pensarmos no caráter sistêmico das violências a partir do momento que lemos esses corpos para além do âmbito individual e privado. Se a vida de Antoinette espelha situações vividas por Annette, devido ao seu forte vínculo afetivo com Christophine e com os territórios caribenhos, ela sobrevive às violências do colonizador e tenta sair, escapar de sua prisão. O final em aberto da narrativa rhyssiana não nos permite afirmar que Antoinette foi bem sucedida em seu pensamento de fugir do quarto-prisão, mas, agora, na posição de meras leitoras deste romance, em nossas confabulações, desejamos que ela tenha sido capaz de alcançar a sua liberdade e a vingar-se de seu algoz.

Ao nos debruçarmos sobre as reações possíveis desses corpos-territórios frente às violências do sistema moderno-colonial, o corpo é a esfera de afirmação de nossa existência no plano social, refletindo acerca do “(...) problema spinoziano sobre o que podem os corpos.” (Gago, 2019, p. 100), pois a palavra passiva não se encontra como definidora de nenhuma dessas existências. As personagens de Rhys são mulheres que, de maneiras e de intensidades diferentes, articulam estratégias para sobreviver e, no caso de Christophine e Antoinette, conseguem enfrentar mais diretamente as colonialidades que tentam violar e apagar as suas existências. Pensar as violências que são impostas a elas de maneira ampla nos permite pensá-las para além do lugar de vítimas passivas (Cabnal, 2010; Gago, 2019) do sistema moderno-colonial. Afinal, “sair da perspectiva da violência como vitimização não nos exime do problema da violência ou de entender sua especificidade; pelo contrário, o reposiciona.” (Gago, 2019, p. 72) Ao nos propormos a destacar as reações das personagens de *Vasto mar de sargaços* frente às violências que elas sofrem, tentamos pensar como, mesmo enfrentando um sistema que é extremamente articulado para subjugar-las, elas não são vítimas passivas dele.

Em nosso terceiro e último capítulo, direcionamos o nosso olhar para os territórios que integram as andanças de Antoinette. Para emprendermos nossa análise dos referidos lugares, articulamos a utilização dos termos território e afeto, territórios de afeto, e para elucidarmos a leitura que fazemos do último optamos por tratar, primeiramente, do giro afetivo (Macón;Solana;Vacarezza,2021;Solana;Vacarezza, 2020a;2020b). Pensando os afetos a partir do viés spinozano como uma potência (Deleuze, 2019), que é capaz de aumentar ou diminuir a capacidade de agir do sujeito a depender da forma como ele é afetado. Além de utilizarmos o termo afeto tanto para nos referirmos a ação de afetar ou ser afetado como relacionado ao campo afetivo, seguimos para discussões com alguns/mas pesquisadoras/es sobre a importância dos afetos para pensarmos sobre poder, corpos e colonização.

Em Coulibri temos o primeiro território de afeto para Antoinette, é ali que ocorre as andanças da criança em meio ao paraíso que aquele território representava para ela. Ali era o seu refúgio dos problemas que a assolavam, o distanciamento da mãe, a tensão com os vizinhos e a pobreza. A partir de Coulibri percebemos como os territórios possuem o poder de entranhar-se nas subjetividades; em alguns momentos Antoinette relata conseguir integrar-se à natureza que tanto amava e que lhe proporcionava um aumento na sua potência de agir, ela estava feliz. E na personagem

de Christophine temos o corpo-território de afeto para Antoinette, já que é na sua mãe substituta que Antoinette ancora-se; ao sentir-se perdida ela sempre se volta para a proteção que Christophine representa. Ao ter de abandonar esses seus territórios de afeto da primeira infância e sendo obrigada a morar em Spanish Town, Antoinette se reterritorializa no convento. Como Haesbaert e Bruce (2002) colocam ao discutir o conceito de território de Deleuze e Guattari, este é articulado a partir de quatro componentes: agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação, desterritorialização e reterritorialização. Dessa forma, ao sofrer uma desterritorialização essa subjetividade é reterritorializada em novo território, nem sempre esse processo representa um aumento na potência de agir, podendo afetar o sujeito de maneira negativa.

Ao encontrar-se isolada no convento, a solidão de tal território lhe remete à solidão de Coulibri e a personagem sente-se protegida ali, a reclusão social é amparada por uma reclusão pessoal. Ao casar-se e regressar para o território de suas lembranças mais caras, Antoinette transforma-se completamente; torna-se mais falante e alegre em Granbois e reencontra Christophine, antes isolada, agora integrada aos territórios de afeto que tanto lhe deixam feliz. É a dinâmica do casamento da personagem o conflito central da segunda parte do romance; para o marido, tanto a sua esposa quanto os territórios caribenhos são vistos como inimigos. Ao sentir-se afetado por esses territórios ele revida e nessa ação analisamos como ele mune-se de violências diversas, apoiadas no sistema moderno-colonial, para tentar exercer seu poder sobre o corpo-território de Antoinette. A articulação da subjugação da personagem pelo esposo encontra maior amplitude quando ele consegue desterritorializá-la, levando-a da Jamaica para Inglaterra. Em território inglês, Antoinette encontra-se mergulhada em uma profunda introspecção, perdida em si, e tal trânsito da personagem, tanto o interior quanto o exterior, fazem alusão ao título do romance. Como Antoinette coloca, aparentemente, perdeu o curso do seu destino enquanto atravessavam o mar de sargaços, e essa desorientação geográfica é aplicável ao mar que representaria a mente da personagem habitado pelos sargaços que dificultam a sua volta à realidade depois da reclusão forçada nas sombras do quarto-prisão. Ao mesmo tempo, o sargaço, com seu aroma típico da terra agora distante, ficou para trás, não podendo mais ser acessado como textura, pelas mãos, nem como cheiro diverso e antes comum.

Essa travessia que Antoinette realiza, saindo da Jamaica para a Inglaterra, dois territórios insulares que guardam um oceano tanto de diferenças quanto pelo distanciamento geográfico, é um amplo deslocamento que surge desde o título do romance com o adjetivo “vasto”; representando, então, tanto essa parcela das vivências da personagem em terras caribenhas, ao pensarmos no mar de sargaços, quanto o seu trânsito maior e final para terras estrangeiras. Ao realizar esse amplo deslocamento, Antoinette cruza fronteiras tanto geográficas quanto do ser, ao pensarmos na transformação da personagem após a desterritorialização. O romance rhyiano nos permite empreender uma longa caminhada ao lado de Antoinette pelos territórios caribenhos, entrando em contato não apenas com a natureza tão exaltada pela protagonista, mas, principalmente, com complexas relações coloniais e as feridas, ainda abertas, que o processo de colonização europeu deixou nas nossas Américas. A multiplicidade da identidade caribenha é refletida em Antoinette, um sujeito no entre-lugar, que encontra a sua relação ideal com o território e não com outros sujeitos. Se um incômodo gerado fez com que Jean Rhys utiliza-se a sua criatividade para conceber Antoinette e todas as outras personagens que compõem essa narrativa, não podemos deixar de saudar o poder da criação literária para a reinvenção de existências novas e em nos proporcionar a possibilidade de analisarmos o passado a partir de posicionamentos e discursos não-hegemônicos, que lutam para sobreviver em sua singularidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.
- AHMED, Sara; SCHMITZ, Sigrid. Affect/Emotion: Orientation Matters. A Conversation between Sigrid Schmitz and Sara Ahmed. *Freiburger Zeitschrift für Geschlechter Studie*, V. 20, N. 2, p. 97-108, 2014.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In: **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. Porto Alegre: Editora Zouk, p. 15-39, 2015a.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Cartografias contemporâneas: Espaço, corpo, escrita**. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015b.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-colonial Literatures**. Londres: Routledge, 1989.
- ANZALDÚA, Gloria. **Bordelands/La Frontera: The New Mestiza**. 1º edição. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11, v. 2, p. 89- 117, 2013.
- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. 4º edição. New York: Oxford University Press, 2008.
- CABNAL, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. In: MOURA, Iara; PRAÇA, Mariana. **Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Instituto PACS, pp. 23-28, 2018.
- CABNAL, Lorena. **Feminismos diversos: el feminismo comunitario**. ACSUR, 2010.
- CARVALHO, Guilherme. O Feminismo Decolonial de María Lugones: colonialidade, gênero e Interseccionalidade. *Revista TOMO, [S. l.]*, v. 42, p. 1-14, 2023.
- DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. Fortaleza: EdUECE, 2019.
- DONNELL, Alison. **Twentieth-Century Caribbean Literature: Critical moments in anglophone literary history**. 1º edição. New York: Routledge, 2006.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 24-33, 2000.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Tradução: Ligia Fonseca e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FONSECA, Maria Eduarda Rodrigues da. **“There is always the other side”**: Displacement and resistance in Jean Rhys’s *Good Morning, Midnight and Wide Sargasso Sea*. 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

FREITAS, Viviane Ramos de. **Cartografias do exílio**: Errâncias e espacialidade na ficção da escritora caribenha Jean Rhys. 2017. Tese (Doutorado). Instituto de Letras - Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2017.

FREITAS, Viviane Ramos de. Vasto mar de sargaços: a poesia, a identidade e o mar caribenhos. **interFACES**, v. 28, n. 1, p. 140-157, 2018.

FUNCK, Susana Bornéo. **Crítica literária feminista: Uma trajetória**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GREENBLATT, Stephen (ed.). **The Norton Anthology of English Literature**. Vol. 2. 8th ed. New York and London: W. W. Norton & Company, 2006.

GREGG, Melisa; SEIGWORTH, Gregory. **The Affect Theory Reader**. Durham: Duke University Press, 2010.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): Contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro(multi)territorial/de(s)colonial na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: Novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

KACZAN, Gisela; GONZÁLEZ, Agustina. Afectos y emociones: Cuerpos y espacios en el ocio. *In: ANAPIOS, Luciana; HAMMERSCHMIDT, Claudia. Política, afectos e identidades en América Latina*. pp: 69-97. Buenos Aires: Clacso, 2022.

LARA, Ali. Mapping Affect Studies. *Athenea Digital*, v. 20(2), 2020.

LARA, Ali. The Politics of Sensibility and the Colonization of Gender (a.k.a. Men Hate Women). *In: MACÓN, Cecília; SOLANA, Mariela; VACAREZZA, Nayla Luz. Affect, Gender and Sexuality in Latin America*. Palgrave Macmillan. pp. 109-123, 2021.

LOPOUKHINE, Juliana. Exceptionality and unexceptional in Jean Rhys's interwar fiction. *Miranda*. v. 23, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/miranda/42364>. Acesso em: 10/01/2024.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, p.52-83, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 31-61, 2018.

MASSUMI, Brian. “The Autonomy of Affect”. *Cultural Critique*, Minneapolis, n. 31, parte II, p. 83-109, 1995.

MENDOZA, Breny. La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo latinoamericano. *In: MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. Buenos Aires: en la frontera, v. 1, p. 19-36, 2010.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. **On Decoloniality: concepts, analytics and praxis**. Londres: Duke University Press, 2018.

NUNES, João Lucas. “O que estou fazendo neste lugar e quem sou eu?": a loucura e o desejo feminino em *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys. 2022. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências,

Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São José do Rio Preto, 2022.

OLIVA, V. F. Do corpo-espaço ao corpo-território: o que a Geografia Feminista tem a dizer?. **Ensaios de Geografia**, v. 8, n. 17, p. 139-157, 31 jul. 2022.

PORTILHO, Carla. Prefácio. *In*: RHYS, Jean. **Vasto mar de sargaços**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. *Perú Indígena*, v.13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2024.

RHYS, Jean. **Vasto mar de sargaços**. Tradução: Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

RHYS, Jean. **Wide Sargasso Sea**. New York: W. W. Norton & Company, 2016.

RUSSEL II, Keith A.. “Now Every Word She Said Was Echoed Loudly in My Head”: Chirstophine’s Language and Refractive Space in Jean Rhys’s “Wide Sargasso Sea”. **Journal of Narrative Theory**. vol. 37. nº 1., p. 87-103, jun. 2007. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41304851>. Acesso em: 08/10/2023.

SAVORY, Elaine. **Cambridge Studies in African and Caribbean Literature: Jean Rhys**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SAVORY, Elaine. **The Cambridge Introduction to Jean Rhys**. Cambridge University Press. New York, 2009.

SEGATO, Rita. **Cenas de um pensamento incômodo: Gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial**. Tradução: Ayelén Medail; Larissa Bontempi; Rita Paschoalin; Silvia Massimini Felix. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SEGATO, Rita. **Crítica da decolonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Tradução: Danú Gontijo;Danielli Jatobá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. Tradução: Rose Barboza. **E-cadernos ces**, n. 18, p. 106-131, 2012.

SHOWALTER, Elaine. **The Female Malady: Women, Madness and English Culture, 1830-1980**. London: Virago, 1991.

SILVA, Karoline dos Santos. “**Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer**”: opressão e violência contra mulheres caribenhas nos

romances *Vasto mar de sargaços*, de Jean Rhys e *La mulâtresse Solitude* de André Schwarz-Bart. 2021. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

SOLANA, Mariela. Afectos y emociones. ¿una distinción útil? *Revista Diferencia(s)*, N. 10, pp. 29-40, 2020.

SOLANA, Mariela; VACAREZZA, Nayla Luz. “Relecturas feministas del giro afectivo”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020a.

SOLANA, Mariela; VACAREZZA, Nayla Luz. “Sentimentos feministas”. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020b.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SZTULWARK, Diego. **A ofensiva sensível: Neoliberalismo, populismo e o reverso da política**. Tradução: Gabriel Bueno da Costa. São Paulo: Elefante, 2023.

VÈRGES, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2019.